

LIVRO
DA
SELVA

RUDYARD KIPLING

PREFÁCIO

As demandas que um trabalho dessa natureza impõem sobre a generosidade de outros especialistas são imensas. O Editor não mereceria esse mesmo tratamento caso não registrasse da maneira mais completa possível o reconhecimento de tal dívida.

Seus agradecimentos vão, em primeiro lugar, para o erudito e talentoso Bahadur Shah, elefante de carga nº 174 no Registro Indiano. Ele e sua amável irmã, Pudmini, cordialmente forneceram a história de “Toomai dos elefantes” e muitas das informações contidas em “Os servos de Sua Majestade”. As aventuras de Mowgli foram colecionadas em várias oportunidades e locais diferentes, vindas de uma miríade de informantes, muitos dos quais solicitaram completo anonimato. ^[1] No entanto, dado o distanciamento, o Editor se vê na liberdade de agradecer ao cavalheiro hindu da velha pedra, um respeitável residente dos pontos mais altos de Jakko, ^[2] por sua descrição convincente das características nacionais, mesmo que um tanto cáusticas, de sua casta — os *Presbytis*. ^[3] Sahi, um sábio de recursos e talentos infinitos, membro da recentemente desfeita Alcateia Seoni e artista conhecido na maioria das feiras locais do sul da Índia, onde apresenta, junto com seu dono, a dança do focinho, atrai a juventude, a beleza e a cultura de várias aldeias. Foi ele quem contribuiu com valiosas informações sobre pessoas, hábitos e costumes presentes nas histórias “Tigre! Tigre!”, “A caçada de Kaa” e “Os irmãos de Mowgli”. Para os contornos de “Rikki-tikki-tavi” o Editor se encontra em dívida com um dos principais *herpetologistas* ^[4] da Índia Superior, um investigador destemido e independente que, decidido a “viver somente o aqui e o agora”, acabou recentemente sacrificando sua vida por conta da dedicação extrema ao estudo de nossas *Thanatophidias* ^[5] orientais. Um feliz incidente de viagem

permitiu ao Editor, quando à bordo do *Empress of India*, ^[6] ser de alguma ajuda a um companheiro de viagem. Os leitores de “A foca branca” poderão julgar por si mesmos como meus esforços para ajudar esse pequeno voador foram recompensados.

O LIVRO DA SELVA

Rudyard Kipling

OS IRMÃOS DE MOWGLI

Agora Rann, o milhafre, traz a noite

Que Mang, o morcego, libertou.

Os rebanhos estão trancados no estábulo

Enquanto nós rodamos até o sol raiar.

É a hora do orgulho e do poder,

Das unhas, garras e caninos.

Ah, ouçam o chamado, meus meninos!

Boa caçada a todos que seguem.

As leis da selva nos protegem.

— Canção da noite da selva

Eram sete horas de uma tarde muito quente ali pelas colinas de Seoni quando Pai Lobo acordou de seu descanso diário. Coçou-se, bocejou e esticou as patas, uma de cada vez, para tirar aquela dormência que sentia nas pontas dos dedos ao despertar. Mãe Loba estava deitada cercado quatro filhotes desajeitados e barulhentos com seu grande focinho cinza. A luz da lua brilhava na boca da caverna onde moravam.

— Augrh! — disse Pai Lobo. — Hora de ir caçar de novo.

Ele já estava pronto para descer a colina quando uma pequena sombra de rabo peludo atravessou a entrada e falou numa espécie de lamento:

— Boa sorte pra você, grande Chefe dos Lobos. Que a boa sorte e os bons dentes brancos estejam sempre com suas nobres crias para que nunca se esqueçam da fome que ronda este mundo.

Era o chacal — ou Tabaqui, o Lambe-Botas. Os lobos da Índia desprezam o Tabaqui porque ele corre por todo lado fazendo bagunça, fofoca e comendo trapos e tiras de couro dos montes de lixo das aldeias. Mas eles também têm medo do Tabaqui porque, mais do que qualquer outro animal da selva, ele fica louco facilmente. Quando isso acontece, ele se esquece do medo que tem dos outros animais e corre pela floresta mordendo tudo o que encontra pelo caminho. Até o tigre foge e se esconde quando o pequeno Tabaqui fica doido. Nada é mais terrível para um animal selvagem do que um ataque de raiva. Nós chamamos isso de hidrofobia, mas eles chamam de *dewanee* — a loucura — e fogem.

— Entre e olhe — disse Pai Lobo secamente. — Não há comida nenhuma aqui.

— Comida de lobo, não — disse Tabaqui —, mas para alguém tão desprezível quanto eu, qualquer osso velho é um banquete. Quem

somos nós, o Gidur-log, ^[7] para ficar escolhendo?

Disse isso e foi fuçar no fundo da caverna, onde achou um osso de antílope a inda com um naco de carne. Sentou-se e ficou roendo feliz a ponta do osso que havia encontrado.

— Obrigado a todos pela ótima refeição — disse, lambendo o focinho. — Que lindas são essas nobres crianças! Como seus olhos são grandes! E como são jovens! Verdade verdadeira, eu deveria me lembrar de que os filhos dos reis já nascem adultos.

Tabaqui sabia muito bem que não há nada que atraia mais azar do que elogiar crianças assim, na frente delas. Ele adorava deixar Mãe e Pai Lobo incomodados. Depois, sentou-se satisfeito com a malvadeza que havia acabado de praticar e disse maliciosamente:

— Shere Khan, o Grande, mudou seu território de caça. Pelo que me lua.

Shere Khan era o tigre que vivia perto do rio Waingunga, a trinta quilômetros de distância.

— Ele não tem esse direito! — esbravejou Pai Lobo. — Pela Lei da Selva, ele não pode mudar de área sem o devido aviso. Vai afugentar toda a caça num raio de quinze quilômetros. Eu terei de matar por dois.

— Sua mãe não o chamava de Lungri, o Manco, à toa — disse calmamente Mãe Loba. — Ele manca de uma pata desde que nasceu. É por isso que só mata vacas. Agora, após deixar os moradores de Waingunga furiosos, vem para cá, deixar os moradores daqui furiosos também. Vão vasculhar a selva para achá-lo, mas ele já vai estar longe. Nós e nossos filhotes vamos ter de fugir quando botarem fogo no capim. Realmente, estamos muito gratos a Shere Khan!

— Comunico a ele sua gratidão? — perguntou Tabaqui.

— Suma daqui! — disparou Pai Lobo. — Fora. Vá caçar com o seu

mestre. Já me causou problemas demais para uma só noite!

— Estou indo — disse Tabaqui calmamente. — Dá pra ouvir Shere Khan daqui, lá embaixo, na mata. Eu nem precisava ter avisado vocês.

Pai Lobo ficou atento e, lá embaixo, no vale que descia na direção de um riacho, ouviu o choramingo seco, aborrecido e musical de um tigre que nada havia caçado e que não estava nem aí se a selva toda soubesse.

— Que idiota! — disse Pai Lobo. — Começar uma noite de trabalho com um barulho desses! Será que ele acha que os nossos cervos são molengas como os bois gordos do Waingunga?

— Quietos. Não é nem de cervo nem de boi que ele está atrás hoje — disse Mãe Loba. — É de um homem.

A lamúria se transformou em um rosnado constante que parecia vir de todos os lados da bússola. Esse som deixava lenhadores e andarilhos que dormiam ao relento desorientados e, às vezes, os fazia cair diretamente na boca do tigre.

— Homens! — disse Pai Lobo arreganhando seus dentes brancos. — Que lástima! As lagoas estão cheias de besouros e sapos, mas ele quer comer homens. E ainda mais em nosso território!

A Lei da Selva, que nunca determina algo sem um motivo, proíbe que qualquer animal coma um homem. A exceção ocorre quando o objetivo da matança é ensinar aos filhotes como se mata. Nessas ocasiões, deve-se caçar fora da área de caça de seu próprio bando ou tribo. A verdadeira razão disso é que matar um homem significa que, cedo ou tarde, virão homens brancos armados, montados em elefantes e acompanhados por centenas de outros homens marrons com gongos, rojões e tochas. Com isso, todos na selva sofrem. A regra que os animais seguem é a de que o homem é, dentre todos os seres vivos, o mais fraco e indefeso. Por essa razão não é honrado

machucá-lo ou matá-lo. Também dizem — e isso é verdade — que os comedores de homens pegam sarna e seus dentes caem.

O ronco ficou cada vez mais forte e terminou com o sonoro “raargh!” do ataque do tigre.

Então ouviu-se o uivo — um uivo nada tigresco — de Shere Khan.

— Ele errou o bote — disse Mãe Lobo. — O que será que aconteceu?

Pai Lobo correu alguns passos adiante. Ouviu Shere Khan resmungando e balbuciando, tropeçando furioso sobre os arbustos rasteiros.

— Ele foi tolo o bastante para pular na fogueira dos lenhadores e queimou o pé — disse Pai Lobo grunhindo. — Tabaqui está com ele.

— Tem alguma coisa subindo o barranco — disse Mãe Loba levantando uma das orelhas. — Fique atento.

As folhas do mato se remexeram. Pai Lobo dobrou as pernas e abaixou os quadris, pronto para saltar. Em seguida, se você estivesse observando a cena, teria visto a coisa mais incrível do mundo: o lobo estancou no meio do salto. Ele fez o movimento antes de ver sobre o que estava pulando e, então, tentou parar. O resultado foi um disparo reto para cima, de cerca de um metro e meio, e uma aterrissagem praticamente no mesmo lugar onde estava antes do salto.

— Homem! — disparou ele. — Um filhote de homem. Veja!

Bem à sua frente, segurando-se num galho baixo, estava um bebê marrom, nu, que mal sabia andar. Era a coisa mais minúscula, gorducha e com covinhas nas bochechas que a noite já havia trazido para a entrada da caverna de um lobo. A criança olhou bem para a cara de Pai Lobo e deu uma boa risada.

— É um filhote de homem? — disse Mãe Loba. — Nunca vi um antes. Traga-o aqui.

Um lobo acostumado a carregar seus próprios filhotes pode, se necessário, morder um ovo sem quebrá-lo. Embora Pai Lobo tenha fechado suas mandíbulas nas costas da criança, ela não sofreu nenhum arranhão e assim foi colocada entre os outros filhotes.

— Que pequenino! Que pelado e... que corajoso! — disse Mãe Loba carinhosamente.

O bebê se enfiou entre os lobinhos e foi se aconchegar no pelo quente da loba.

— Veja! Ele já está jantando junto com os outros. Então é assim que são os filhotes dos homens? Nunca ouvi falar de alguma loba se gabar por ter um menino entre as suas crias.

— Já ouvi boatos por aí, mas nunca na nossa matilha. Sempre são histórias muito antigas — disse Pai Lobo. — Ele não tem nenhum pelo e morreria se eu lhe desse uma simples patada. Veja, ele olha para nós e não tem medo.

Algo bloqueou a luz da lua na entrada da caverna. Era a grande cabeça quadrada de Shere Khan. Seus ombros tentavam passar pela abertura. Tabaqui, atrás dele, se esgoelava:

— Meu senhor, meu senhor, ele entrou aqui!

— Shere Khan, mas que honra — disse Pai Lobo, enquanto seus olhos transmitiam pura raiva. — O que Shere Khan procura?

— Minha vítima. Um filhote de homem veio para cá — disse Shere Khan. — Os pais dele fugiram. Entregue o filhote para mim.

Shere Khan havia pulado na fogueira dos lenhadores. Estava furioso pela dor no pé queimado. Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para um tigre passar. Mesmo onde ele estava, seus ombros e patas dianteiras já estavam apertados pela falta de espaço. Parecia alguém tentando brigar dentro de um barril.

— Os lobos são um povo livre — disse Pai Lobo. — Seguimos as

ordens do líder da matilha e não de um matador de vaca listrado. O filhote de homem é nosso... e vamos comê-lo, se quisermos.

— Se quisermos, se não quisermos! Que história é essa? Pelo touro que matei, preciso meter meu focinho neste ninho de cães para pegar o que é meu? Sou eu, o grande Shere Khan, quem está falando!

O rugido do tigre preencheu a caverna como um trovão. Mãe Loba afastou seus filhotes e saltou para a frente. Seus olhos, como duas luas esmeraldas na escuridão, se fixaram no olhar furioso de Shere Khan.

— Eu, Raksha [A Demônia], ^[8] respondo: o filhote de homem é meu, Lungri. É minha propriedade! Ele não será morto. Vai sobreviver para correr e caçar com a matilha; e, um dia, veja você, seu caçador de filhotinhos indefesos, comedor de sapo, matador de peixe; um dia, ele será o seu caçador! Agora, vá andando! Pelo sambar ^[9] que matei — porque não como vacas magras —, volte para a sua mamãe, fera chamuscada da selva, ou vai ficar ainda mais manco do que quando nasceu! Ande!

Pai Lobo ficou maravilhado. Ele quase tinha se esquecido de que disputou Mãe Loba numa luta franca contra cinco outros lobos quando ela entrou para a matilha. Era conhecida como “A Demônia” não por acaso. Shere Khan poderia ter encarado Pai Lobo, mas não era capaz de enfrentar Mãe Loba porque sabia que, na posição onde estava, ela tinha toda a vantagem do terreno e lutaria até a morte. Por isso, ele recuou da caverna rosnando e, quando estava mais afastado, gritou:

— Todo cachorro é bravo no seu próprio quintal! Vamos ver o que a matilha dirá sobre a adoção de filhotes de homem. O filhote é meu e é para a minha boca que ele virá em breve, seus ladrões de rabo peludo!

Mãe Loba desabou ofegante entre os filhotes e Pai Lobo disse,

preocupado:

— Shere Khan tem razão. Precisamos mostrar o filhote à matilha. Mesmo assim quer continuar com ele, Mãe?

— Continuar com ele... — arfou. — Ele veio nu, no meio da noite, sozinho e faminto, e mesmo assim não teve medo! Olhe, ele até já empurrou um dos nossos filhotes para o lado. Aquele carniceiro manco teria matado o menino e fugido para o Waingunga enquanto o povo da aldeia ainda estaria nos caçando dentro das tocas por vingança! Continuar com ele? É claro que vou continuar com ele. Fique deitado, minha rãzinha. Ah, seu Mowgli — porque vou chamá-lo assim, de Mowgli, a Rã —, e chegará o dia em que você caçará Shere Khan, assim como ele caçou você.

— Mas o que a nossa matilha dirá? — perguntou Pai Lobo.

A Lei da Selva explica claramente que quando um lobo se casa ele pode abandonar a matilha à qual pertence. No momento em que seus filhotes tiverem crescido e puderem se virar sozinhos, ele deve levá-los ao Conselho da Alcateia, que geralmente acontece todo mês, na lua cheia, para que os outros lobos possam identificá-los. Depois dessa inspeção, os filhotes estão livres para ir aonde quiserem e, até que tenham matado sua primeira grande presa, nenhuma desculpa é aceita caso um lobo adulto da matilha mate algum deles. A punição é a morte no local em que o assassino for encontrado; e, se pensarmos um pouco, é assim mesmo que deve que ser.

Pai Lobo esperou até que seus filhotes aprendessem a correr e, na noite da reunião da alcateia, levou todos, inclusive Mowgli e Mãe Loba, até a Pedra do Conselho — no topo de uma colina coberta por rochas, grandes e pequenas, onde caberia até uma centena de lobos. Akela, um grande e cinzento Lobo Solitário que liderava a matilha com força e astúcia, estava refestelado em sua pedra. Abaixo dele, sentados, estavam mais de quarenta lobos de todos os tamanhos e

cores — de veteranos acastanhados capazes de matar um antílope macho sozinhos a jovens negros de três anos que achavam que podiam fazer o mesmo. O Lobo Solitário era o líder havia um ano. Tinha caído duas vezes em armadilhas quando jovem e, uma vez, apanhou tanto que foi abandonado à própria sorte. Por essas e outras, conhecia bem os modos e costumes dos homens. Pouco se conversava na pedra. Os filhotes tropeçavam uns nos outros no centro do círculo formado pelas mães e pais e, de vez em quando, um lobo já mais velho se aproximava de um filhote, olhava cuidadosamente para ele e voltava ao seu lugar em silêncio. Às vezes, uma mãe empurrava seu filhote até a luz da lua para ter certeza de que fosse visto por todos. Akela, de sua pedra, gritava:

— Vocês conhecem a lei, vocês conhecem a lei. Olhem bem, lobos!

E as mães, aflitas, se juntavam em coro:

— Olhem! Olhem bem, lobos!

Finalmente — os pelos do pescoço de Mãe Lobo se eriçaram quando chegou sua vez —, Pai Lobo empurrou “Mowgli, a Rã”, como o chamavam, para o centro. Ele sentou-se ali, rindo e brincando com os pedregulhos que brilhavam ao luar.

Akela, que nunca levantava a cabeça de suas patas, continuou com seu aviso repetitivo:

— Olhem bem!

Um rugido abafado veio detrás das rochas — era a voz de Shere Khan gritando:

— O filhote é meu. Me devolvam o filhote. O que o Povo Livre quer com esse filhote de homem?

Akela também nunca levantava as orelhas. Tudo o que dizia era:

— Olhem bem, lobos! O que o Povo Livre tem a ver com outras ordens, exceto as do próprio Povo Livre? Olhem bem!

Houve uma sinfonia de rosnados contidos e um jovem lobo de uns quatro anos replicou a pergunta de Shere Khan para Akela:

— O que o Povo Livre tem que ver com um filhote de homem?

Ora, a Lei da Selva estabelece que, se surgir qualquer disputa sobre um filhote ser aceito na matilha, ela deve ser debatida por pelo menos dois membros da alcateia que não sejam pai ou mãe.

— Quem fala pelo filhote? — perguntou Akela. — Entre o Povo Livre, quem fala?

Não houve resposta, e Mãe Loba se preparou para o que imaginava ser sua última luta caso as coisas acabassem em briga.

Então, a única outra criatura permitida no Conselho da Alcateia — Baloo, o urso castanho e preguiçoso, professor que ensinava a Lei da Selva aos filhotes de lobos —, o velho Baloo, que vem e vai para onde quiser porque come apenas castanhas, raízes e mel — levantou-se sobre as patas traseiras e grunhiu:

— O filhote de homem, o filhote de homem? — disse. — Eu falo pelo filhote de homem. Ele não traz perigo. Não sou bom com palavras, mas falo a verdade. Deixem o pequeno ficar na matilha com os outros. Eu o ensinarei.

— Ainda precisamos de mais um — disse Akela. — Baloo falou e ele é o professor das crianças. Quem mais fala além de Baloo?

Uma sombra negra desceu no centro do círculo. Era Bagheera, negro feito nanquim e com suas pintas de pantera visíveis apenas quando a luz batia de um jeito especial em seu pelo, que parecia seda molhada. Todos o conheciam e ninguém se metia com ele porque era tão astuto quanto Tabaqui, forte feito um búfalo selvagem e destemido como um elefante machucado. Sua voz, porém, era suave tal qual mel gotejando da árvore e sua pele era mais macia do que o anoitecer.

— Akela e todos do Povo Livre — ronronou —, não faço parte da sua reunião, mas a Lei da Selva diz que se há uma dúvida que não seja questão de morte em relação a um novo filhote, a vida desse filhote pode ser comprada por certo preço. E a lei não diz quem deveria pagar tal preço. Estou certo?

— Isso! Isso! — disseram os lobos jovens, sempre famintos. — Ouçam Bagheera. O filhote pode ser comprado por certo preço. É a lei.

— Sabendo que estou me intrometendo, peço a sua permissão.

— Pois diga — gritaram vinte vozes.

— Matar um filhote nu é vergonhoso. Além disso, ele poderá ser um adversário mais à altura quando crescer. Baloo já se pronunciou em seu favor. Agora, além das palavras de Baloo, podem somar um búfalo, dos gordos, recém-caçado, que deixei a menos de um quilômetro daqui. Isso caso vocês aceitem o filhote de homem conforme a lei. Aceitam?

Houve um clamor crescente de vozes dizendo:

— Que diferença faz? Ele vai morrer nas monções de inverno mesmo. Vai secar no sol a pino. Que perigo representa para nós uma rã pelada? Deixem-no acompanhar a matilha. Onde está o búfalo, Bagheera? Nós aceitamos.

E então o uivo gutural de Akela continuou gritando:

— Olhem bem! Olhem bem!

Mowgli ainda estava profundamente interessado nos pedregulhos e não percebeu os lobos se aproximarem, um a um, para olhá-lo. Depois, todos eles desceram a encosta na direção do búfalo morto e somente Akela, Bagheera, Baloo e os pais de Mowgli ficaram. Shere Khan ainda rugia noite afora, furioso por Mowgli não ter sido entregue a ele.

— Ora, ele que ruja o quanto quiser — disse Bagheera por entre os bigodes —, porque ainda virá o tempo em que essa coisinha pequena o fará rugir em outra nota, se é que conheço um pouco sobre os homens.

— Está tudo bem resolvido — disse Akela. — Os homens e seus filhotes são muito sábios. Um dia, ele será de grande ajuda.

— É verdade, uma ajuda para quando precisarmos. Ninguém lidera uma matilha para sempre — disse Bagheera.

Akela ficou calado. Pensou no dia que inevitavelmente chega a todos os líderes, de todas as matilhas, quando a força se vai e a fraqueza toma conta. Sabia que acabaria morto pelos lobos e um novo líder assumiria.

— Podem levar o menino — disse Pai Lobo. — Ele deve ser educado como se educa alguém do Povo Livre.

Mowgli acabou aceito na matilha dos lobos de Seoni pelo preço de um búfalo e pelas boas palavras de Baloo.

Agora, vamos pular uns dez ou onze anos adiante, só imaginando a vida maravilhosa que Mowgli teve entre os lobos porque, se tudo isso fosse escrito, preencheria muitos livros. Ele cresceu com os filhotes. No entanto, eles se tornaram lobos adultos antes mesmo de Mowgli vir a ser uma criança. E Pai Lobo ensinou a Mowgli suas habilidades, o significado das coisas da floresta, até o detalhe de cada farfalhar da grama, cada lufada de vento morno, cada nota das corujas que moram no alto, cada som das garras do morcego arranhando a árvore antes de ir dormir e cada borrifo de água de cada peixinho que mergulha em uma lagoa significasse tanto para ele quando o trabalho em um escritório significa para um homem de negócios. Quando não estava aprendendo, sentava-se ao sol para cochilar e depois comia e dormia de novo. Quando se sentia sujo ou com calor, nadava nas lagoas da floresta e, quando queria mel — Baloo contou a ele que mel

e castanhas são tão saborosos quanto carne crua —, escalava a árvore para comer.

Seu amigo Bagheera ficava deitado sobre um galho e chamava:

— Venha cá, irmãozinho.

No começo, Mowgli se pendurava como um bicho-preguiça, mas depois passou a se balançar pelos galhos quase tão bem quanto o macaco cinza.

Ele também conquistou seu lugar na Pedra do Conselho quando a alcateia se reunia. Lá, descobriu que se olhasse diretamente nos olhos de qualquer lobo, o animal se via forçado a baixar o olhar e, por isso, costumava encará-los só por brincadeira. Outras vezes, tirava longos espinhos das patas dos amigos — os lobos sofrem muito com espinhos e carrapichos nos pelos. Mowgli também descia a encosta, entrava nas plantações à noite e observava curioso os moradores da aldeia em suas cabanas. Mas não confiava nos homens porque Bagheera havia mostrado uma caixa quadrada com uma portinhola pendente tão bem escondida na mata que ele quase tinha caído nela. A pantera explicou que aquilo era uma armadilha. Mais do que tudo, ele adorava entrar com Bagheera na mata fechada, quente e escura, para dormir num dia preguiçoso e, à noite, presenciar uma caçada. Bagheera matava de tudo quando estava faminto. Mowgli também, com uma exceção. Assim que cresceu o bastante para entender, a pantera contou-lhe que ele que nunca deveria tocar no gado porque seu ingresso na matilha havia sido pago com a vida de um búfalo.

— A selva toda é sua — disse Bagheera. — Exatamente por isso, você não deve matar tudo o que for capaz. Pelo búfalo que pagou por sua vida, não mate e nem coma o gado, seja jovem ou velho. Essa é a Lei da Selva.

Mowgli foi leal e obedeceu.

Ele cresceu cada vez mais forte, como um menino deve crescer,

sem sequer perceber tudo o que estava aprendendo, achando que não havia nada mais importante no mundo do que comer.

Mãe Loba disse a ele várias vezes que Shere Khan não era uma criatura digna de confiança e que algum dia ele seria obrigado a matá-lo. Enquanto um jovem lobo jamais se esqueceria de um conselho desses, Mowgli se esquecia constantemente porque era apenas um menino — embora ele mesmo se dissesse “lobo”, caso fosse capaz de falar alguma das línguas dos homens.

Shere Khan estava sempre cruzando seu caminho na selva. Ao passo que Akela ia ficando velho e cansado, o tigre manco se tornava cada vez mais amigo de alguns jovens lobos da matilha, que o seguiam para comer seus restos — coisa que Akela nunca teria permitido se ainda tivesse vigor para aplicar sua autoridade. Shere Khan os elogiava e se dizia surpreso ao ver aqueles jovens caçadores ainda prestando obediência a um lobo à beira da morte e a um filhote de homem.

— Dizem por aí — comentava Shere Khan — que não é permitido olhar o menino nos olhos no Conselho.

E os jovens lobos uivavam e seus pelos se arrepiavam.

Bagheera, que via e ouvia tudo, sabia o que isso significava. De vez em quando, explicava a Mowgli em detalhes por que Shere Khan um dia o mataria. Mowgli ria e dizia:

— Mas eu tenho a matilha inteira e você do meu lado; e Baloo, mesmo sendo muito preguiçoso, me defenderia com seus golpes. Por que eu teria medo?

Em um dia muito quente, Bagheera teve uma ideia depois de ouvir um comentário de alguém. Talvez tenha sido Ikki, o porco-espinho, quem espalhou o boato. Os dois estavam no coração da selva. O menino descansava sua cabeça na linda pelagem negra de Bagheera quando a pantera falou:

— Irmãozinho, quantas vezes eu te disse que Shere Khan é seu inimigo?

— O mesmo tanto que as castanhas naquele castanheiro — disse Mowgli que, naturalmente, não sabia contar. — Por quê? Estou com sono, Bagheera. Shere Khan é só um rabo comprido que fala demais, igual a Mao, o pavão.

— Agora não é hora de dormir. Baloo sabe, eu sei e a matilha sabe. E até mesmo o mais inocente dos cervos sabe. Tabaqui também já te avisou.

— Ha! Ha! — riu Mowgli. — Certo dia, Tabaqui veio com uma conversa idiota dizendo que sou um filhote pelado de homem e não sirvo para farejar trufas. Aí, o peguei pelo rabo e o joguei duas vezes na palmeira para ensinar um pouco de boas maneiras a ele.

— Isto não foi muito inteligente, porque mesmo Tabaqui sendo muito insidioso, talvez quisesse lhe contar algo importante. Abra os olhos, irmãozinho. Shere Khan não ousará matar você na selva. Mas lembre-se que Akela está velho e logo chegará o dia em que ele não conseguirá mais matar um cervo. Nesse dia, ele não será mais o líder. Muitos dos lobos que tomavam conta de você quando o Conselho o acolheu também já estão velhos. E os jovens acreditam, porque Shere Khan os ensinou assim, que um filhote de homem não é bem-vindo na matilha. Em pouco tempo, você será um homem.

— E de que vale um homem que não pode estar com os seus irmãos? — retrucou Mowgli. — Eu nasci na selva. Eu obedeço a Lei da Selva e não conheço nenhum lobo que eu não tenha ajudado a tirar espinhos das patas. É claro que são eles meus irmãos!

Bagheera se espreguiçou todo com os olhos quase fechados.

— Irmãozinho — disse —, ponha a mão aqui embaixo do meu queixo.

Mowgli levantou sua forte mão morena e bem embaixo do queixo sedoso onde músculos poderosos se mexiam, sob a brilhante pelagem, encontrou um ponto sem pelos.

— Ninguém na selva sabe que eu, Bagheera, tenho essa marca. É a marca de uma coleira. Isso porque, irmãozinho, eu nasci entre os homens e foi entre eles que minha mãe morreu, nas jaulas do palácio do rei de Oodeypore. Foi por isso que paguei por você no Conselho, quando você era só um filhotinho pelado. Sim, também nasci entre os homens. Eu nunca tinha estado na selva. Eles passavam a comida pelas grades, em uma tigela de ferro, até que uma noite senti que era Bagheera, a pantera, e não um brinquedo dos homens. Quebrei o frágil cadeado com uma patada e fugi. E por ter aprendido os costumes dos homens, tornei-me mais temido na selva do que Shere Khan. Entendeu?

— Sim — disse Mowgli. — Todos na selva temem Bagheera. Todos menos Mowgli.

— Sem dúvida você é um filhote de homem — disse a pantera negra com muito carinho. — E, assim como eu voltei para a minha selva, logo você deverá voltar para os homens, pois os homens são os seus irmãos... isso se você não for morto no Conselho.

— Mas por quê? Que vantagem eles teriam em me matar? — perguntou Mowgli.

— Olhe para mim — disse Bagheera.

Mowgli olhou bem fundo nos olhos de Bagheera. A grande pantera desviou o olhar logo em seguida.

— Por isso — disse ele roçando as folhas com a sua pata. — Nem mesmo eu consigo olhar você nos olhos. Eu, que nasci entre os homens e te amo, irmãozinho. Os outros te odeiam porque os olhos deles não podem encarar os seus, porque você é sábio; porque você tirou espinhos daquelas patas. E porque você é um homem.

— Eu não sabia dessas coisas — disse Mowgli um tanto triste, franzindo suas grossas sobrancelhas negras.

— Qual é a Lei da Selva? Ataque primeiro, converse depois. Eles sabem que você é um homem pelo fato de ser tão despreocupado. Mas seja esperto. Meu palpite é que, quando Akela fracassar em sua próxima caçada, e está cada vez mais difícil para ele vencer um cervo, a alcateia se voltará contra vocês dois. Haverá outra reunião na pedra e então... então... adivinhe! — disse Bagheera dando um salto para cima. — Você deve descer o mais rápido possível para a aldeia dos homens no vale e pegar um pouco da flor vermelha que eles cultivam por lá. Assim, quando chegar a hora, você terá um aliado ainda mais poderoso do que eu, Baloo ou os lobos da matilha que ainda te amam. Vá pegar a flor vermelha.

Bagheera chamava o fogo de flor vermelha. Nenhuma criatura da selva chama o fogo pelo nome correto. Todos os animais vivem com medo mortal do fogo e inventam centenas de outros nomes para descrevê-lo.

— A flor vermelha? — disse Mowgli. — Aquela que cresce do lado de fora das cabanas no final da tarde? Vou lá pegar.

— É assim que um filhote de homem deve falar — disse Bagheera orgulhoso. — Lembre-se: ela nasce em pequenos jarros. Pegue uma sem chamar a atenção e guarde com você o tempo que for necessário.

— Ótimo! — disse Mowgli. — Eu vou. Mas você tem certeza, Bagheera — disse, passando o braço em volta do esplêndido pescoço e olhando no fundo dos olhos —, tem certeza de que tudo isso faz parte do plano de Shere Khan?

— Pelo cadeado quebrado que me libertou, tenho sim, irmãozinho.

— Então, pelo búfalo que pagou por mim, Shere Khan vai ver só uma coisa. Talvez até um pouco mais do que deveria — disse Mowgli

afrouxando o abraço.

— É assim que um homem deve falar. Isto é ser um homem — disse Bagheera para si mesmo, deitando-se novamente. — Ah, Shere Khan, nunca houve uma caçada mais azarada do que aquela na qual você deixou a rã escapar, dez anos atrás.

Mowgli se embrenhou pela floresta, correndo muito, e seu coração pulsava forte no peito. Ele chegou à caverna junto com a névoa da noite, tomou fôlego e olhou o vale lá embaixo. Os filhotes não estavam, mas Mãe Loba, no fundo da caverna, sabia pela respiração que alguma coisa preocupava sua rãzinha.

— O que foi, meu filho? — disse.

— Os morcegos espalharam um boato sobre Shere Khan — ele respondeu. — Esta noite, vou caçar nas plantações.

Mergulhou na mata da encosta em direção ao riacho na base do vale. Ali, parou e ouviu o som da matilha caçando, o berro de um sambar sendo perseguido e o resfolegar da presa que fugia. Depois, vieram os uivos perversos e amargos dos jovens lobos:

— Akela! Akela! Deixem o Lobo Solitário mostrar sua força. Abram espaço para o líder da matilha! Ataque, Akela!

O Lobo Solitário deve ter atacado e errado o bote porque Mowgli ouviu seus dentes estalando, depois um ganido e o sambar o derrubando com um golpe das patas dianteiras.

Ele não esperou mais um segundo sequer e saiu em disparada. Os latidos foram se distanciando enquanto corria pelas plantações dos moradores da aldeia.

— Bagheera estava certo — ofegou ao se esconder em um monte de forragem para gado perto da janela de uma das cabanas. — Amanhã será um dia decisivo para mim e Akela.

Mowgli aproximou o rosto da janela e observou o fogo

queimando no fogão. Viu uma mulher se levantar e alimentar o fogo no escuro da noite com pedaços de carvão preto. Quando a manhã chegou e a névoa ficou branca e fria, viu um menino pegar um cesto de vime revestido de barro por dentro, enchê-lo com pedaços de carvão em brasa, colocá-lo sob uma manta e sair para cuidar das vacas no estábulo.

— É só isso? — pensou Mowgli. — Se um filhote consegue, não preciso ter medo.

Então deu a volta na cabana para encontrar o menino. Pegou o cesto das mãos dele e desapareceu na névoa enquanto o garoto ainda berrava de medo.

— São bem parecidos comigo — disse Mowgli, soprando no cesto como havia visto a mulher fazer. — Isto vai apagar se eu não der comida para ele.

E colocou gravetos e cascas de árvore na coisa vermelha. Na metade da subida, encontrou Bagheera com o orvalho da manhã brilhando feito cristais em seus pelos:

— Akela falhou — disse a pantera. — Eles iam matá-lo ontem mesmo, mas queriam que você estivesse junto. Ficaram te procurando pela colina.

— Eu estava nos campos cultivados. Já estou pronto. Veja! — Mowgli levantou o cesto incandescente.

— Ótimo! Sabe, eu já vi homens colocando galhos secos nessa coisa, e na hora a flor vermelha brotou na ponta. Você não tem medo?

— Não. Por que deveria ter medo? Agora me lembro, se é que não é sonho, de que antes de ser um lobo, eu ficava deitado perto da flor vermelha. Era quente e gostoso.

Mowgli passou o dia sentado na caverna cuidando de seu pote de fogo, alimentando-o com gravetos secos para ver o que acontecia. Ele

achou um galho que o agradou e, à noite, quando Tabaqui entrou na caverna e disse-lhe num tom mal-educado que o requisitavam na Pedra do Conselho, ele gargalhou até fazer Tabaqui sair correndo. Ainda rindo, Mowgli se dirigiu ao Conselho.

O Lobo Solitário Akela estava deitado ao lado de sua pedra, o que significava que a liderança da matilha estava vaga. Shere Khan, com seu séquito de lobos comedores de sobras, andava para lá e para cá, sendo bajulado abertamente. Bagheera deitou-se perto de Mowgli, que mantinha o cesto entre os joelhos. Quando todos estavam reunidos, Shere Khan começou a discursar, coisa que nunca ousaria fazer na época em que Akela estava em sua melhor forma.

— Ele não tem o direito — sussurrou Bagheera. — Fale isso. Ele é um filho de um cão. Ele vai se pelar de medo.

Mowgli ficou em pé de pronto.

— Povo Livre — gritou —, agora é Shere Khan o líder da matilha? O que um tigre tem a dizer sobre a nossa liderança?

— A liderança está vaga e me pediram para falar... — começou Shere Khan.

— Quem pediu? — disparou Mowgli. — Será que somos tão inferiores a ponto de bajular esse matador de vacas? A liderança da matilha é assunto somente da matilha.

Foram ouvidos gritos de “Silêncio, filhote de homem!”, “Deixem-no falar. Ele tem sido fiel à lei”. Depois, os mais velhos da matilha retumbaram:

— Deixem que o Lobo Morto fale.

Quando um líder de matilha falha na caçada, ele passa a ser chamado de Lobo Morto mesmo ainda vivo, mas por pouco tempo. Akela se esforçou para levantar sua velha cabeça:

— Povo Livre e vocês também, lacaios de Shere Khan, por doze

temporadas eu os liderei para matarmos e não sermos mortos. Nesse tempo, nenhum de vocês foi capturado ou ferido. Agora, falhei como caçador. Vocês sabem como essa história termina. Sabem como fui levado a enfrentar um cervo arredio para que minha fraqueza fosse exposta. Tudo foi muito bem planejado e é direito de vocês me matar, agora, aqui na Pedra do Conselho. Portanto, pergunto: quem virá dar fim ao Lobo Solitário? Porque é meu direito, pela Lei da Selva, que venha um de cada vez.

Houve um longo silêncio, porque nenhum dos lobos queria lutar com Akela até a morte. Então Shere Khan rugiu:

— Bah! O que fazer com esse tolo desdentado? Ele está fadado à morte! E o filhote de homem já viveu mais do que deveria. Povo Livre, ele era minha refeição desde o início. Entreguem-no a mim. Estou cansado dessa falácia de homem-lobo. Já faz dez temporadas que a selva passa por essa vergonha. Entreguem-me o filhote de homem ou vou caçar por aqui para sempre e nunca mais vou dar sequer um osso a vocês. Ele é um homem, uma cria de homem, e eu o odeio até o último fio de cabelo!

Então mais da metade da matilha gritou:

— Um homem! Um homem! O que faz um homem entre nós? Que ele vá para o lugar ao qual pertence.

— E colocar as pessoas da aldeia contra nós? — clamou Shere Khan. — Não, deem ele para mim. Ele é um homem e nenhum de nós consegue olhar nos olhos dele.

Akela levantou a cabeça novamente e disse:

— Ele comeu da nossa comida, dormiu entre nós, atraiu presas para cá. Ele nunca quebrou sequer uma lei.

— Além do mais, paguei o preço com um búfalo. O valor de um búfalo é irrisório, mas minha honra é algo que talvez seja um bom

motivo para brigar — disse Bagheera em seu tom mais gentil.

— Um búfalo dado dez anos atrás! — a matilha retrucou ferozmente. — Quem liga para ossos de dez anos de idade?

— Ou para cumprir uma promessa? — perguntou Bagheera arreganhando seus dentes brancos. — Bem que chamam vocês de Povo Livre.

— Nenhum filhote de homem pode andar com o Povo da Selva — rugiu Shere Khan. — Entregue-o a mim!

— Ele é nosso irmão em tudo, exceto no sangue — disse Akela e continuou —, e vocês o matariam aqui? Na verdade, já vivi tempo demais. Alguns de vocês são comedores de vacas e outros, pelo que ouvi dizer, aprenderam com Shere Khan a descer para a aldeia na calada da noite e roubar crianças na porta das cabanas. Portanto, eu os classifico como covardes e é para vocês que me dirijo. É certo que devo morrer e que minha vida nada mais vale. Se valesse, eu a ofereceria em troca da vida do filhote de homem. Pela honra da alcateia, aponto um pequeno detalhe que a falta de liderança encobriu. Prometo que, se deixarem o filhote de homem em paz, quando chegar a hora de minha morte, não mostrarei sequer um dente contra vocês. Morrerei sem lutar. Isso poupará pelo menos três vidas da matilha. Não posso oferecer mais, porém, se aceitarem, vou salvá-los da vergonha de matar um irmão contra o qual não há acusações, um irmão apresentado e aceito para entrar na matilha como rege a Lei da Selva.

— Ele é um homem, um homem, um homem! — rosou a matilha.

A maioria dos lobos se reuniu em volta de Shere Khan, cuja cauda começava a se agitar.

— Agora o negócio é com você — disse Bagheera para Mowgli. — Não há mais o que fazer além de lutar.

Mowgli ficou em pé com o pote de fogo nas mãos. Em seguida, esticou os braços e bocejou na frente do Conselho — mas por dentro estava tomado de raiva e tristeza porque, como é costume dos lobos, nenhum deles havia lhe dito o quanto o odiavam.

— Escutem vocês! — gritou. — Chega desse falatório, bando de vira-latas. Vocês falaram tanto que sou um homem. Na verdade, eu teria continuado sendo um lobo como vocês a minha vida inteira. Porém, acabei me convencendo de que suas palavras são verdadeiras. Assim, não os chamarei mais de irmãos, mas de *sag* [cães], como um homem os chamaria. O que vão ou não fazer não mais cabe a vocês decidir. Essa decisão agora é *minha* e para que tudo fique o mais claro possível, eu, o homem, trouxe aqui um pouco da flor vermelha que vocês, cães, tanto temem.

Ele arremessou o pote de fogo no chão e algumas das brasas caíram em um tufo de musgo seco que se incendiou. Todo o Conselho recuou aterrorizado diante das chamas que subiam.

Mowgli enfiou o galho seco no fogo até que os gravetos se acenderam e estalaram. Depois, girou o galho sobre a sua cabeça enquanto os lobos se encolhiam.

— Tu és o senhor — disse Bagheera em voz baixa. — Salve Akela da morte. Ele nunca deixou de ser seu amigo.

Akela, o velho e austero lobo que nunca pediu misericórdia em toda a sua vida, olhou para Mowgli comovido enquanto o menino caminhava completamente nu. Os longos cabelos negros caíam sobre seus ombros, brilhando com a luz do galho que fazia as sombras tremerem.

— Ótimo! — disse Mowgli olhando vagarosamente em volta. — Vejo que vocês são mesmo cães. Vou deixá-los e voltar para minha gente, se é que eles são mesmo a minha gente. Chega de selva para mim, preciso apagar da memória suas palavras e sua amizade. A

diferença é que serei mais piedoso que vocês. Quando eu for um homem entre outros homens, não os entregarei a eles como vocês me entregaram. A única diferença entre nós é que não temos o mesmo sangue — e chutou o fogo com o pé e faíscas voaram pelos ares. — Não teremos nenhuma guerra entre os membros da matilha, mas deixo aqui o pagamento de um débito antes de ir embora.

Mowgli marchou até Shere Khan. O tigre estava sentado olhando para as chamas com cara de bobo. O menino então o pegou pelo tufo de pelos na ponta do queixo. Bagheera o seguiu, para o caso de algum acidente.

— Levante-se, cão! — gritou Mowgli. — Fique em pé quando um homem falar com você ou bote fogo no seu pelo!

As orelhas de Shere Khan se viraram para trás, grudadas em sua cabeça. Seus olhos se fecharam, pois o galho flamejante estava muito próximo.

— Esse assassino de vacas disse que me mataria aqui no Conselho porque não me matou quando eu era um filhote. Por essas e outras, é nosso dever surrar os cães quando nos tornamos homens. Se mexer um bigode sequer, Lungri, enfio esta flor vermelha na sua goela! — Mowgli bateu com o galho na cabeça de Shere Khan e o tigre choramingou e gemeu, morto de medo. — Bah! Seu gato-do-mato chamuscado... fuja! Mas lembre-se de que quando eu voltar à Pedra do Conselho como um homem, estarei vestido com a pele de Shere Khan. Para os outros, decreto que Akela fique livre para viver como desejar. Ninguém irá feri-lo porque assim estou dizendo. E também digo que se levantem, saiam e guardem essas suas línguas, pois se vocês acham que são dignos, digo que não passam de cães que posso enxotar a qualquer momento. Sumam!

O fogo queimava furiosamente na ponta do galho e Mowgli fustigava o círculo por todos os lados. Os lobos debandaram, uivando,

com fagulhas queimando seus pelos. Finalmente, ficaram apenas Akela, Bagheera e cerca de dez outros lobos que haviam defendido Mowgli. Foi quando algo começou a latejar dentro do garoto, uma dor que nunca havia sentido. Ele respirou fundo, soluçou e lágrimas desceram pelo seu rosto.

— O que está acontecendo? O que está acontecendo? — perguntou. — Eu não quero deixar a selva, eu não sei o que está acontecendo. Estou morrendo, Bagheera?

— Não, irmãozinho. São apenas lágrimas de homem — disse Bagheera. — Agora você é um homem e não mais um filhote de homem. A selva de fato é passado para você daqui por diante. Deixe-as rolar, Mowgli. São apenas lágrimas.

Então Mowgli sentou-se e chorou como se seu coração fosse rachar. Ele nunca havia chorado antes em toda sua vida.

— Agora — disse —, vou me encontrar com os homens. Mas primeiro preciso dar adeus à minha mãe.

Assim, ele seguiu até a caverna onde ela morava com Pai Lobo. Lá, chorou e a abraçou enquanto os quatro filhotes uivavam sem parar.

— Vocês não vão me esquecer? — perguntou Mowgli.

— Nunca, enquanto ainda pudermos seguir uma trilha — disseram os filhotes. — Venha para o sopé da encosta quando se tornar um homem e conversaremos com você. Nós iremos às plantações para brincar com você à noite.

— Volte logo! — disse Pai Lobo. — Pequena e sábia Rãzinha, volte logo. Eu e sua mãe já estamos velhos.

— Volte logo, meu filhinho pelado — disse Mãe Loba. — Ouça, filhote de homem: amo você mais do que amei meus próprios filhos.

— É claro que vou voltar — disse Mowgli. — E quando eu voltar, será para deitar a pele de Shere Khan sobre a Pedra do Conselho. Não

se esqueçam de mim! Digam a todos na selva para nunca se esquecerem de mim!

A aurora estava começando a surgir quando Mowgli desceu a colina sozinho para se encontrar com aquelas coisas misteriosas chamadas homens.

CANÇÃO DE CAÇA
DA MATILHA DE SEONI

Quando o sol nasceu, o sambar mugiu

Uma, duas, dez vezes!

E uma corça deu um salto, e uma corça deu um salto

Na lagoa da floresta onde o veado bebe entre o mato alto.

Isto, durante a patrulha, fui eu quem viu

Uma, duas, dez vezes!

Quando o sol nasceu, o sambar berrou

Uma, duas, dez vezes!

E um lobo regressa à família, e um lobo regressa à família

*Levando a notícia para a irrequieta matilha,
E nós procuramos, encontramos e latimos na sua trilha
Uma, duas, dez vezes!*

*Quando o sol nasceu, a matilha uivou
Uma, duas, dez vezes!*

*Nossas patas na selva não deixam rastros!
Nossos olhos no escuro enxergam os mais tênues traços –
os mais tênues traços!*

*Berre – bote para fora! Todos seus grunhidos,
todos seus estardalhaços!
Uma, duas, dez vezes !*

A CAÇADA DE KAA

*As manchas são a alegria do leopardo; os chifres,
o orgulho do búfalo destemido;
Não se suje, porque a força do caçador está no brilho
de seu pelo polido.*

*Se achar que o touro vai te derrubar, ou que
o sambar bravo representa revezes;
É preciso parar e nos avisar: já passamos por isso
mais de dez vezes.*

*Não provoque o filhote dos outros,
pois são como seus irmãos, de camurça.
Embora sejam pequenos e gorduchos,
sua mãe pode ser uma ursa.*

*“Não há ninguém como eu!”, diz o filhote orgulhoso
da primeira presa abatida;
Mas a selva é grande e o filhote é pequeno.
Deixe que ele tenha uma tarde pensativa.*

— Máximas de Baloo

Tudo o que é contado aqui aconteceu algum tempo antes de Mowgli ser expulso da alcateia de Seoni e de sua vingança contra o tigre Shere Khan. Foi durante os dias nos quais Baloo ensinava a ele a Lei da Selva. O grande, austero e velho urso marrom estava maravilhado com um aluno tão esperto, pois os jovens lobos só aprendem da Lei da Selva o que se aplica à sua própria matilha. Depois disso, assim que decoram o Poema da Caça, saem correndo: “Patas de veludo; enxergar no escuro; ouvidos que ouvem dentro das tocas e dentes afiados e brancos; Tudo isso são as marcas de nossos irmãos, exceto Tabaqui, o chacal, e a hiena, que todos nós odiamos”. Já Mowgli, o filhote de homem, precisava aprender muito mais do que isso. Às vezes, a pantera negra Bagheera se esgueirava pela selva para ver como seu favorito estava se saindo. Ronronava com a cabeça encostada na árvore enquanto Mowgli recitava a lição do dia dada por Baloo.

O menino escalava quase tão bem quanto nadava, e nadava quase tão bem quando corria. Então, Baloo, o professor da lei, ensinava a ele as leis da madeira e da água: como distinguir um galho podre de um galho seguro; como conversar educadamente com as abelhas selvagens quando ia até sua colmeia a quinze metros de altura; o que dizer a Mang, o morcego, quando ele os perturbava no alto das árvores ao meio-dia; e como avisar as cobras-d’água, nas lagoas, que iria mergulhar entre elas. Ninguém do Povo da Selva gosta de ser perturbado e todos estão prontos para afugentar um intruso. Mowgli também foi ensinado sobre o aviso de caça dos forasteiros, que deve ser repetido em bom som até que seja respondido sempre que alguém do Povo da Selva estiver caçando fora de seu território. Traduzindo, isso significa: “Me deixe caçar aqui porque estou faminto”. E a resposta vem: “Então cace a sua comida, mas não mate à toa”.

Tudo isso mostra o quanto Mowgli precisava decorar. Ele ficava muito cansado de ficar repetindo a mesma coisa cem vezes. Nesse dia,

como Baloo explicou à Bagheera, Mowgli levou um safanão de seu mestre e saiu correndo revoltado:

— Um filhote de homem é um filhote de homem. Ele deve aprender toda a Lei da Selva.

— Mas lembre-se de como ele é pequeno — disse a pantera, que teria mimado Mowgli se pudesse. — Como é que a cabecinha dele vai conseguir guardar tudo isso que você fala?

— Existe alguma coisa na floresta pequena demais para ser caçada? Não. É por isso que eu ensino todas essas coisas a ele. Também é por isso que bato nele, bem de leve, quando não decora.

— De leve! O que você sabe sobre leveza, seu velho pata de ferro? — grunhiu Bagheera. — Todo dia a cara dele aparece arranhada... Leveza. Oras!

— É melhor ser machucado da cabeça aos pés por alguém que o ama, como eu, do que sofrer por ignorância — respondeu Baloo. — Agora estou ensinando a ele as palavras da selva, que irão protegê-lo dos pássaros e do Povo Serpente. Além disso, ele conhecerá todo animal de quatro patas que poderá caçar, exceto sua própria matilha. O menino também já sabe pedir proteção para toda a selva, se é que vai se lembrar das palavras. Tudo isso não compensa uma surra?

— Tome muito cuidado para não acabar matando o filhote de homem. Ele não é uma árvore para você ficar afiando suas garras. Quais são essas tais palavras? Sou do tipo que mais oferece ajuda do que pede — disse Bagheera esticando uma das patas e admirando o azul cintilante de suas garras afiadas na ponta dela. — Mesmo assim, eu gostaria de saber.

— Vou chamar Mowgli e ele mesmo dirá... se é que decorou. Venha, irmãozinho!

— Parece que tem uma colmeia zumbindo dentro da minha cabeça

— disse uma voz irritada vindo de cima.

Era Mowgli, que desceu de um tronco de árvore muito zangado e indignado. Quando chegou ao chão, completou:

— Estou aqui pelo Bagheera, e não por você, Baloo, velho gordo!

— Tudo isso pra mim? — disse Baloo, embora estivesse chateado pela ofensa. — Conte a Bagheera, então, as palavras da selva que lhe ensinei hoje.

— Palavras de qual povo? — disse Mowgli todo exibido. — A selva tem muitas línguas. Eu conheço todas.

— É verdade que você conhece um pouco, mas não tudo. Está vendo, Bagheera? Eles nunca agradecem aos professores. Nem mesmo um lobinho sequer jamais veio agradecer ao velho Baloo pelas aulas. Diga a palavra para Povo Caçador então, grande acadêmico.

— Nós temos o mesmo sangue, eu e você — disse Mowgli, dando às palavras o sotaque de urso que todos os povos caçadores usam.

— Ótimo. Agora, dos pássaros.

Mowgli repetiu com o silvo do milhafre no final da frase.

— Agora, do Povo Serpente — disse Bagheera.

A resposta foi um sibilado completamente indescritível. Mowgli jogou seu pé para trás e bateu palmas aplaudindo a si próprio. Montou nas costas de Bagheera num salto, ficou sentado de lado, batucando no couro brilhante com os calcanhares e fazendo as piores caretas para Baloo.

— Olha só, olha só! Isso mereceria um castiguinho — disse carinhosamente o urso castanho. — Algum dia você irá se lembrar de mim.

Virou-se de lado para contar a Bagheera como Mowgli implorou pela palavra de Hathi, o elefante selvagem, que sabe tudo dessas

coisas, e de como Hathi segurou Mowgli, afundando-o em uma lagoa para ouvir a palavra das serpentes de uma serpente aquática — Baloo não conseguia pronunciá-la de forma correta. Segundo o urso, Mowgli agora estava relativamente protegido contra todos os acidentes da selva porque nem cobra, pássaro ou outro animal poderiam machucá-lo.

— Nenhum deles deve ser temido — concluiu Baloo acariciando com orgulho sua barriga grande e felpuda.

— Exceto pela sua própria tribo — disse Bagheera baixinho. Depois, a pantera falou mais alto para Mowgli: — Cuidado com as minhas costelas, irmãozinho! Que saracoteio todo é esse?

Mowgli estava tentando chamar a atenção puxando o couro das costas de Bagheera e dando chutes mais fortes. Quando os dois prestaram atenção, ele estava berrando a plenos pulmões:

— Então eu terei o meu próprio bando e serei seu líder, voando pelos galhos o dia inteiro.

— Que maluquice nova é essa, pequeno sonhador? — disse Bagheera.

— É isso mesmo. Nós vamos jogar os galhos e barro no velho Baloo — continuou Mowgli. — Foi o que me prometeram. Rá!

— Uoof! — Baloo derrubou Mowgli das costas de Bagheera e, ao ficar preso entre suas duas enormes patas dianteiras, o menino pôde ver que o urso estava furioso.

— Mowgli — disse Baloo —, você anda de conversa com o Povo Macaco, o Bandar-Log?

Mowgli olhou para a pantera e os olhos de Bagheera estavam duros como pedras de jade.

— Você andou com o Povo Macaco, os símios cinzentos? Aqueles que não têm lei e que comem de tudo? Que vergonha!

— Eu fugi quando Baloo bateu na minha cabeça — disse Mowgli ainda deitado de costas. — Os macacos cinza desceram das árvores. Eles tiveram dó de mim. Ninguém mais ligou — e deu uma fungada.

— A piedade do Povo Macaco! — bufou Baloo. — A lentidão da cachoeira da montanha! O frio do sol de verão! Conte mais, filhote de homem.

— Depois... eles me deram castanhas e coisas gostosas pra comer... me levaram para cima, bem no alto das árvores, e disseram que eu era irmão de sangue deles, mesmo não tendo rabo... e que, um dia, eu seria o líder dos macacos.

— Eles não têm líder — disse Bagheera. — É mentira. Só contam mentira.

— Eles foram muito gentis. Disseram para eu aparecer sempre que pudesse. Por que vocês nunca me levaram para conhecer o Povo Macaco? Eles ficam em pé da mesma maneira que eu. Eles não me batem com as patas. Eles brincam o dia todo. Me solta, deixa eu me levantar! Baloo, seu chato, deixa eu me levantar! Eu vou brincar com eles novamente.

— Ouça, filhote de homem — disse o urso com uma voz que retumbou feito um trovão nas noites quentes —, eu ensinei a você toda a Lei da Selva, de todos os povos da selva, exceto a do Povo Macaco que mora nas árvores. Eles não têm lei. Eles são foras da lei. Possuem sua própria língua, mas roubam palavras que ouvem dos outros. Espiam e bisbilhotam do alto das árvores. Os costumes deles são diferentes dos nossos. Não têm liderança. Não têm memória. Bagunçam, tagarelam e fingem que são um grande povo pronto para realizar grandes feitos na floresta, mas uma simples castanha que despenca os faz cair na gargalhada e todo o resto é esquecido. Nós, da selva, não nos misturamos com eles. Não bebemos da mesma água que os macacos, não vamos para onde eles vão, não caçamos o que

eles caçam, não morremos onde eles morrem. Antes de hoje, você me ouviu falar alguma vez do Povo Macaco?

— Não — disse Mowgli num sussurro, pois a floresta estava muito silenciosa agora que Baloo havia terminado de falar.

— O Povo da Selva não fala a respeito deles e não pensa sobre suas ideias. Eles são muitos, são perversos, trapaceiros e sem-vergonha. Almejam apenas, se você acreditar que eles têm algum objetivo definido, ser notados pelo Povo da Selva. Mas nós não ligamos para eles, nem quando jogam castanhas e outras porcarias na nossa cabeça.

Mal tinha acabado de falar, uma chuva de castanhas e gravetos irrompeu por entre os galhos. E, do alto, onde os galhos são mais finos, era possível ouvir saltos, guinchos e uivos irritantes.

— O Povo Macaco é proibido — disse Baloo. — Proibido para o Povo da Selva. Nunca se esqueça.

— Proibido — disse Bagheera —, mas, mesmo assim, ainda acho que Baloo já deveria ter avisado você sobre eles.

— Eu? Eu? Como eu poderia adivinhar que ele iria se misturar com essas tranqueiras? O Povo Macaco! Eca!

Uma nova chuvarada caiu sobre a cabeça deles, e ambos saíram trotando dali, levando Mowgli. O que Baloo havia dito sobre os macacos era bem verdade. Seu lugar era no topo das árvores. Como os outros bichos olhavam muito pouco lá para cima, as chances de convivência entre os macacos e o Povo da Selva eram quase nulas. Porém, sempre que eles encontravam um lobo doente, um tigre ferido ou um urso, os macacos os atormentavam. Jogavam, por mero prazer, galhos e castanhas em qualquer animal na esperança de chamar a atenção. Depois, gritavam e se esgoelavam cantando canções sem sentido, chamando o Povo da Selva para escalar as árvores e lutar com eles. Algumas vezes, brigavam violentamente entre si e deixavam os macacos mortos expostos para que o Povo da Selva os visse.

Estavam sempre brigando para escolher um líder, leis e costumes próprios, mas nunca conseguiam se lembrar do que havia acontecido no dia anterior. Por isso, inventaram um ditado para se justificar: “O que o Povo Macaco pensa agora, a selva só vai pensar depois”. Isto lhes dava uma sensação de conforto. Nenhuma das feras conseguia alcançá-los; no entanto, nenhuma das feras sequer olhava para cima. Foi por isso que ficaram tão felizes quando Mowgli brincou com eles. Por fim, acabaram escutando o que Baloo havia dito quando estava nervoso.

Talvez já tivessem até se esquecido — porque o Povo Macaco é assim mesmo —, mas um deles teve uma ideia brilhante e disse aos outros que Mowgli seria muito útil como membro da tribo, pois sabia como amarrar feixes de gravetos para quebrar o vento. Então, se fosse capturado, ele poderia ensiná-los. É claro que Mowgli, por ser filho de lenhador, herdou todo tipo de instinto e costumava fazer cabaninhas de galhos soltos sem nem se lembrar de como havia aprendido aquilo. O Povo Macaco, lá de cima das árvores, considerava essa habilidade muito importante. Dessa vez, eles estavam decididos a ter um líder e se tornar o povo mais sábio da selva — tão sábio que todo mundo passaria a notá-los e invejá-los. Assim, seguiram Baloo, Bagheera e Mowgli floresta adentro em completo silêncio até que chegou a hora da soneca do meio-dia. Mowgli, que ainda estava bem envergonhado por tudo, dormiu entre a pantera e o urso, decidido a nunca mais se meter com o Povo Macaco.

Logo em seguida, sentiu mãos agarrando seus braços e pernas — mãozinhas firmes e fortes. Um galho cheio de folhas bateu em seu rosto e nesse momento ele já estava vendo a selva lá embaixo, por entre os ramos das árvores, enquanto Baloo acordava todo mundo com seus urros e Bagheera escalava o tronco da árvore com os dentes

à mostra. Triunfantes, os macacos subiam pelas copas onde Bagheera nunca conseguiria alcançá-los e gritavam:

— Ele nos notou! Bagheera nos notou. Todos do Povo da Selva nos admiram porque somos ágeis e espertos.

Foi quando começaram seu voo nas copas das árvores, algo que ninguém consegue descrever. Lá, eles têm estradas e cruzamentos já mapeados. Subidas e descidas, tudo isso a quinze, vinte e até trinta metros do chão. Por esses caminhos, conseguem andar mesmo à noite, se necessário. Dois dos macacos mais fortes seguraram Mowgli por debaixo dos braços e foram balançando o menino pelos galhos das árvores, com arremessos de quase dez metros. Se não estivessem carregando nada, fugiriam duas vezes mais rápido, mas o peso do menino os deixava mais lentos. Mesmo sentindo-se enjoado e tonto, foi impossível para Mowgli não gostar daquela agitação, por mais que olhar o chão lá embaixo desse um baita medo e os solavancos e balanços a cada arremesso no ar livre fizessem com que seu coração quase saísse pela boca. Seus raptos o jogavam acima do topo das árvores e ele sentia os galhinhos mais finos entortando e estalando logo abaixo. No momento seguinte, com um grunhido e um suspiro, pegavam novo impulso e se jogavam para cima outra vez, depois caíam, para subir novamente em seguida, segurando firme para saltar para a próxima árvore. Às vezes, por alguns instantes, era possível ver quilômetros de distância de calma floresta, como uma pessoa no topo de um mastro consegue ver a vastidão do mar. Segundos depois, galhos e folhas voltavam a bater em seu rosto. Em queda livre, parecia que ele e seus dois guardiões se esborrachariam no chão. E assim, balançando, trombando, berrando e rosnando, toda a tribo Bandar-Log gingava pelas estradas nas copas das árvores levando Mowgli como seu prisioneiro.

No começo, ele estava com medo de que o deixassem cair. Depois, ficou bravo, mas logo entendeu que era melhor não esperar. Então,

começou a pensar. A primeira tarefa era deixar uma mensagem para Baloo e Bagheera, porque, na velocidade com que os macacos avançavam, seus amigos nunca conseguiriam acompanhá-los. Era inútil olhar para baixo. A única coisa visível era a copa das árvores e os galhos. Olhou então para cima e viu, bem lá no alto, no céu azul, Rann, o milhafre, planando em círculos enquanto esperava que alguma coisa morresse na floresta lá embaixo. Rann viu que os macacos estavam levando algo e mergulhou algumas dezenas de metros para descobrir se o que carregavam era bom de comer. Ele assobiou surpreso quando viu que era Mowgli quem estava sendo levado pelas árvores. Imediatamente, ouviu o menino declamar o chamado dos milhafres:

— Eu e você temos o mesmo sangue.

Levas de galhos bloquearam sua visão. Rann então desviou seu voo para a próxima árvore a tempo de ver o rosto moreno do pequenino aparecer novamente:

— Marque minha trilha! — gritou Mowgli. — Avise Baloo, da alcateia Seoni, e Bagheera, do Conselho da Pedra.

— Em nome de quem, irmão? — Rann nunca tinha visto Mowgli antes, embora certamente já tivesse ouvido falar dele.

— Mowgli, a Rã. Me chamam de filhote de homem! Marque minha trilha!

As últimas palavras saíram esganiçadas porque ele estava sendo chacoalhado em pleno ar, mas Rann assentiu e voou para o alto até ficar tão pequeno quanto um grão de areia. Lá permaneceu, olhando com seus olhos telescópicos o balanço das copas, enquanto Mowgli seguia rodopiando com sua escolta.

— Eles nunca vão muito longe — disse, cacarejando. — Não terminam o que começam. Sempre se distraem com outras coisas,

esses macacos. Só que desta vez eles arrumaram pra cabeça. Baloo não é brincadeira, e Bagheera, pelo que sei, não mata só cabritos.

Em seguida, bateu as asas, recolheu seus pés sob o corpo e esperou.

Enquanto isso, Baloo e Bagheera estavam loucos de raiva e preocupação. A pantera escalou os troncos como nunca, mas os galhos finos se quebravam sob seu peso e ele escorregava para baixo com as garras riscando a casca das árvores.

— Por que você não avisou o filhote de homem? — rugiu para o pobre Baloo, que trotava todo desajeitado, achando que conseguiria alcançar os macacos correndo. — De que adianta quase matar o menino com surras se você não o avisa sobre uma coisas dessas?

— Rápido! Mais rápido! A gente... ainda consegue alcançá-los — disse Baloo esbaforido.

— Nesse passo? Até uma vaca manca é mais rápida. Professor da lei, espancador de filhotes, mais um quilômetro tropeçando desse jeito e você acaba explodindo. Sente-se e pense um pouco! Planeje. Agora não é hora de perseguir. Podem acabar deixando-o cair se os seguirmos muito de perto.

— *Arrula! Auuu!* Talvez já tenham se cansado de carregá-lo e já o largaram. Não se pode confiar no Povo Macaco! Pode bater na minha cabeça com morcegos mortos! Me dê ossos podres pra comer! Me jogue na colmeia das abelhas selvagens para eu morrer picado e me enterre com as hienas porque sou o pior dos ursos! *Arulala! Aiaiai!* Ai, Mowgli, Mowgli! Por que não avisei você sobre o Povo Macaco em vez de bater na sua cabeça? Talvez minhas pancadas o fizeram esquecer a lição de hoje. Como ele vai ficar sozinho na selva se não for capaz de se lembrar das palavras?

Baloo apertou suas orelhas com as patas e rolou no chão gemendo.

— Pelo menos ele disse todas as palavras direitinho agora há pouco — disse Bagheera impaciente. — Baloo, você não tem nem memória, nem respeito próprio. O que a selva pensaria se eu, uma pantera negra, me encolhesse como Ikki, o porco-espinho, e ficasse uivando?

— E eu lá me importo com o que a selva pensa? Ele pode já estar morto.

— Se eles o deixassem cair dos galhos de brincadeira ou se o matassem por falta de cuidado... aí sim, eu me preocuparia com o filhote de homem. Ele é esperto, bem treinado e, acima de tudo, tem olhos que metem medo no Povo da Selva, mas, e isso é um grande perigo, está em poder do Povo Macaco e eles, por viverem nas árvores, não têm medo de nenhum outro povo — disse Bagheera pensativo, lambendo sua pata dianteira.

— Como eu sou tolo! Que idiota gordo, marrom, comedor de raízes eu sou! — disse Baloo se endireitando com uma sacudidela. — É verdade o que Hathi, o elefante selvagem, diz: “Cada um tem seus próprios temores.” Eles, o Povo Macaco, temem Kaa, a Serpente das Rochas, que consegue chegar até o alto das árvores para roubar macaquinhos à noite. Só de ouvir seu nome, suas malditas caudas congelam de medo. Vamos procurar Kaa.

— E como ele poderia nos ajudar? Ele não tem pés e não é da nossa tribo. Seus olhos são muito perigosos — disse Bagheera.

— Ele é muito experiente e astuto. Acima de tudo, está sempre com fome — disse Baloo esperançoso. — Prometa-lhe alguns cabritos.

— Ele dorme um mês inteiro depois de comer. Talvez esteja dormindo agora. Caso esteja acordado, por qual motivo não caçaria seus próprios cabritos? — Bagheera, que não conhecia bem Kaa, estava naturalmente desconfiado.

— Nesse caso, nós dois, velho caçador, precisamos fazer com que ele entenda a situação — Baloo roçou seu ombro marrom desengonçado na pantera e assim foram procurar por Kaa.

Encontraram-no refestelado ao sol da tarde sobre um platô, nas rochas. Estava admirando sua nova pele, a qual havia acabado de trocar. Agora estava que era uma maravilha. Seu nariz grande e roliço era a ponta de seu corpo largado ao chão, cujos dez metros de comprimento faziam voltas e curvas. Sua língua lambia os lábios como se esperasse que o jantar fosse servido.

— Ele ainda não comeu — disse Baloo arfando de alívio assim que viu aquela pele linda, rajada de marrom e amarelo. — Tenha cuidado, Bagheera! A serpente sempre fica meio cega depois que troca de pele e seu bote é muito rápido.

Kaa não era uma cobra venenosa — na verdade, ele meio que desdenhava das cobras peçonhentas. Seu poder estava no abraço. Uma vez enrolado como uma mola em torno de alguém, tudo estava terminado.

— Boas caçadas! — gritou Baloo, sentando-se sobre as ancas.

Kaa era meio surdo e não ouvia logo de primeira, algo comum às serpentes de sua espécie. Por isso, ao primeiro som, ele se enrolava rapidamente, por precaução, com a cabeça abaixada.

— Boa caçada a todos — respondeu. — Baloo, o que você faz por aqui? Boa caçada, Bagheera. Pelo menos um de nós precisa de comida. Alguma novidade lá pelas suas bandas? Alguma corça ou um jovem veado? Meu estômago está nas costas.

— Estamos caçando — disse Baloo despreocupado. Ele sabia que não se devia apressar Kaa. Ele é grande demais.

— Posso ir com vocês? — disse Kaa. — Uma patada a mais ou a menos pode não ter muita importância para um Bagheera ou um

Baloo, mas eu... eu tenho que ficar dias esperando em alguma picada no meio do mato ou passar quase a noite toda escalando uma árvore para pegar um jovem símio. Rapaz! Os galhos de hoje não são mais como os da minha juventude. Só dá graveto e galho podre por aí.

— Talvez o motivo seja seu grande peso — disse Baloo.

— Eu tenho um bom comprimento, um bom comprimento — disse Kaa meio orgulhoso. — Mas, na verdade, é tudo culpa das árvores novas. Quase caí na minha última caçada, foi por pouco. O barulho do meu escorregão foi grande, acordou o Povo Macaco e eles me xingaram de nomes horrorosos.

— Barriga lisa, minhoca amarela — disse Bagheera bem baixo, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

— Sssss! Eles me chamaram disso também? — disse Kaa.

— Foi alguma coisa assim que gritaram para nós na lua passada, mas não demos atenção. Eles inventam qualquer coisa, dizem até que você perdeu seus dentes e que não enfrenta nada maior do que uma criança porque (esse Povo Macaco é mesmo um bando de sem-vergonhas) você tem medo de chifre de bode — completou Bagheera em tom agradável.

Ora, uma serpente, em especial uma píton calejada como Kaa, muito raramente demonstra sua raiva, mas Baloo e Bagheera podiam ver os músculos dos dois lados da longa garganta de Kaa agitados e pulsantes.

— O Povo Macaco se mudou daqui — disse calmamente. — Hoje, quando saí para tomar sol, ouvi o bando berrando no topo das árvores.

— É... é exatamente o Povo Macaco que estamos perseguindo agora — disse Baloo, mas as palavras travaram em sua garganta. Ele

percebeu que era a primeira vez ouvia alguém do Povo da Selva dizer que se interessava por aquilo que os macacos faziam.

— Então não há sombra de dúvida de que algo importante aconteceu para atrair grandes caçadores, senhores de seus próprios territórios, como vocês — replicou Kaa de forma cortês, inchado de curiosidade.

— Na verdade — começou Baloo —, nada mais somos do que o velho e quase sempre tolo professor da lei dos filhotes de lobo dos Seoni e o Bagheera aqui...

— Que é o Bagheera mesmo — disse a pantera negra fechando suas mandíbulas com um estalo, rejeitando a ideia de ser alguém normal. — O problema é o seguinte: esses ladrões de castanhas e comedores de folha de palmeira roubaram nosso filhote de homem, de quem talvez você já tenha ouvido falar.

— Já tive notícias dele por Ikki (ele se acha o tal com aqueles espinhos), de que um coisa-homem foi aceito na matilha, mas não acreditei. Ikki é cheio de histórias mal contadas e pela metade.

— Mas é verdade. Ele é mesmo o primeiro filhote de homem por aqui — disse Baloo. — O melhor, mais esperto e valente dos filhotes de homem. É meu querido aluno. Trará fama para o nome de Baloo por toda a selva e, além do mais, eu... quer dizer, nós... o amamos, Kaa.

— Ts! Ts! — disse Kaa, balançando a cabeça. — Eu também sei o que é amar. Eu poderia contar histórias que...

— Tenho certeza que seriam ótimas em uma noite tranquila, com todos bem alimentados, para aplaudirmos como se deve — disse Bagheera interrompendo. — Porém, neste momento, nosso filhote de homem está nas mãos do Povo Macaco e sabemos que, de todos os animais do Povo da Selva, o único que eles temem é você Kaa.

— Eles só temem a mim por boas razões — disse Kaa. — Falastrões, bobocas, vadios... são esses macacos. Mas um coisa-homem nas mãos deles é mau agouro. Eles enjoam das castanhas que colhem e as jogam para baixo. Arrastam um galho quase um dia inteiro pensando em usá-lo em grandes projetos e depois o quebram ao meio. O coisa-homem não é digno de inveja. E, além do mais, me chamaram de... “peixe amarelo”, não é?

— Minhoca... minhoca... minhoca da terra — disse Bagheera — e de mais umas outras coisas que não repito por vergonha.

— Precisamos lembrá-los de falar bem de seus superiores. Aaa-ssp! Nós vamos ajudar as suas memórias distraídas. Para onde levaram o filhote?

— Só a selva saberia dizer. Na direção do poente, acho — disse Baloo. — A gente pensou que você saberia, Kaa.

— Eu? Saber? Eu pego os macacos que cruzam o meu caminho, mas não caço o Povo Macaco, nem rãs... nem alga verde em buraco n'água, se quer saber.

— Cima! Cima! Cima, cima! Oie! Ie! Ie! Olha pra cima, Baloo da matilha Seoni!

Baloo levantou o olhar para ver de onde vinha a voz. Lá estava Rann, o milhafre, mergulhando com o sol brilhante por trás e o vento arrebitando as bordas de suas asas. Já era quase hora de Rann dormir, mas ele havia voado sobre toda a selva à procura do urso, coisa nada fácil, com todo aquele mar de folhas.

— O que foi? — disse Baloo.

— Vi Mowgli com o Povo Macaco. Ele pediu para avisar você. Fiquei observando. Eles atravessaram o rio e foram para a cidade dos macacos, nas Tocas Frias. Acho que vão passar a noite lá, ou dez

noites, ou só uma hora. Já pedi aos morcegos para vigiarem nas horas escuras. Esta é a minha mensagem. Boa caçada para vocês aí embaixo!

— Desfiladeiro profundo e sono pesado para você, Rann — gritou Bagheera. — Vou me lembrar disso em minha próxima caçada e deixar a cabeça separada só para você, ó melhor dos milhafres!

— De nada, de nada. O menino usou a palavra. Eu não poderia fazer menos — disse Rann subindo novamente em círculos.

— Ele não se esqueceu da língua — disse Baloo todo orgulhoso. — Imagine alguém tão jovem que consegue se lembrar da palavra dos pássaros ao mesmo tempo em que é arrastado pela floresta!

— Estava bem gravado em sua memória — disse Bagheera. — Estou orgulhoso dele, mas agora precisamos ir para as Tocas Frias.

Todos sabiam onde ficava, mas poucos indivíduos do Povo da Selva iam até lá. As Tocas Frias eram as ruínas de uma antiga cidade perdida encoberta pela selva — é raro que animais vivam em lugares que já foram habitados pelos homens. O javali-do-mato usa, mas os bandos caçadores não. Além disso, os macacos moravam ali do mesmo modo que poderia se dizer que moram em qualquer outro lugar. Nenhum animal honrado gostaria ser visto por lá, a não ser em tempos de seca, quando os tanques e reservatórios em ruínas continuam cheios de água.

— É uma viagem que leva metade de uma noite, mesmo a toda velocidade — disse Bagheera.

Baloo pareceu preocupado:

— Vou correr o mais que posso — disse ansioso.

— Não podemos esperar que você nos acompanhe. Siga a nossa trilha, Baloo. Eu e Kaa iremos com pés mais ligeiros à frente.

— Com ou sem pés, sou tão rápido quanto suas quatro patas — disse Kaa ofendido.

Novamente, Baloo tentou ir depressa, mas se sentou para tomar fôlego e foi deixado para trás enquanto Bagheera corria na dianteira em seu trote rápido de pantera. Kaa nada disse, mas para rivalizar com Bagheera, a enorme píton das rochas acelerou. Quando chegaram a uma corredeira, Bagheera ganhou terreno porque pulou sobre a água enquanto Kaa nadou com a cabeça acima do nível da água. De volta à terra firme, Kaa se aproximou outra vez.

— Pela tranca quebrada que me libertou — disse Bagheera quando o crepúsculo caiu —, você não é nada lento!

— Estou com fome — disse Kaa. — Além do mais, me chamaram de sapo sardento.

— Não. Eles chamaram você de larva, minhoca amarela e desprezível.

— Dá no mesmo. Vamos em frente — e Kaa pareceu se esparramar pelo chão, encontrando o melhor atalho com seus olhos fixos.

Nas Tocas Frias, os amigos de Mowgli não eram uma preocupação para o Povo Macaco. Lá, todos estavam muito satisfeitos. Eles tinham conseguido trazer o menino para a Cidade Perdida. Mowgli jamais vira uma cidade indiana antes e, embora aquilo não passasse de um monte de ruínas, ainda parecia esplêndida. Tempos atrás, algum rei a construiu nessa pequena colina. Era possível ver os rastros do calçamento de pedra que levava até os portões arruinados onde os últimos pedaços de madeira ainda estavam presos nas dobradiças velhas e enferrujadas. Árvores tinham crescido dentro e fora dos muros. As guaritas despencaram e apodreceram. Trepadeiras ficavam penduradas para fora das janelas das torres com suas abundantes pencas de folhagens.

Um grande palácio sem telhado ficava no topo da colina. Seus pátios de mármore e fontes estavam rachados e manchados de vermelho e verde. Até os revestimentos de pedra no piso, onde os

elefantes do rei eram mantidos, tinham sido afastados uns dos outros pela grama e os brotos de árvores que cresciam entre suas fendas. Do palácio vislumbravam-se fileiras e mais fileiras de casas destelhadas, o que fazia com que a cidade se parecesse com alvéolos de uma colmeia abandonada. Um bloco de rocha que anteriormente representava um ídolo não tinha mais identidade e ficava onde quatro caminhos se cruzavam. Figueiras-bravas brotaram nas pias e tanques nas esquinas das ruas onde antes existiam fontes públicas e nos flancos dos domos estilhaçados dos templos.

Os macacos chamavam esse lugar de sua cidade e fingiam desprezar o Povo da Selva que vivia na floresta. Mesmo assim, eles não sabiam do que os prédios eram feitos ou para que serviam. Costumavam se sentar em círculos na entrada da câmara do antigo conselho real para procurar pulgas uns nos outros, fingindo ser homens. Também tinham o hábito de entrar correndo nas casas destelhadas, pegar pedaços de gesso e tijolos velhos em algum canto para no momento seguinte se esquecer onde os haviam escondido. Brigavam e gritavam, se amontoando, depois saíam à toda para escalar e descer dos terraços do jardim do rei onde chacoalhavam as roseiras e as laranjeiras só para ver as frutas e as flores caírem no chão. Exploravam todas as passagens e túneis do palácio e as centenas de cômodos escuros, mas nunca se lembravam quais já conheciam e quais não; então, se dividiam em pares, sozinhos ou em bandos, falando uns para os outros que estavam fazendo o mesmo que os homens. Bebiam dos tanques e deixavam a água toda enlameada. Em seguida, brigavam por causa disso, se juntavam em grupos e gritavam: “Não tem ninguém na selva tão esperto, bom, inteligente, poderoso e gentil quanto o Povo Macaco”. Depois, começavam tudo de novo até ficarem cansados da cidade. No final, voltavam para as copas das árvores torcendo para que o Povo da Selva os notasse.

Mowgli, que tinha sido treinado na Lei da Selva, não gostava e

nem entendia esse estilo de vida. Os macacos o arrastaram para as Tocas Frias no final da tarde e, em vez de irem dormir, como Mowgli faria após uma longa jornada, se deram as mãos e ficaram dançando e cantando suas músicas idiotas. Um dos macacos fez um discurso e disse aos seus companheiros que a captura de Mowgli marcava o início de algo novo na história do Povo Macaco, já que o menino mostraria a eles como amarrar gravetos e junco para que se protegessem da chuva e do frio. Mowgli pegou algumas trepadeiras e começou a amarrá-las. Os macacos tentaram imitá-lo. Em poucos minutos perderam o interesse e começaram a puxar os rabos dos amigos ou a pular guinchando.

— Quero comer — disse Mowgli. — Sou forasteiro nesta parte da floresta. Me tragam comida ou me deixem sair para caçar.

Uns vinte ou trinta macacos saíram em disparada para trazer castanhas e mamões selvagens, mas acabaram brigando no meio do caminho. Desistiram após perceber que seria uma trabalhadeira voltar com o que havia sobrado das frutas. Mowgli estava chateado, bravo e faminto. Por isso andou pela cidade deserta dando o aviso de caça dos forasteiros de vez em quando, mas ninguém respondeu. Acabou por concluir que, na verdade, devia estar em um lugar nada bom.

— Tudo o que Baloo disse sobre o Povo Macaco é verdade — pensou Mowgli. — Eles não têm lei, nem aviso de caça, nem líderes... nada, só palavras idiotas e mãozinhas furtivas de ladrões. Então, se eu morrer de fome, a culpa será só minha. Preciso tentar voltar para a minha floresta. Tenho certeza de que Baloo vai me bater, mas é melhor do que ficar correndo atrás de pétalas de rosa com o Povo Macaco.

Assim que se pôs a caminhar na direção dos muros da cidade, os macacos o puxaram de volta dizendo que ele não fazia ideia do quanto era feliz e ficavam dando beliscões para que ele agradecesse. Mowgli arreganhou os dentes, mas não disse nada. Acompanhou os

macacos, que seguiram aos berros até o terraço no alto dos reservatórios de arenito vermelho que estavam até a metade com água das chuvas. Havia uma casa de veraneio de mármore branco toda arruinada no centro do terraço, construída para as rainhas mortas mais de cem anos atrás. Metade do domo do teto tinha desabado, bloqueando a passagem subterrânea que vinha do palácio. As paredes eram feitas de rendilhados de mármore branco, uma beleza de ornamentação clara como o leite incrustada de ágatas, cornalinas, jaspes e lápis-lazuli. Quando a lua aparecia por detrás da colina, sua luz passava por entre os entalhes, criando uma sombra no chão como se fosse um veludo negro todo bordado. Chateado, cansado e faminto, Mowgli não conseguia parar de rir quando os macacos começaram, uns vinte ao mesmo tempo, a se vangloriar de sua própria importância, sabedoria, força, gentileza e de como o menino estava sendo bobo ao querer ir embora.

— Nós somos importantes. Somos livres. Somos o povo mais maravilhoso da selva! Todos nós falamos isso, então deve ser verdade — gritaram. — Como você é nosso ouvinte agora, pode levar as nossas palavras com você quando retornar para o Povo da Selva. Assim, eles vão passar a nos notar. Vamos contar para você tudo sobre as nossas incríveis personalidades.

Mowgli não se recusou. Os macacos se juntaram às centenas sobre o telhado para ouvir oradores recitando as glórias daquele povo. Sempre que um orador parava para tomar fôlego, todos os outros gritavam de uma só vez:

— É verdade, todos concordamos.

Mowgli também concordava, piscava e dizia “sim” quando lhe perguntavam alguma coisa. Sua cabeça já estava zozona com tanto barulho.

— Tabaqui, o Chacal, deve ter mordido essa gente — disse para si

mesmo. — Todos estão loucos. Só pode ser *dewanee*, a loucura. Será que eles não dormem nunca? Estou vendo uma nuvem que vai encobrir a lua em breve. Se ela for grande o suficiente, talvez eu possa tentar fugir na escuridão, mas estou exausto.

A mesma nuvem estava sendo observada por outros dois bons amigos na vala arruinada junto à muralha da cidade. Bagheera e Kaa sabiam o quanto o Povo Macaco era perigoso quando em grupos grandes. Não queriam correr nenhum risco. Os macacos nunca lutam, exceto quando estão em vantagem de cem contra um — poucos na selva se arriscam dessa maneira.

— Vou para a muralha oeste — sussurrou Kaa — e vou descer furtivamente aproveitando o declive. Eles não vão se jogar às centenas nas minhas costas, mas...

— Eu sei — disse Bagheera. — Gostaria que Baloo já estivesse aqui... porém vamos fazer o possível. Quando aquela nuvem cobrir a lua, vou subir no terraço. Estão realizando algum tipo de assembleia sobre o menino.

— Boa caçada — disse Kaa de forma sombria e partiu, deslizando rumo à muralha oeste, que era a menos dilapidada de todas.

A grande cobra demorou um tanto antes de encontrar um caminho para subir pelas pedras. A nuvem encobriu a lua e, enquanto Mowgli se perguntava o que aconteceria em seguida, ouviu os passos leves de Bagheera sobre o terraço. A pantera negra subira pela inclinação quase sem fazer barulho e começou a enfrentar os macacos — Bagheera sabia que era perda de tempo tentar mordê-los —, alternadamente pela direita e pela esquerda. Cerca de sessenta macacos estavam sentados em círculos em volta de Mowgli. Ouviram-se uivos e berros quando Bagheera avançou sobre eles, que rolavam e chutavam por baixo de seu corpo até que um macaco gritou:

— Ele está sozinho! Matem-no! Matem-no!

Uma multidão de macacos pronta para a luta cobriu Bagheera com mordidas, arranhões, fúria e puxões, enquanto outros cinco ou seis seguravam Mowgli e o arrastavam pela parede, para cima da casa, empurrando-o através de um vão do domo quebrado. Um menino criado pelos homens teria se machucado seriamente, pois tratava-se de uma queda de uns cinco metros, mas Mowgli caiu em pé como Baloo havia ensinado.

— Fique aqui — gritaram os macacos — até terminarmos de matar os seus amigos. Depois voltaremos para brincar com você... se é que o Povo Venenoso vai deixá-lo viver.

— Somos do mesmo sangue, eu e vocês — disse Mowgli rapidamente declamando o aviso das serpentes.

Ele podia ouvir o rastejar e os sibilos por entre o entulho à sua volta e fez o aviso outra vez, só para garantir.

— Atenção todossss! Desarmem o bote! — sussurraram meia dúzia de vozes (todas as ruínas na Índia, cedo ou tarde, se tornam morada de serpentes, e a velha casa estava repleta de najas). — Fique parado, irmãozinho, porque seus pés podem nos machucar.

Mowgli ficou o mais quieto possível, espiando através das frestas e ouvindo o som da furiosa luta com a pantera negra — gritos, muita movimentação e o rugido profundo e rouco de Bagheera empurrando, golpeando, contorcendo-se e sendo pisado sob uma enxurrada de inimigos. Pela primeira vez desde que nasceu, Bagheera estava realmente lutando pela própria vida.

— Baloo deve estar por perto. Bagheera não viria sozinho — pensou Mowgli. Em seguida, gritou alto: — Vá para o tanque, Bagheera. Vá para a água e mergulhe!

Bagheera ouviu. O grito indicava que Mowgli estava a salvo, o que

lhe deu nova esperança. Abriu caminho desesperadamente, conquistando centímetro a centímetro sua passagem até as cisternas. Então, vindo da muralha em ruínas mais próxima da selva, surgiu o retumbante grito de guerra de Baloo. O velho urso tinha se esforçado ao máximo para chegar o quanto antes.

— Bagheera! — gritou. — Estou aqui! Subindo! Rápido! Graaaurr! Meus pés escorregam escalando as pedras! Abomináveis macacos, vocês vão ver só uma coisa!

Ele subiu bufando até o terraço e foi imediatamente encoberto dos pés à cabeça por uma onda inimiga, mas se manteve firme sobre as ancas e abriu as patas dianteiras para abraçar quantos macacos pôde. Depois, passou a socar um por um, como se fosse uma roda de remo. Um sonoro som de mergulho na água anunciou a Mowgli que Bagheera conseguira chegar ao tanque, onde os macacos não eram capazes de segui-lo. A pantera tentava recuperar o fôlego, mantendo somente a sua cabeça fora da água enquanto os macacos estavam nos degraus vermelhos, pulando furiosos, prontos para cair sobre ele por todos os lados caso decidisse sair para ajudar Baloo. Foi então que Bagheera levantou o queixo, a água escorrendo por ele e, desesperadamente, deu seu aviso da serpente buscando ajuda: “Somos do mesmo sangue, vocês e eu” — ele desconfiava que Kaa os tinha abandonado sem avisar. Baloo, mesmo sufocado debaixo dos macacos na beira do terraço, não conseguiu segurar a risada quando ouviu a pantera negra pedir ajuda.

Kaa tinha acabado de passar por cima da muralha oeste, aterrissando com tal impulso que uma pedra voou do chão para a vala. E, de forma a não perder nenhuma vantagem no solo, enrolou e desenrolou seu longo corpo umas duas vezes para se certificar de que cada parte continuava funcionando. Durante esse tempo, a luta de Baloo prosseguia e os macacos berravam no tanque ao redor de Bagheera. Mang, o morcego, ia e voltava, levando as notícias da

grande batalha para toda a selva, até que Hathi, o elefante selvagem, barriu a mensagem e, ao longe, bandos esparsos do Povo Macaco acordaram e vieram saltitando pelas estradas nas árvores para ajudar seus parceiros nas Tocas Frias. O som da luta também despertou todos os pássaros diurnos num raio de quilômetros. Foi nesse momento que a serpente deu sua carga, veloz e ansiosa por matar. O poder de combate de uma píton está no golpe de sua cabeça apoiado pela força e o peso de seu corpo. Se você imaginar uma lança, um aríete ou uma marreta de quase meia tonelada sendo manejada por uma mente tranquila e comedida, então estará imaginando como é Kaa quando está lutando. Uma píton de mais de um metro e meio de comprimento pode derrubar um homem se o atingir bem no meio do peito, mas, como você sabe, Kaa media dez metros. Seu primeiro golpe atingiu bem em cheio a turba que cercava Baloo. A multidão voou longe, sem nem dar um pio, e nem foi necessário dar o segundo golpe. Os macacos se espalharam aos gritos de: “É Kaa! É Kaa! Corram! Corram!”.

As gerações mais velhas do Povo Macaco usam as histórias de Kaa, o ladrão da noite, para amedrontar macaquinhos desobedientes. Segundo esses relatos, a píton seria capaz de se esgueirar pelos galhos tão silenciosamente quanto o musgo crescendo e roubar até o macaco mais forte que já viveu. A cobra também era conhecida por se fingir de madeira seca ou tronco podre, enganando até os mais espertos. Kaa era tudo o que os macacos mais temiam na selva, principalmente porque nenhum deles sabia qual a verdadeira extensão dos poderes da serpente. Ninguém era capaz de encará-lo e ninguém jamais havia saído vivo de seu abraço. E, por isso, correram aterrorizados, trepando pelas paredes e telhados das casas. Baloo tomou um longo fôlego de alívio. Mesmo seu couro sendo muito mais grosso que o de Bagheera, ele saiu machucado da luta. Então, abriu sua boca pela primeira vez e proferiu uma longa palavra em forma de silvo. Os macacos que vinham de longe, apressados em defender as Tocas

Frias, estancaram onde estavam, se amontoaram a ponto de os galhos ficarem tão pesados que se curvaram e despencaram. Os macacos nas casas vazias calaram seus gritos e, no silêncio que cobriu a cidade, Mowgli ouviu Bagheera sacudindo a água de seu corpo ao sair do tanque. Em seguida, o clamor recomeçou. Os macacos subiram ainda mais alto pelas paredes. Eles se penduravam nos pescoços dos grandes ídolos de pedra e guinchavam, trepando por sobre os parapeitos, enquanto Mowgli, dançando na casa de veraneio, olhava através do rendilhado e piava por entre os dentes como uma coruja, em sinal de provocação e desprezo.

— Tirem o filhote de homem daquela prisão; estou exausto — arquejou Bagheera. — Vamos pegar o filhote de homem e ir embora. Eles ainda podem contra-atacar.

— Eles não vão se mover até que eu dê outra ordem. Fique tranquilo — sibilou Kaa e, novamente, a cidade ficou em silêncio. — Não consegui chegar antes, irmão, mas acho que ouvi um chamado seu — disse a Bagheera.

— Talvez eu tenha mesmo chamado durante a batalha — respondeu Bagheera. — Baloo, você está ferido?

— Parecia que iam me despedaçar em cem ursinhos filhotes — disse Baloo solenemente, sacudindo primeiro uma perna e depois a outra. — Uau! Estou todo dolorido. Kaa, acho que eu e Bagheera devemos nossa vida a você...

— Não há de quê. Onde está o pequeno humano?

— Aqui, na armadilha. Não consigo sair — gritou Mowgli.

A curva do domo arruinado era mais alta do que sua cabeça.

— Tirem-no daqui. Ele dança como Mao, o pavão. Vai esmagar nossas criancinhas — disseram as najas, lá de dentro.

— Rá! — disse Kaa com uma risada. — Ele tem amigos por toda

parte, esse pequeno humano. Afaste-se, pequenino. E vocês, Povo Venenoso, protejam-se, pois vou derrubar a parede.

Kaa analisou até encontrar uma rachadura pálida no rendilhado de mármore, o que representava um ponto fraco. Deu duas ou três onduladas leves com a cabeça para pegar distância e então, levantando seu corpo quase dois metros, mandou meia dúzia de poderosos golpes com seu nariz, arrebatando o obstáculo. A fenda de mármore trincou e desabou com uma nuvem de poeira e cacos. Mowgli saltou pela abertura, correndo para junto de Baloo e Bagheera, abraçando o pescoço de cada um.

— Está ferido? — perguntou Baloo, abraçando-o com delicadeza.

— Estou dolorido, faminto e bem machucado. Mas, rapaz, vocês foram castigados pra valer! Estão sangrando.

— Eles também estão — disse Bagheera, lambendo os lábios e olhando para a mortandade de macacos no terraço e em volta do tanque.

— Tudo bem. Está tudo bem agora que você está salvo, meu orgulho maior entre todas as rãzinhas! — choramingou Baloo.

— Quanto a isso, conversaremos depois — disse Bagheera com uma voz seca que não agradou nada a Mowgli. — Mas aqui está Kaa, a quem devemos essa vitória e a quem você deve a sua vida. Agradeça-o como mandam nossos costumes, Mowgli.

Mowgli virou-se e viu a cabeça da grande píton pendendo a meio metro acima da sua.

— Então este é o pequeno humano — disse Kaa. — Que pele macia ele tem, meio parecida com a do Povo Macaco. Tenha cuidado, pequenino, eu posso me enganar e achar que você é um macaco num desses crepúsculos após trocar minha pele.

— Somos do mesmo sangue, você e eu — respondeu Mowgli. —

Devo minha vida a você. Minha presa será sua presa se algum dia estiver faminto, Kaa.

— Ora, muito obrigado, irmãozinho — disse Kaa com os olhos ainda faiscando. — E qual presa alguém tão corajoso é capaz de matar? Me pergunto se devo segui-lo na próxima vez que sair para caçar.

— Eu não mato nada... ainda sou muito pequeno, mas posso atrair bodes até você. Quando estiver de estômago vazio, me procure e veja se não estou falando a verdade. Tenho minhas habilidades — e mostrou suas duas mãos. — Se algum dia cair em uma armadilha, talvez eu possa retribuir o que devo a você, Bagheera e Baloo. Boa caçada a todos vocês, meus mestres.

— Muito bem dito — grunhiu Baloo.

Mowgli devolveu os agradecimentos de maneira bastante apropriada. A píton largou sua cabeça suavemente por um minuto sobre o ombro do menino.

— Um coração valente e uma fala educada — disse. — Qualidades muito úteis na selva, pequeno humano. Mas, agora, apresse-se com seus amigos. Vá e durma porque a lua se vai e o que virá agora não será muito bom que você veja.

A lua ia descendo atrás das colinas. As filas de macacos trêmulos amontoados sobre as paredes e parapeitos pareciam franjas de trapos esfarrapados. Baloo desceu até o tanque para tomar um gole de água, enquanto Bagheera começou a colocar sua pelagem em ordem. Kaa, por sua vez, deslizou para o centro do terraço e fechou suas mandíbulas com um estalo retumbante, atraindo os olhares de todos os macacos.

— A lua se vai — disse ele. — Ainda há luz suficiente para enxergarem?

Das paredes ressoou um gemido como o vento na copa das árvores:

— Enxergamos, grande Kaa.

— Ótimo. Que a dança comece, então... a dança da fome de Kaa. Sentem-se quietinhos e assistam.

Ele deslizou pelo círculo duas ou três vezes, balançando a cabeça para a direita e para a esquerda. Depois, fez voltas e desenhou o número oito com seu corpo e triângulos suaves e reluzentes que viraram quadrados, pentágonos e espirais em forma de mola, sem nunca parar, sem pressa e sem interromper sua música grave e vibrante. Tudo foi ficando mais e mais escuro até que, por fim, o rastejo e o movimento dos anéis desapareceram, e só era possível ouvir o roçar das escamas.

Baloo e Bagheera ficaram parados como pedras, rosnando no fundo de suas gargantas, com os pelos da nuca eriçados. Já Mowgli observava tudo maravilhado.

— Povo Macaco — disse finalmente a voz de Kaa —, seus pés e mãos podem se mover sem minha ordem? Digam!

— Sem a sua ordem não podemos mexer nem os pés, nem as mãos, grande Kaa!

— Ótimo! Adiantem todos um passo em minha direção.

As filas de macacos avançaram, impotentes, e Baloo e Bagheera deram um passo tenso junto com eles.

— Mais perto! — sibilou Kaa, e todos se moveram novamente.

Mowgli pousou suas mãos sobre Baloo e Bagheera para tirá-los dali. Parecia que as duas grandes feras estavam sendo acordadas de um sonho.

— Fique com sua mão no meu ombro — sussurrou Bagheera. —

Deixe a mão aí, senão vou acabar indo lá... preciso voltar para Kaa.
Aah!

— É só o velho Kaa rodando em círculos no chão — disse Mowgli.
— Vamos embora.

E os três se foram, passando por um buraco da muralha em direção à selva.

— Ufa! — disse Baloo parando novamente sob a tranquilidade das árvores. — Nunca mais quero precisar de Kaa como aliado — e sacudiu-se todo.

— Ele é mais astuto do que nós — disse Bagheera tremendo. — Se eu tivesse ficado mais um pouco, acabaria goela abaixo.

— Muitos outros vão tomar esse caminho antes que a lua apareça de novo — disse Baloo. — Ele vai ter uma boa caçada, bem ao seu estilo.

— Mas qual é o sentido disso tudo? — disse Mowgli, que não sabia nada dos poderes hipnóticos de uma píton. — Não vi nada além de uma cobra enorme rodando em círculos até ficar tudo escuro. E o nariz dela estava todo inchado. Ha! Ha!

— Mowgli — disse Bagheera nervoso —, o nariz dela estava machucado, assim como minhas orelhas, minhas costas, minhas patas e o pescoço e os ombros de Baloo, que foram mordidos por sua causa. Nem Baloo e nem Bagheera terão prazer em caçar por vários dias.

— Tudo bem — disse Baloo. — Pelo menos nosso filhote de homem voltou.

— Verdade, mas nos custou um tempo precioso que poderíamos ter gasto em boas caçadas, em vez de ferimentos e tufo de pelos. As minhas costas estão todas arranhadas. Acima de tudo, nossa honra foi ferida. Portanto, Mowgli, lembre-se de que eu, que sou uma pantera negra, fui obrigado a pedir ajuda a Kaa, e que Baloo e eu fomos

atraídos como passarinhos hipnotizados pela dança da fome. Tudo isso, filhote de homem, aconteceu em razão das suas brincadeiras com o Povo Macaco.

— É verdade mesmo — disse Mowgli arrependido. — Sou um mau filhote de homem e meu estômago está triste aqui dentro.

— Hunf! O que diz a Lei da Selva, Baloo?

Baloo não queria trazer mais problemas para Mowgli, mas não podia alterar a lei. Portanto, murmurou:

— Arrependimento não serve como punição. Mas lembre-se, Bagheera, ele é muito pequeno.

— Vou me lembrar. Porém ele desobedeceu e agora terá de enfrentar o castigo. Mowgli, você tem algo a dizer?

— Não. Eu errei. Você e Baloo se machucaram. É justo.

Bagheera deu-lhe meia dúzia de tapas carinhosos do ponto de vista de uma pantera — pois sequer acordariam seus próprios filhotes —, mas, para um menino de sete anos, pareceu uma bela surra que qualquer um gostaria de ter evitado. Quando tudo acabou, Mowgli fungou e pôs-se em pé sem nada dizer.

— Agora — disse Bagheera —, suba nas minhas costas, irmãozinho, e vamos para casa.

Uma das belezas da Lei da Selva é que o castigo apaga todas as marcas. Não há mais discussão após a punição.

Mowgli deitou sua cabeça sobre as costas de Bagheera e dormiu tão profundamente que não acordou nem quando foi colocado de volta na caverna onde morava.

CANÇÃO DE ESTRADA DO POVO MACACO

*Lá vamos nós, o festim voador da floresta,
Até mesmo a lua nos inveja e nos detesta!
Quer fazer parte dessa galera esperta?
Desejaria ter umas mãos extras?
Gostaria que seu rabo fosse assim... assim...
Curvado como o arco de um querubim?
Agora você ficou nervoso, mas não tem nada,
Irmão, olha sua cauda, toda pendurada!*

*Nos sentamos nas alamedas galhadas,
Falando de coisas belas e amadas;
Sonhando em fazer o que planejamos,*

E, em menos de um minuto, já terminamos...

Algum negócio nobre, sábio e bom,

Feito só de desejo, sem nenhum dom.

E já nos esquecemos, mas tem nada,

Irmão, olha sua cauda, toda pendurada!

Essas fofocas que sempre ouvimos,

Falatório de morcegos, aves e bovinos —

De pele, pena, escama ou couro —

Falam da gente sem nenhum decoro!

Excelente! Maravilha! Novamente!

Agora sim, estamos falando feito gente!

Vamos fingir que somos... não pega nada,

Irmão, olha sua cauda, toda pendurada!

E é assim a nossa vida, uma grande macacada.

Junte-se a nós, dê um salto, estremecendo as árvores lá do alto,

Como foguetes com dentes, comemos lá em cima as frutas pendentes.

Bagunçando cedo, nobre algazarra de uma turma sem sobressalto,

Você sabe, porque é inteligente, que sempre seremos assim,

surpreendentes!

TIGRE! TIGRE!

E quanto à caçada, bravo caçador?

Irmão, a espera é longa como a dor.

E quanto à vítima que buscava matar?

Irmão, ainda está na selva, viva, a pastar.

Para onde foi a fonte de toda a sua glória?

Irmão, ela emana de minha própria história.

Então por que está tão apressado a correr?

Irmão, vou para a minha toca... para morrer.

Agora voltaremos ao nosso primeiro conto. Logo após Mowgli deixar a caverna dos lobos, depois da disputa com a matilha na Pedra do Conselho, ele desceu para os campos arados onde moravam os camponeses, mas não parou por lá porque a aldeia era próxima demais da selva e ele sabia que havia feito um terrível inimigo. Assim, continuou pela trilha que descia pelo vale e seguiu marchando apressado por mais de trinta quilômetros até chegar a um lugar que ainda não conhecia. O vale se abria para uma grande planície pontilhada por rochas e recortada por barrancos. Em uma das pontas existia uma aldeia; na outra, a selva fechada que descia invadindo o pasto e parando de repente como se tivesse sido cortada por uma enxada. Por toda a planície pastavam bois, vacas e búfalos. Quando os meninos responsáveis pelos rebanhos viram Mowgli, gritaram e fugiram. Os vira-latas amarelos, que perambulam por todas as aldeias da Índia, latiram. Mowgli prosseguiu. Estava faminto. No portão da aldeia, sob a luz do pôr do sol, encontrou um grande feixe de espinhos fechando a passagem. Empurrou-o para o lado.

— Hunf! — resmungou. Ele já tinha se deparado com muitos desses obstáculos em suas rondas noturnas em busca de alimento. — Então eles também têm medo do Povo da Selva.

Sentou-se perto do portão. No momento em que um morador apareceu, ficou em pé, abriu a boca e apontou para ela, mostrando que queria comida. O homem o encarou e voltou correndo pela única rua da aldeia, chamando pelo guru, que era um sujeito grande, gordo, de roupas brancas e com duas marcas na testa, uma vermelha e outra amarela. O guru veio até o portão, seguido por pelo menos mais umas cem pessoas, que ficaram olhando, falando, gritando e apontando para Mowgli.

— Como essa gente-homem é mal-educada — disse para si mesmo. — Só um símio cinza faria algo assim.

Então jogou seus longos cabelos para trás e fez uma careta para a multidão.

— Do que é que vocês estão com medo? — disse o guru. — Vejam as marcas em seus braços e pernas. São mordidas de lobo. Ele não passa de um menino-lobo que fugiu da selva.

É claro que, brincando juntos, os filhotes às vezes mordiam Mowgli mais forte do que deviam. Ele carregava cicatrizes em seus braços e pernas, mas seria a última pessoa no mundo a chamar aquilo de mordidas. Sabia que nenhuma delas era de propósito.

— *Arre! Arre!* — disseram duas ou três mulheres ao mesmo tempo. — Mordido por lobos, coitadinho! Ele é um menino lindo. Seus olhos são como o fogo vermelho. Com todo o respeito, Messua, ele é muito parecido com o seu filho que foi levado pelo tigre.

— Deixe-me ver — disse uma mulher com pesadas argolas de cobre em seus pulsos e tornozelos. Ela examinou Mowgli. — Na verdade, não é ele. Este é mais magro, mas tem o mesmo jeito do meu filho.

O guru era um homem inteligente e sabia que Messua era esposa do aldeão mais rico dali. Então ele levantou seu olhar para o céu por um momento e disse solenemente:

— O que a selva levou, a selva devolveu. Leve o menino para sua casa, minha irmã, e não se esqueça de honrar o guru que enxerga tão longe na vida dos homens.

— Pelo búfalo que me pagou — disse Mowgli a si mesmo —, todo esse falatório me lembra a matilha! Porém, se eu sou um homem, um homem devo ser.

A multidão se dispersou enquanto a mulher guiava Mowgli à sua cabana, onde havia uma cama de verniz vermelho, um grande baú de cereais no chão desenhado com padrões engraçados, meia dúzia de

panelas de cobre, uma imagem de um deus hindu em um pequeno santuário e também um espelho de verdade na parede, igual aos que são vendidos nas feiras rurais.

Ela lhe deu um grande copo de leite e um pouco de pão. Depois pousou a mão em sua cabeça e olhou dentro de seus olhos — achava que talvez fosse seu verdadeiro filho que havia voltado da selva para onde o tigre o levava. Então disse:

— Nathoo, ó Nathoo! — Mowgli não demonstrou que conhecia esse nome. — Será que não se lembra do dia em que te dei aquele par de sapatos novos? — Ela tocou em seu pé, e a sola era quase tão dura quanto um chifre. — Não — disse ela com tristeza —, estes pés nunca viram um sapato, mas você é muito parecido com meu Nathoo e agora será meu filho.

Mowgli estava nervoso, nunca havia estado debaixo de um teto antes. Ao olhar a cobertura de palha, viu que poderia atravessá-la caso quisesse fugir. A janela também não possuía tranca.

— O que vale um homem — disse ele para si mesmo —, se não entende o que as pessoas falam? Agora sou tão inocente e estúpido quanto um homem seria na selva. Preciso aprender a língua deles.

Não foi à toa que, enquanto estava com os lobos, tinha aprendido a imitar a provocação dos antílopes na selva e o grunhido do pequeno porco selvagem. Assim, logo após Messua pronunciar uma palavra, Mowgli a imitava de forma quase idêntica. Antes do anoitecer, ele já sabia os nomes de muitas coisas da cabana.

Houve um problema na hora de dormir: Mowgli jamais repousaria debaixo de qualquer coisa que se parecesse tanto com uma armadilha de pantera, como era o caso daquela cabana. Quando fecharam a porta, ele saiu pela janela.

— Deixe que faça como quiser — disse o marido de Messua. — Lembre-se de que ele nunca dormiu em uma cama antes. Se foi

mesmo enviado no lugar de nosso filho, não vai fugir.

E Mowgli se esticou sobre o capim longo e liso na beira do pasto. Antes que pudesse fechar os olhos, um focinho cinzento e macio o cutucou debaixo do queixo.

— Hunf! — disse Irmão Cinza, o mais velho dos filhotes de Mãe Loba. — Que pobre recompensa para uma caminhada de trinta quilômetros. Você cheira a fumaça e gado... muito parecido com um homem. Levante-se, irmãozinho, trago notícias.

— Estão todos bem na selva? — disse Mowgli lhe dando um abraço.

— Todos, exceto os lobos que foram queimados pela flor vermelha. Agora, ouça. Shere Khan foi caçar bem longe. Ficou tão chamuscado que vai esperar seus pelos crescerem de novo. Ele prometeu que, quando voltar, vai jogar os seus ossos no Waingunga.

— Essa é a versão dele. Eu também fiz a minha promessa. Hoje já estou muito cansado de coisas novas, Irmão Cinza. Apareça sempre para me contar as novidades. Suas notícias são sempre bem-vindas.

— Não vai se esquecer de que é um lobo, vai? Os homens não vão fazer você se esquecer? — disse Irmão Cinza ansioso.

— Nunca. Vou sempre me lembrar de que amo você e todos da nossa caverna. Mas também não vou me esquecer de que fui expulso da matilha.

— E pode ser que você também acabe expulso de outro bando. Homens não passam de homens, irmãozinho, e a conversa deles é igual à conversa dos sapos na lagoa. Da próxima vez que eu descer, vou esperar você no bambuzal, no fundo do pasto.

Três meses depois daquela noite, Mowgli mal saiu dos portões da vila, pois estava sempre ocupado aprendendo os modos e costumes dos homens. Primeiro, precisou se vestir com um pano em volta do

corpo, isso o deixou muito bravo; depois, teve de aprender sobre o dinheiro, do qual não conseguiu entender a utilidade; e sobre cultivar a terra, que também não parecia ter serventia nenhuma. As criancinhas da aldeia o deixavam muito irritado. Por sorte, a Lei da Selva o ensinou a não perder a cabeça. Lá, a vida e a comida dependem da capacidade que o indivíduo tem para se manter calmo. Zangava-se somente quando caçoavam por ele não saber brincar, empinar pipas ou porque errava alguma pronúncia, porém seu entendimento de que não era de bom-tom matar filhotinhos pelados evitou que os agarrasse e os quebrasse ao meio. Mowgli não tinha noção de sua força. Na selva, sabia que era fraco comparado aos outros animais, mas na aldeia o povo dizia que ele era forte como um touro.

Mowgli também não fazia a menor ideia da divisão que as castas impõem entre os homens. Quando o jumento do oleiro escorregou e caiu na poça de barro, Mowgli puxou o animal para fora pelo rabo e ajudou seu dono a amarrar os potes para sua viagem até o mercado de Khanhiwara. Isso surpreendeu os outros porque o oleiro é um homem das castas baixas e seu animal de carga é pior ainda. Quando o guru lhe deu uma bronca, Mowgli ameaçou amarrá-lo com o jumento. O guru falou então ao marido de Messua que seria melhor colocar Mowgli logo para trabalhar. O chefe da aldeia disse a Mowgli que ele sairia junto com os búfalos no dia seguinte para cuidar do rebanho no pasto. Não havia ninguém mais feliz do que Mowgli. Naquela mesma noite, por ter sido indicado como um trabalhador da aldeia, ele foi convidado a participar de um círculo que se reunia na plataforma de alvenaria debaixo de uma grande figueira. Aquele era o clube da aldeia. O chefe, o vigia, o barbeiro — que sabia de todos os boatos — e o velho Buldeo, caçador da aldeia que tinha um mosquete da Torre, ^[10] se encontravam ali e fumavam. Os macacos sentavam-se e conversavam nos galhos mais altos e havia um buraco sob a

plataforma onde morava uma naja que ganhava um pequeno prato de leite toda noite só porque era considerada sagrada. Os anciãos reuniam-se ao redor da árvore, conversavam, sacavam seus grandes *huqas* [narguilés], fumavam e seguiam proseando noite adentro. Eles contavam histórias inacreditáveis sobre deuses, homens e fantasmas. Buldeo contava as melhores de todas sobre os costumes das feras da selva. Os olhos das crianças, que ficavam de longe ouvindo, quase saltavam para fora das órbitas. A maior parte dos contos era sobre animais porque a selva estava a um passo de distância. Os cervos e os porcos-do-mato arruinavam suas plantações e, de vez em quando, um tigre matava um homem no crepúsculo, não muito longe dos portões da aldeia.

Mowgli, que naturalmente conhecia um pouco das coisas que contavam, cobria seu rosto, escondendo que estava rindo, enquanto Buldeo, com o mosquete enviesado sobre os joelhos, pulava de uma história fabulosa para outra — os ombros de Mowgli se sacudiam.

Buldeo estava explicando que o tigre que levava o filho de Messua era um tigre-fantasma, o qual tinha o corpo habitado pelo espírito perturbado de um velho agiota morto anos atrás:

— E eu digo a verdade — falou —, Purun Dass mancava em razão do golpe que tomou na briga quando seus livros-caixa foram queimados durante um tumulto. O tigre do qual eu falo também é manco porque os rastros de suas patas são desiguais.

— Verdade, verdade, deve ser mesmo verdade — disseram os barbudos grisalhos assentindo juntos.

— Será que todos os seus contos são inventados e sem sentido? — disse Mowgli. — Aquele tigre manca porque nasceu coxo, como todos sabem. Falar da alma de um agiota dentro de uma fera que nunca teve a coragem de um chacal é pura besteira.

Por um momento, a surpresa tirou a fala de Buldeo e o chefe ficou

de queixo caído.

— Rá! Esse é o moleque da selva, não é? — perguntou Buldeo. — Se é tão sábio, vá até Khanhiwara com a pele desse tigre. O governo de lá oferece uma recompensa de cem rúpias para aquele que o matar. Melhor ainda, fique calado quando os mais velhos falam.

Mowgli se levantou para deixar o grupo.

— Fiquei a noite toda aqui, ouvindo — disse ele por sobre o ombro —, e exceto uma vez ou outra, Buldeo não disse uma verdade sequer sobre a selva que fica bem na porta das suas casas. Como então posso acreditar nas histórias de espíritos, deuses e duendes que ele diz ter visto?

— Passou da hora desse menino ir cuidar do rebanho — disse o chefe enquanto Buldeo baforava e grunhia pela impertinência de Mowgli.

O costume na maioria das aldeias da Índia é que alguns meninos tomem conta do gado e dos búfalos enquanto os animais pastam durante o dia e depois os tragam de volta à noite. O próprio gado, que pode matar um homem branco pisoteado, permite ser açoitado e comandado por crianças mais baixas do que seus focinhos. Os meninos estão a salvo se permanecerem perto dos rebanhos porque nem mesmo um tigre atacaria uma manada de touros e vacas. Mas se eles se afastarem para colher flores ou caçar lagartos, correm o risco de ser levados. Mowgli passou pela rua da aldeia logo ao alvorecer, sentado nas costas de Rama, o grande macho da manada. Os búfalos azul-escuros, de longos chifres arqueados e olhos selvagens, levantaram-se de seus currais, um a um, e o seguiram. Mowgli deixou bem claro que ele era o líder para as crianças que o acompanhavam. Ele batia nos búfalos com uma vara de bambu longa e lisa. Disse a Kamyá, um dos meninos, que ele e os outros levassem o gado

sozinhos, tomando cuidado para não se afastar do rebanho, enquanto Mowgli iria mais longe com os búfalos.

Os pastos indianos são cheios de pedras, moitas, touceiras e pequenos barrancos, entre os quais o rebanho se espalha e desaparece. Os búfalos geralmente ficam perto de lagoas e lamaçais, onde se deitam chafurdando e se banhando na lama morna por horas a fio. Mowgli os guiou até a borda da planície, onde o Waingunga saía da selva; ali, apeou da nuca de Rama, marchou até uma touceira de bambu e encontrou Irmão Cinza.

— Ah — disse Irmão Cinza —, fiquei esperando aqui por muitos dias. Qual o significado desse trabalho de pastor de gado?

— Me deram uma ordem — disse Mowgli. — Serei pastor por um tempo. Você tem notícias de Shere Khan?

— Ele voltou ao seu território e tem esperado por você. Agora, ele se foi novamente porque a caça está escassa, mas ainda quer te matar.

— Ótimo — disse Mowgli. — Enquanto ele estiver longe, você ou um dos quatro irmãos ficará sentado naquela pedra. Assim poderei vê-los quando sair da aldeia. Quando ele voltar, espere por mim no barranco perto da árvore *dhak*, ^[11] bem no centro da planície. Não queremos que Shere Khan nos pegue desprevenidos.

Então Mowgli escolheu uma sombra, deitou-se e dormiu enquanto os búfalos pastavam ao seu redor. Ser pastor na Índia é uma das coisas mais preguiçosas do mundo. O gado vai andando e pastando, se deita, anda de novo e nem chega a mugir. Eles só grunhem e muito raramente os búfalos dizem alguma coisa, pois se deitam nas poças de lama, um após o outro. Vão afundando até que somente seus focinhos e seus olhos azuis de porcelana fiquem acima da superfície. Eles permanecem ali, como toras de madeira. O sol faz as pedras dançarem com o calor, e as crianças pastoras ouvem um milhafre — nunca mais de um — assoviando quase fora da vista, lá em

cima. Eles sabem que se morrerem ou se uma vaca morrer, o milhafre vai mergulhar. Imediatamente, o próximo milhafre, a quilômetros de distância, verá o primeiro mergulhando e o seguirá. Depois, outro e outro. Nem bem estarão mortos e já haverá ao seu redor um bando de milhafres famintos vindos do nada. Durante seu dia de trabalho, os meninos pastores dormem, acordam e dormem de novo. Tecem pequenos cestos de capim seco para prender gafanhotos; ou pegam dois louva-a-deus e os colocam para brigar; ou fazem um colar de castanhas selvagens vermelhas e pretas; ou observam um lagarto tomando banho de sol numa pedra; ou uma cobra caçando um sapo perto do lamaçal. Depois, cantam canções muito longas com estranhos sons nativos no final delas. O dia parece mais comprido do que a maioria da vida inteira das pessoas. Para passar o tempo, alguns fazem castelos de barro com homenzinhos, cavalos e búfalos de argila, outros colocam junco nas mãos dos bonecos e brincam de ser reis comandando seus exércitos, ou então se imaginam deuses que devem ser venerados. Quando a noite chega, as crianças chamam e os búfalos lentamente se levantam da lama grudenta espirrando barro dos focinhos, um após o outro, para formar uma fila ao longo da planície cinzenta de volta às luzinhas trêmulas da aldeia.

Dia após dia, Mowgli guiava os búfalos para os lamaçais. Dia após dia, ele via Irmão Cinza a mais de um quilômetro de distância na planície — assim, sabia que Shere Khan não havia retornado. E, dia após dia, ele se deitava na grama ouvindo os sons à sua volta e sonhando com os velhos tempos na selva. Se Shere Khan tivesse dado um passo em falso com sua pata manca nas matas ao longo do Waingunga, Mowgli o teria ouvido naquelas manhãs longas e quietas.

Finalmente, chegou o dia em que Mowgli não viu Irmão Cinza no local combinado. Ele riu e levou os búfalos para a garganta onde fica a árvore *dhak*, que estava coberta de flores vermelho-douradas. Irmão Cinza estava sentado ali, com os pelos das costas arrepiados.

— Ele ficou escondido um mês para pegar você desprevenido. Cruzou as colinas ontem à noite com Tabaqui, afoito, seguindo sua trilha — disse o lobo ofegante.

Mowgli franziu a testa.

— Eu não tenho medo de Shere Khan, mas Tabaqui é bem traiçoeiro.

— Não há o que temer — disse Irmão Cinza lambendo os lábios levemente. — Encontrei Tabaqui ao alvorecer. Agora está compartilhando sua sabedoria com os milhafres, mas me contou tudo depois de uma boa surra. O plano de Shere Khan é esperar por você no portão da aldeia hoje à noite... por você e mais ninguém. Ele está descansando na grande ravina seca do Waingunga.

— Ele já comeu hoje ou está caçando com fome? — perguntou Mowgli, pois a resposta podia significar sua vida ou morte.

— Ele matou um javali ao cair da noite e também tomou água. Lembre-se de que Shere Khan nunca consegue ficar em jejum, nem quando se trata de vingança.

— Ah! Tolo, tolo! Que filhote de filhote ele é! Dormindo cheio de comida e água e achando que vou esperar ele acordar! Agora me conte onde está descansando. Se houver pelo menos uns dez de nós, podemos pegá-lo enquanto dorme. Esses búfalos só vão atacar se sentirem o cheiro do tigre. Eu não falo a língua deles. Será que podemos achar sua trilha para que possamos farejá-lo?

— Ele desceu nadando um bom pedaço do Waingunga para evitar isso — disse Irmão Cinza.

— Isso deve ter sido ideia de Tabaqui. Ele nunca teria pensado nisso sozinho — Mowgli ficou em pé com seu dedo na boca, pensando. — A grande ravina do Waingunga... ela se abre para uma planície a menos de um quilômetro daqui. Posso levar o rebanho todo

pela selva até o alto do barranco e atacar de lá de cima... mas ele fugiria na hora. Precisamos bloquear o outro lado. Irmão Cinza, consegue dividir o rebanho em dois para mim?

— Eu, talvez não... mas trouxe um ajudante mais experiente.

Irmão Cinza saiu trotando e pulou em um buraco. Dali levantou-se uma grande cabeça cinza que Mowgli conhecia bem. O ar quente foi tomado pelo grito mais desolado de toda a selva, o uivo de um lobo caçando ao meio-dia.

— Akela! Akela! — disse Mowgli batendo palmas. — Eu deveria saber que você não me esqueceria. Temos uma grande tarefa pela frente. Divida o rebanho em dois, Akela. Separe as fêmeas e os bezerros de um lado e os machos e castrados do outro.

Os dois lobos correram como elos de uma mesma corrente, entrando e saindo do rebanho, que bufava e sacudia a cabeça, separando-os em dois grupos. Em um, as búfalas mantinham seus bezerros no centro, encarando e riscando o chão com seus cascos para o caso de algum dos lobos se distrair. Caso isso acontecesse, elas iriam pisoteá-lo até a morte; no outro, os machos e novilhos fungavam e repisavam, mas embora fossem altivos, eram menos perigosos porque não tinham bezerros para defender. Nem mesmo seis homens conseguiriam dividir o rebanho com tanta destreza.

— E agora? — arfou Akela. — Eles querem se juntar de novo.

Mowgli subiu nas costas de Rama:

— Leve os machos pela esquerda, Akela. Irmão Cinza, quando nós sumirmos, mantenha as fêmeas juntas e as leve até o sopé da ravina.

— Até onde? — perguntou Irmão Cinza ofegando e arreganhando os dentes.

— Até onde a água estiver mais alta do que Shere Khan possa saltar — gritou Mowgli. — Mantenha todas lá até a gente aparecer.

Os machos se foram quando Akela latiu e Irmão Cinza estancou em frente às fêmeas. Elas estouraram em sua direção e ele correu, apenas um passo à frente, liderando-as para o sopé da ravina enquanto Akela guiava os búfalos para longe.

— Muito bem! Outro susto e eles estarão prontos para o ataque. Agora cuidado Akela. Se você atijar muito os machos, eles vão disparar. *Urra!* Isto é bem mais perigoso do que conduzir antílopes negros. Você sabia que esses animais corriam tão rápido assim? — perguntou Mowgli.

— Sabia... já cacei muitos — arquejou Akela por entre a poeira. — Devo desviá-los para a selva?

— Isso! Desvie. Bem rápido. Rama está cego de raiva. Ah, se eu pudesse explicar a ele o que vamos fazer hoje.

Os machos foram desviados dessa vez para a direita e afundaram no denso matagal. Os outros pastorinhos que cuidavam de seus rebanhos a quase um quilômetro de distância correram para a aldeia o mais rápido que podiam, berrando que os búfalos tinham enlouquecido e fugido.

Mas o plano de Mowgli era bem simples. Tudo o que ele queria era fazer um grande círculo rio acima, chegar até o alto da ravina e depois descer por ela, encurralando Shere Khan entre os machos vindos de cima e as fêmeas por baixo. Ele sabia que, após uma refeição e muita água, Shere Khan não estaria em condições de lutar ou de escalar as paredes da ravina. Ele agora acalmava os búfalos com sua voz. Akela ficou bem para trás, latindo só de vez em quando, para apressar os mais lentos. Era um círculo muito grande. Eles não queriam chegar perto demais do barranco e alertar Shere Khan. Ao final, Mowgli reagrupou o assustado rebanho no alto da ravina em uma área gramada que se inclinava para uma descida íngreme barranco abaixo. Daquela altura era possível ver desde o topo das

copas das árvores até a planície, lá embaixo. No entanto, o que Mowgli analisava eram as paredes laterais. Ele viu, para sua satisfação, que eram quase verticais. Já os cipós e trepadeiras que desciam por elas não sustentariam o peso de um tigre que tentasse escalar por ali.

— Deixe que sintam o cheiro, Akela — disse, levantando sua mão.
— Eles ainda não o farejaram. Precisamos avisar Shere Khan que ele tem visitas, pois nem desconfia que já está dentro da nossa armadilha.

Mowgli posicionou as mãos nos lados da boca e gritou para o fundo do barranco — era quase como gritar dentro de um túnel. O eco brotou de cada uma das pedras.

Depois de um bom tempo, o rugido preguiçoso e sonolento de um tigre de barriga cheia acabando de acordar veio em resposta:

— Quem me chama? — disse Shere Khan, enquanto um esplêndido pavão batia asas para fora da ravina, piando.

— Eu, Mowgli. Está na hora de você ir se apresentar na Pedra do Conselho, seu ladrão de vacas! Agora! Mande-os para baixo, Akela! Vamos, Rama, para baixo!

O rebanho parou por um instante na beira do penhasco. Então Akela deu seu grito de guerra a plenos pulmões. Todos eles mergulharam, um atrás do outro, como locomotivas disparando jatos de vapor. Uma cortina de areia e pedras espirrou para todos os lados. Depois que aquilo começou, não havia mais como parar. Mal haviam chegado ao fundo da ravina quando Rama sentiu o cheiro de Shere Khan e mugiu.

— Ha! Ha! — disse Mowgli montado nele. — Entendeu agora?

E uma chuva de chifres negros, focinhos espirrando saliva e olhos vidrados despencou pelo barranco como granizo na época da cheia. Os búfalos mais fracos foram empurrados para as beiradas do

barranco, trazendo as trepadeiras abaixo. Eles sabiam qual era o alvo à sua frente. Teve início então a terrível disparada do rebanho de búfalos contra a qual nenhum tigre teria chance alguma. Shere Khan ouviu a avalanche de cascos, levantou-se e desceu pelo barranco. Olhou ao redor em busca de alguma rota de fuga, mas as paredes da ravina eram praticamente verticais e ele teve que continuar, pesado e de barriga cheia, tentando de tudo, menos enfrentar a manada de frente. O rebanho mergulhou na poça da qual ele havia acabado de sair, mugindo tanto que a estreita passagem até estremeceu. Mowgli ouviu mugidos em resposta vindos do sopé da fenda e viu Shere Khan virar e voltar — o tigre sabia que, se não houvesse mesmo saída, seria melhor encarar os machos do que as fêmeas com seus bezerros. Rama tropeçou, cambaleou e depois continuou, pois havia pisado em algo macio. Com os machos logo atrás, chocou-se com toda força contra o outro rebanho enquanto os búfalos mais fracos eram lançados para o alto com a violência do impacto. Essa carga guiou ambos os rebanhos de volta à planície, chifrando, pisoteando e bufando. Mowgli aproveitou e desceu do pescoço de Rama, tocando os dois lados do animal com sua vara.

— Rápido, Akela! Divida o rebanho. Espalhe todos senão vão começar a brigar uns com os outros. Leve-os daqui, Akela. Ôa, Rama! Ôa, ôa, ôa! Minhas crianças. Calma, agora calma. Já acabou.

Akela e Irmão Cinza corriam entre as patas mordiscando as pernas dos búfalos e, embora o rebanho tivesse voltado para investir contra a ravina novamente, Mowgli conseguiu dar a volta com Rama e todos o seguiram para os lamaçais.

Shere Khan não precisava ser mais pisoteado. Já estava morto e os milhafres começavam sua descida.

— Irmãos, que morte vergonhosa — disse Mowgli tateando pela pequena faca que, depois que foi morar com os homens, passou a carregar em uma bainha. — Ele nunca teria nos enfrentado. Seu

couro ficará lindo na Pedra do Conselho. Vamos acabar logo com isso.

Um menino educado entre homens nunca sonharia em tirar a pele de um tigre de mais de três metros sozinho, mas Mowgli sabia melhor do que ninguém como a pele veste um animal e como ela podia ser retirada. Mesmo assim, era um trabalho duro. Mowgli cortou, puxou e gemeu por cerca de uma hora enquanto os lobos descansavam com suas línguas penduradas ou se aproximavam e ajudavam a puxar o couro quando Mowgli pedia. De repente, uma mão pousou em seu ombro e, ao olhar para cima, viu Buldeo e seu mosquete. As crianças avisaram a aldeia sobre o estouro da manada. Buldeo saiu furioso, ávido por ensinar a Mowgli como se deve cuidar de um rebanho. Os lobos desapareceram assim que viram o homem se aproximar.

— Que brincadeira é essa? — disse Buldeo furioso. — Acha que consegue escalpelar um tigre? Onde os búfalos o mataram? E este é o tigre manco. Há uma recompensa de cem rúpias pela sua cabeça. Bem, bem, vamos relevar que você deixou o rebanho debandar e talvez eu te dê uma das rúpias quando levar o couro para Khanhiwara — apalpou seu cinto de lona pela pedra de fazer fogo e curvou-se para queimar os bigodes de Shere Khan.

A maioria dos caçadores nativos queima os bigodes dos tigres para se prevenir de que o fantasma do animal os assombre.

— Hum! — disse Mowgli meio que para si mesmo enquanto arregaçava a pele de uma pata dianteira. — Então você quer levar a pele para Khanhiwara pela recompensa e *talvez* me dê uma rúpia? Aqui para mim, pensava em usar essa pele para outra coisa. Ei velho, tire esse fogo daqui!

— Como ousa falar assim com o maior caçador da aldeia? Foi a sua sorte e a burrice dos búfalos que te ajudaram na caçada. O tigre

tinha acabado de comer, senão estaria a quilômetros daqui. Você nem consegue escalpelar o bicho direito, seu molequinho vagabundo, e se atreve a dizer que eu, Buldeo, não posso queimar os bigodes da fera? Mowgli, não vou te dar nem uma *anna* ^[12] da recompensa, mas sim uma bela surra. Afaste-se já da carcaça!

— Pelo búfalo que pagou por mim — disse Mowgli, que estava tentando chegar ao ombro —, serei obrigado a ficar de papo furado com um símio grisalho a tarde toda? Aqui, Akela, este homem me irrita.

Buldeo, que ainda estava curvado sobre a cabeça de Shere Khan, logo se viu estatelado de costas na grama com um lobo cinza sobre ele enquanto Mowgli continuava escalpelando como se estivesse sozinho em toda a Índia.

— Sim, sim — disse ele com os dentes cerrados. — Você está mesmo muito certo, Buldeo. Você não vai me dar nem uma *anna* da recompensa. Há uma velha disputa entre esse tigre manco e eu, uma guerra muito antiga... que acabei de vencer.

Justiça seja feita a Buldeo: se ele fosse dez anos mais novo, talvez tivesse alguma chance contra Akela, caso o encontrasse na mata. Mas um lobo que obedecia ordens de um menino que tinha uma guerra particular com um tigre comedor de gente não podia ser um animal qualquer. Era feitiçaria, magia da pior espécie, pensou Buldeo, e se perguntou se o amuleto que trazia no pescoço seria suficiente para protegê-lo. Continuou deitado, completamente parado, esperando que a qualquer momento Mowgli se transformasse em um tigre também.

— Marajá! Grande rei — falou, finalmente, com um murmúrio rouco.

— Sim? — disse Mowgli sem virar a cabeça, dando uma risadinha.

— Sou um velho. Eu não sabia que você era mais do que um simples pastor. Posso me levantar e ir embora ou o seu criado vai me rasgar em pedaços?

— Vá e que a paz o acompanhe. Mas da próxima vez não se meta nos meus negócios. Solte-o, Akela.

Buldeo saiu mancando na direção da aldeia o mais rápido que podia, apenas olhando sobre os ombros para o caso de Mowgli virar alguma criatura medonha. Quando chegou à aldeia, contou uma história mágica, de encantamentos e feitiçarias, que deixou o guru com o olhar sério.

Mowgli continuou seu trabalho, mas o sol já estava se pondo quando conseguiu terminar de tirar a grande pele do corpo do tigre.

— Agora precisamos esconder isto e levar os búfalos para casa! Ajude-me com o rebanho, Akela.

O rebanho foi reunido na névoa do pôr do sol e, quando chegou perto da aldeia, Mowgli viu luzes e ouviu os chocalhos e os sinos do templo sendo tocados com toda força. Metade da aldeia parecia estar esperando por ele no portão.

— Tudo isso porque matei Shere Khan? — pensou consigo.

Mas uma chuva de pedras passou silvando por seus ouvidos, e os aldeões gritavam:

— Feiticeiro! Filho de lobo! Demônio da selva! Fora! Saia logo daqui ou o guru irá transformá-lo em lobo de novo. Atire Buldeo, atire!

O velho mosquete disparou com um estalo e um jovem búfalo mugiu de dor.

— Mais feitiçaria! — gritaram os aldeões. — Ele desvia as balas. Buldeo, aquele era seu búfalo.

— Mas o que é isso? — disse Mowgli abismado enquanto vinham pedras ainda maiores.

— Eles não são diferentes da matilha, esses seus irmãos — disse Akela sentando-se com elegância. — Penso aqui comigo que se as balas significam alguma coisa, eles querem te expulsar.

— Lobo! Filhote de lobo! Fora! — gritou o guru sacudindo um ramo de tulusi, a planta sagrada.

— De novo? Da última vez foi porque eu era homem. Desta vez é porque sou lobo. Melhor irmos embora, Akela.

Uma mulher — era Messua — correu em direção ao rebanho e gritou:

— Oh, meu filho, meu filho! Dizem que você é um feiticeiro, que pode se transformar em qualquer fera. Eu não acredito, mas fuja ou irão matá-lo. Buldeo diz que você é um bruxo, mas sei que você quis vingar a morte de Nathoo.

— Volte Messua! — gritou a multidão. — Volte ou te apedrejaremos também.

Mowgli deu um riso curto e esquisito depois que uma pedra atingiu sua boca.

— Volte Messua. Esta é mais uma das histórias mentirosas que contarão à noite debaixo da figueira. Pelo menos, vinguei a vida do seu filho. Adeus e corra rápido, pois vou estourar o rebanho contra eles com muito mais força do que esses pedregulhos. Eu não sou bruxo, Messua. Adeus!

— Agora, de novo Akela — gritou. — Solte a manada.

Os búfalos estavam bastante ansiosos para voltar à aldeia. Akela mal precisou latir para que todos disparassem pelo portão como um pé de vento, espalhando a multidão.

— Contem todos! — gritou Mowgli com desprezo. — Quem sabe não roubei algum? Contem porque não serei mais seu pastor. Adeus, crianças dos homens, e, graças a Messua, não vou caçar vocês pela rua com meus lobos.

Mowgli virou-se e se foi com o Lobo Solitário, olhando as estrelas no céu e sentindo-se feliz.

— Chega de dormir dentro de armadilhas, Akela. Vamos pegar a pele de Shere Khan e ir embora. Não vamos fazer nada contra a vila porque Messua foi boa comigo.

Quando a lua subiu sobre a planície, fez tudo ficar com um aspecto leitoso. Os aldeões viram, aterrorizados, Mowgli marchando com seus dois amigos lobos levando uma trouxa na cabeça, consumindo léguas como o fogo consome mato seco. Depois, badalaram os sinos do templo e chacoalharam as conchas mais alto do que nunca. Messua chorou e Buldeo aumentou a história de suas aventuras na selva até que acabou inventando que Akela ficou em pé sobre suas patas traseiras e falou com voz de homem.

A lua já estava descendo quando Mowgli e os lobos chegaram à colina da Pedra do Conselho e pararam na caverna de Mãe Loba.

— Me expulsaram da matilha dos homens, mãe — gritou Mowgli —, mas cumpri minha promessa e trouxe a pele de Shere Khan.

Mãe Loba saiu desconfiada da caverna, com seus filhotes logo atrás. Seus olhos brilharam quando viu a pele.

— Eu avisei a ele no dia em que meteu sua cabeça dentro desta caverna, querendo a sua vida, pequena Rã. Eu disse a ele que o caçador seria caçado. Fez muito bem.

— Irmãozinho, muito bem — disse uma voz profunda vinda do matagal. — Ficamos solitários na selva sem você. — Era Bagheera, que vinha correndo para os pés descalços de Mowgli.

Subiram juntos até a Pedra do Conselho, onde Mowgli estendeu a pele sobre a pedra lisa na qual Akela costumava se deitar, prendendo-a no chão com quatro lascas de bambu. Akela deitou-se sobre ela e proferiu seu

velho chamado:

— Olhem... olhem bem lobos — exatamente como ele os havia chamado da primeira vez em que Mowgli foi trazido.

Desde que Akela havia sido deposto, a matilha estava sem líder, caçando e lutando ao seu bel-prazer. Por hábito, todos responderam ao chamado. Alguns estavam aleijados em razão das armadilhas em que tinham caído, vários mancavam em consequência de ferimentos de bala, outros estavam com sarna por terem comido mal. Muitos sequer estavam lá. Porém, todos os presentes à Pedra do Conselho viram a pele de Shere Khan sobre a rocha com suas grandes garras soltas nas pontas das patas agora vazias. Foi então que Mowgli inventou uma canção, a qual subiu até sua garganta sozinha. Ele a cantou bem alto, saltitando sobre o couro macio e marcando o tempo com seus calcanhares até seu fôlego acabar. Irmão Cinza e Akela uivavam entre um verso e outro.

— Olhem bem, lobos. Não cumpri minha palavra? — disse Mowgli.

E os lobos responderam:

— Sim!

E um lobo abatido uivou:

— Seja nosso líder novamente, grande Akela. Seja nosso líder, Menino-Lobo. Estamos cansados de viver sem lei. Só assim seremos o Povo Livre outra vez.

— Não — rosnou Bagheera —, não pode ser assim. Quando estiverem bem alimentados, a loucura tomará conta de vocês de novo.

Não é à toa que os chamam de Povo Livre. Vocês lutam por liberdade e é assim que vocês são. Agora engulam a sua liberdade, lobos.

— Fui expulso da matilha dos homens e da matilha dos lobos — disse Mowgli. — Agora vou caçar sozinho.

— E nós caçaremos com você — disseram os quatro filhotes.

Então Mowgli se foi e caçou com os quatro filhotes na selva daquele dia em diante. Nunca mais ficou sozinho. Anos depois, ele tornou-se um homem e se casou.

Mas essa é uma história para gente grande. ^[13]

A CANÇÃO DE MOWGLI

Ele a cantou na Pedra do Conselho quando dançou sobre a pele de Shere Khan.

*A canção de Mowgli... eu mesmo, Mowgli, estou cantando.
Que a selva ouça sobre as coisas que fiz.*

Shere Khan disse que me mataria... me mataria!

Nos portões, à tardinha, ele disse que mataria Mowgli, a Rã!

*Ele comeu e bebeu. Beba mesmo, Shere Khan, porque, quando
você vai beber novamente? Durma e sonhe que me mata.*

*Estou sozinho no meio do pasto. Irmão Cinza, venha até mim!
Venha cá, Lobo Solitário, pois a grande caçada se aproxima!*

*Tragam os grandes búfalos machos, o rebanho de pelo azul
e olhos furiosos. Pra lá e pra cá, sob meu comando.*

*Ainda dormindo, Shere Khan? Acorde, vamos, acorde!
Aqui vou eu, com búfalos a me seguir.*

*Rama, o rei de todos, pisoteia com seus cascos.
Águas do Waingunga, para onde foi Shere Khan?*

*Ele não é Ikki, para cavar buracos, nem Mao, para sair voando.
Não é Mang, o morcego que se pendura nos galhos.
Bambuzinhos que estalam juntos, digam para onde ele foi.*

*Ah! Lá está. Urru! Lá está ele! Debaixo dos cascos de Rama
repousa o manquitola! Levante, Shere Khan!*

*Levante e me mate! Aqui está a carne; vamos, quebre
os pescoços dos búfalos!*

*Xi! Ele dormiu. Não vamos acordá-lo, pois é muito forte.
Os milhafres desceram para olhar.
As formigas negras vieram observar.
Todos se reúnem em sua honra.*

Alala! Estou sem pano pra me cobrir.

Os milhafres verão que estou nu.

Tenho vergonha de toda essa gente.

Me empreste seu casaco, Shere Khan.

*Me empreste seu casaco alegre e listrado que eu vou à Pedra
do Conselho.*

Pelo búfalo que pagou por mim, eu prometi — pequena promessa.

Só falta sua pele para honrar minha palavra.

*Com a faca, a faca que os homens usam, com a faca de caçador,
me curvo sobre o meu presente.*

*Água do Waingunga, Shere Khan ofereceu seu casaco em nome
do amor que sente por mim. Puxe, Irmão Cinza! Puxe, Akela!
Pesada é a pele de Shere Khan.*

A matilha dos homens ficou brava.

Me jogaram pedras e disseram baboseiras.

Minha boca sangra, melhor eu fugir.

Corram rápido pela noite, pela noite quente,

fujam comigo, meus irmãos.

Vamos deixar as luzes da aldeia e ficar somente ao luar.

Águas do Waingunga, a matilha dos homens me expulsou.

Não fiz nada para prejudicá-los, mas tinham medo de mim.

Por quê?

Lobos, vocês fizeram o mesmo comigo?

A selva não me quer e a aldeia também não.

Por quê?

Como Mang, que voa por entre as feras e pássaros,

assim sou eu, entre a selva e a aldeia.

Por quê?

Danço sobre a pele de Shere Khan, mas meu coração dói.

Minha boca, machucada pelas pedras atiradas pelos homens, sangra.

Mas meu coração está leve, pois retorno à floresta.

Por quê?

Sinto um conflito dentro de mim feito as cobras que lutam

na primavera. Água salgada sai dos meus olhos; mas eu rio

ao senti-las caindo.

Por quê?

Sou dois Mowglis, mas piso na pele de Shere Khan.

Toda a selva sabe que eu matei Shere Khan. Olhem, olhem bem lobos!

Ai ai! Meu coração está pesado de coisas que não consigo entender.

A FOCA BRANCA

*Quietinho, meu bebê, que a noite vem chegando,
E as águas negras reluzem uma luz esverdeada.
A lua brilha sobre as ondas e sobre nós, meu anjo,
Durma no aconchego do balanço da enseada
As ondas vêm rolando como macios travesseiros.
Descanse, filhotinho, enroladinho no cobertor!
O temporal vai se acalmar, o tubarão vai passar.
Durma nos braços gentis do mar, meu amor.
— Canção de ninar das focas*

Todas essas coisas aconteceram muitos anos atrás, em um lugar chamado Novastoshnah, ou Ponta Nordeste, na ilha de St. Paul, ^[14] longe, muito longe, no mar de Bering. Limmershin, a corruíra, me contou tal história quando foi colhido pelo vento e chocou-se contra o mastro de um navio a vapor a caminho do Japão. Eu o recolhi para cuidar dele em minha cabine, o aqueci e o alimentei por alguns dias até que estivesse pronto para voar de volta a St. Paul. Limmershin é um passarinho muito exótico, mas sabe como dizer a verdade.

Ninguém visita Novastoshnah sem estar a trabalho. A única gente que sempre tem negócios por lá são as focas. Elas aparecem nos meses de verão às centenas de milhares. Todas saídas do mar gelado e cinza. Isso acontece porque a praia de Novastoshnah é a melhor acomodação do mundo para as focas.

Caçador do Mar sabia disso muito bem e, toda primavera, nadava de onde estivesse — feito um barco torpedeiro, direto para Novastoshnah — para passar um mês inteiro brigando com seus companheiros por um bom lugar nas rochas, o mais próximo possível do mar. Caçador do Mar tinha quinze anos, uma grande pelagem cinza de foca que quase formava uma juba sobre os ombros e dentes longos e perigosos como os de um cão. Quando ele empinava seu corpo com as nadadeiras da frente, ficava com quase com um metro e meio de altura. Seu peso — se é que alguém tinha coragem de pesá-lo — era de mais de trezentos quilos. Todo coberto por cicatrizes, marcas de suas lutas ferozes, e sempre pronto para mais uma briga. Costumava virar a cabeça para um dos lados como se estivesse com medo de encarar o rival nos olhos e então atacava feito um relâmpago. Quando seus grandes dentes afundavam firmemente no pescoço de um adversário, o qual até podia tentar escapar de todo jeito, mas ficaria ali, preso para sempre, se dependesse de Caçador do Mar.

Mesmo sendo tão feroz, Caçador do Mar nunca atacou uma foca ferida. Isso seria contra as regras da praia. Ele só queria seu espaço perto do mar para montar seu ninho. Porém, com até cinquenta mil focas disputando o mesmo espaço toda primavera, os assobios, rugidos, espirros e pancadas na praia eram assustadores.

Do alto do pequeno monte Hutchinson, era possível ver cerca de cinco quilômetros de terra repletos de focas em conflito. As ondas ficavam pontilhadas de cabeças de focas apressadas para chegar à praia e brigar também. Brigavam nos quebra-mares, na areia e nas rochas já lisas pelo atrito do mar. Isso porque são tão burras e teimosas quanto os homens. Suas esposas nunca chegavam à ilha antes do final de maio ou começo de junho. O motivo é simples: não queriam ser estraçalhadas. Já as jovens focas machos e fêmeas de dois, três e quatro anos de idade, que ainda não acasalavam, entravam mais de dois quilômetros ilha adentro, por entre as turbas briguentas, para brincar nas dunas em grandes bandos e se esfregar nas plantinhas verdes que cresciam no chão. Eram os *holluschickie* [jovens solteiros]. Só em Novastoshnah eram cerca de trezentos mil deles.

Certa primavera, Caçador do Mar encerrara sua quadragésima quinta briga quando Matkah, sua esposa macia, lustrosa e de olhos gentis, apareceu vinda do mar. Ele a pegou pelo couro da nuca e a jogou em sua área conquistada dizendo grosseiramente:

— Atrasada, como sempre. Onde você estava?

Caçador do Mar não costumava comer nada durante os quatro meses que ficava nas praias; portanto, seu humor quase sempre era terrível. Matkah sabia que era melhor não confrontá-lo. Ela olhou em volta e murmurou:

— Você é muito atencioso. Conseguiu pegar nosso velho lugar de novo.

— Parece que sim — disse Caçador do Mar. — Olhe o meu estado!

Estava todo arranhado. Sangrava em vinte lugares, um dos seus olhos estava quase pendurado e seus flancos pareciam lonas rasgadas.

— Ah, machos, machos! — disse Matkah se abanando com suas nadadeiras traseiras. — Por qual razão vocês não conseguem ser sensíveis e se instalar tranquilamente? Pela sua aparência, eu diria que você brigou com uma baleia assassina.

— Não tenho feito nada além de brigar desde meados de maio. A praia está cheia, um horror. Já encontrei umas cem focas da praia de Lukannon montando seus viveiros aqui. Por que essa gente toda precisa vir justo pra cá?

— Às vezes penso se não seríamos mais felizes se nos mudássemos para a ilha Otter, em vez de voltar para esse lugar lotado — disse Matkah.

— Bah! Só os *holluschickie* vão para a ilha Otter. Se fôssemos para lá, diriam que estamos com medo. Temos de manter as aparências, meu bem.

Caçador do Mar afundou sua cabeça orgulhosamente entre as banhas de seus ombros e fingiu estar dormindo por uns minutos, mas o tempo todo ele se mantinha alerta, pronto para uma eventual briga. Agora que todas as focas e suas esposas estavam em terra, dava para ouvir o clamor quilômetros mar adentro, mais alto do que o vento mais barulhento. Em uma conta rápida era possível dizer que na praia se encontravam mais de um milhão de focas — algumas idosas, outras mães e seus bebezinhos e também muitos *holluschickie*. Lutas, agressões, balidos, movimentação e brincadeiras. Assim era a praia. Focas descendo para o mar e voltando à tona em bandos e pelotões, deitando-se em cada palmo de chão até onde a vista alcançasse. Depois, se debatendo aos montes por entre a neblina. O nevoeiro é constante em Novastoshnah, exceto quando o sol aparece e colore tudo com tons perolados, criando arco-íris instantâneos.

Kotick, o bebê de Matkah, nasceu no meio dessa confusão, com cabeça e ombros enormes e olhos claros como o mar azul — como devem ser as pequenas focas —, mas uma coisa em seu couro levou sua mãe a observá-lo com mais atenção.

— Caçador do Mar — disse ela finalmente —, nosso bebê vai ser branco!

— Pelos mexilhões vazios e as algas secas! — resfolegou Caçador do Mar. — Nunca existiu uma foca branca em toda a história.

— Não é culpa minha — disse Matkah —, mas agora aconteceu.

E ela cantarolou baixinho a canção das focas que toda mamãe foca canta para seus bebês:

Não nade antes de completar seis semanas

Ou sua cabeça vai parar no calcanhar.

A ventania de verão e a baleia assassina

São os maiores perigos do mar.

São os perigos do mar, pequenino,

Os piores possíveis.

Depois disso, mergulhe e cresça,

Pois tudo vai dar certo,

Filho do mar aberto!

É claro que o pequeninho não entendeu nenhuma palavra. Só acenou com suas nadadeiras e aconchegou-se ao lado da mãe. Também aprendeu a sair da frente quando seu pai estava

brigando com outra foca, rolando e rugindo sobre as pedras. Era Matkah quem costumava entrar no mar para buscar alimento. O bebê só comia uma vez a cada dois dias, mas, quando o fazia, devorava tudo o que era possível. Assim ele crescia.

A primeira coisa que fez foi engatinhar mais para o interior da ilha. Ali, encontrou dezenas de milhares de outros bebês. Brincavam juntos como cachorrinhos, dormiam na areia clara e voltavam para brincar mais. Os mais velhos, em seus viveiros, nem ligavam para eles, os *holluschickie* tinham seu próprio território. Os bebês, em seu canto, podiam brincar até cansar.

Quando mamãe Matkah voltava da pescaria em alto-mar, rumava direto até o jardim da infância. Chamava o pequenino igual uma ovelha chama seu cordeiro e esperava até ouvir o balido de Kotick. Então, seguia em sua direção, derrubando e afastando os mais novos para os lados com suas nadadeiras. Centenas de mães procuravam seus filhos no jardim da infância ao mesmo tempo. Os bebês ficavam felizes quando elas chegavam. Matkah dizia a Kotick:

— Se você não se deitar na lama, não pegar sarna, não esfolar a pele rolando na areia grossa e não mergulhar quando o mar estiver bravo, nada de mal acontecerá.

Foquinhas não nascem sabendo nadar. Elas ficam tristes enquanto não aprendem. Na primeira vez em que Kotick mergulhou, uma onda o puxou até onde ele não alcançava o fundo. Sua cabeça afundou e suas pequenas nadadeiras traseiras viraram para cima bem do jeito que sua mãe cantava na música. Se a próxima onda não o tivesse jogado de volta, ele teria se afogado.

Depois disso, aprendeu a ficar deitado em uma poça na praia e deixar que as ondas o cobrissem para boiar e remar, mas sempre ficava de olho nas ondas maiores e perigosas. Levou duas semanas até

saber usar corretamente as nadadeiras. Treinou, entrando e saindo da água, até perceber que, na verdade, ali era o seu lugar.

Imagine a diversão dele com os amigos: passavam o dia furando ondas, surfando nas cristas, aterrissando com borrifos d'água, boiando, equilibrando-se sobre a cauda e coçando a cabeça como faziam os mais velhos. Brincavam de “Rei do Castelo” sobre as pedras escorregadias e cheias de algas onde o mar quebrava. De vez em quando, avistava uma barbatana fina parecida com a de um grande tubarão na superfície próxima à orla. Ele sabia que aquilo era uma baleia assassina, o *Grampus*, ^[15] que come focas jovens quando consegue pegá-las. Assustado, Kotick voava feito uma flecha de volta à praia enquanto a barbatana dava uma lenta sacudidela, como se estivesse ali só por acaso.

No final de outubro, famílias e bandos inteiros de focas deixavam St. Paul e partiam para o alto-mar. A disputa por espaço acabava, permitindo que os *holluschickie* brincassem onde bem entendessem.

— No próximo ano — disse Matkah a Kotick —, você será um *holluschickie*. Portanto, deve aprender a pescar sozinho.

Partiram juntos para atravessar o Pacífico. Matkah ensinou Kotick a dormir deitado de costas, com as nadadeiras coladas ao corpo e o focinho um pouco acima da linha d'água. Nenhum berço é tão confortável quanto o suave embalo do Pacífico em movimento. Quando Kotick sentiu sua pele toda formigar, Matkah explicou que ele estava aprendendo a “sentir a água”. Essa sensação de gentis pontadinhas avisavam que uma tempestade se aproximava e que era melhor nadar, fugir rápido.

— Logo, logo — disse ela —, você saberá para onde nadar, mas fique atento e siga o golfinho, que é muito sábio.

Uma turma de golfinhos estava mergulhando e rasgando as águas. O pequeno Kotick os seguiu o mais rápido que podia.

— Como você sabe para onde ir? — disse, esbaforido.

O líder da turma revirou os olhos e mergulhou:

— Minha cauda pinica, meu jovem — disse. — Isso significa que há um temporal atrás de mim. Venha! Quando estiver ao sul das Águas Grudentas [ele se referia ao sul do Equador] e sua cauda pinicar, isso quer dizer que há uma tempestade em frente e que você deve ir para o norte. Venha! A água está esquisita aqui.

Essa foi uma das muitas coisas que Kotick aprendeu. Matkah o ensinou a seguir o bacalhau e o linguado pelos bancos de areia submersos e a puxar o peixe com força de sua toca entre as algas; ensinou a margear os naufrágios que repousam a centenas de braças nas profundezas, a disparar como um tiro de rifle por uma escotilha e sair por outra ao perseguir os peixes; a dançar na crista das ondas quando o relâmpago estiver riscando o céu, e acenar com a sua nadadeira educadamente para o albatroz de cauda curta e para a fragata quando mergulham no vento; a saltar mais de um metro para fora da água como um golfinho, com as nadadeiras coladas ao corpo e a cauda curvada; a deixar o peixe-voador em paz, porque ele tem muitos espinhos; a arrancar a dragona de um bacalhau a toda velocidade, a dez braças de profundidade; e a nunca parar para olhar um barco ou navio, mas, principalmente, nunca um barco a remo. Ao final de seis meses adquirindo conhecimentos sobre pesca em alto-mar, Kotick só não tinha aprendido o que não valia a pena. E, nesse tempo todo, sua nadadeira sequer tocou a areia seca uma única vez.

Um dia, porém, estava deitado meio sonolento na água morna em algum ponto perto das ilhas Juan Fernandez quando sentiu-se completamente fraco e preguiçoso, assim como uma pessoa se sente quando põe as pernas em uma fonte de água. Lembrou-se então das praias seguras e agradáveis de Novastoshnah a mais de dez mil quilômetros de distância, das brincadeiras com seus amigos, do cheiro das algas marinhas, do rugido das focas e das brigas. Naquele

mesmo minuto, ele se voltou para o norte, nadando decidido, e, enquanto seguia, encontrou bandos de seus camaradas, todos seguindo para o mesmo lugar. E diziam:

— Saudações, Kotick! Neste ano nos tornamos *holluschickie*. Vamos fazer a dança do fogo no quebra-mar perto de Lukannon e brincar na grama nova. Mas onde você conseguiu essa cor?

O pelo de Kotick era de um branco quase neve. Embora sentisse orgulho, dizia apenas:

— Vamos mais rápido! Meus ossos clamam por terra firme.

E assim todos chegaram às praias onde nasceram e ouviram as velhas focas, seus pais, brigarem em meio à neblina.

Naquela noite, Kotick fez a dança do fogo com as focas de um ano de idade. Nas noites de verão, o mar fica repleto de fogo entre Novastoshnah e Lukannon. As focas deixam um rastro de espuma que parece óleo em chamas, fazem espirros brilhantes quando saltam e as ondas quebram dando origem a formidáveis redemoinhos fosforescentes. Depois, foram todos terra adentro para a área dos *holluschickie* e rolaram sobre o trigo selvagem e contaram histórias das coisas que fizeram enquanto estiveram no mar. Falavam sobre o Pacífico como meninos falam da mata onde colhem castanhas e, se alguém pudesse entender a língua deles, seria possível desenhar um mapa tão perfeito do oceano como jamais existiu. Os *holluschickie* desabalaram do alto do morro Hutchinson berrando:

— Saiam da frente, moleques! O mar é fundo e vocês ainda não fazem ideia de tudo o que há nele. Esperem até dobrar o cabo Horn. Olá, pequenino, onde conseguiu esse pelo?

— Eu não consegui — disse Kotick. — Cresceu sozinho.

Exatamente na hora em que ele estava prestes a atacar o jovem, dois homens de cabelos negros, com caras amassadas e vermelhas,

saíram de trás de uma duna, e Kotick, que jamais vira um ser humano, tossiu e baixou a cabeça. Os *holluschickie* simplesmente recuaram alguns metros e ficaram sentados olhando com cara de bobos. Eles eram Kerick Booterin, o chefe dos caçadores de focas da ilha, e Patalamon, seu filho. Vinham da pequena aldeia a menos de um quilômetro dos ninhos marinhos. Estavam escolhendo quais focas levariam para o abatedouro — focas podem ser guiadas como ovelhas — para depois serem transformadas em jaquetas de couro.

— Ho! — disse Patalamon. — Veja! Tem uma foca branca!

Kerick Booterin quase ficou branco também, debaixo da camada de gordura e fuligem que cobria seu rosto — isso porque ele era um aleúte, gente pouco asseada. Em seguida, começou a murmurar uma reza.

— Não toque nele, Patalamon. Nunca vi uma foca branca antes... desde que eu nasci. Talvez seja o velho espírito de Zaharrof. Ele sumiu na grande tempestade do ano passado.

— Nem vou chegar perto — disse Patalamon. — Dá azar. Você acha mesmo que é o velho Zaharrof que voltou? Fiquei devendo uns ovos de gaivota a ele.

— Não fique encarando — disse Kerick. — Leve aquele grupo de quatro anos. Os homens deveriam tirar a pele de duzentos por dia, mas ainda é começo de temporada e são novos no emprego. Cem bastam. Rápido!

Patalamon sacudiu um par de ossos de clavícula de foca na frente do bando de *holluschickie* e todos ficaram vidrados, bufando e ofegando. Em seguida, chegou mais perto e as focas começaram a caminhar. Kerick as guiou para dentro da ilha. Em nenhum momento sequer tentaram voltar para onde estavam seus amigos. Centenas e centenas de milhares de focas viram as outras sendo levadas, mas continuaram agindo como se nada estivesse acontecendo. Kotick foi

o único que fez perguntas, porém ninguém sabia responder. Disseram apenas que os homens sempre guiavam focas daquela maneira por seis ou oito semanas, todos os anos.

— Vou atrás deles — disse com seus olhos quase pulando para fora das órbitas ao se misturar na esteira do grupo.

— A foca branca está nos seguindo — gritou Patalamon. — É a primeira vez que uma foca vem sozinha para o matadouro.

— Shh! Não olhe para trás — disse Kerick. — É o espírito de Zaharrof! Preciso falar com o xamã sobre isso.

A distância até o matadouro era de menos de um quilômetro, mas levava uma hora para chegar lá. Kerick sabia que se as focas andassem rápido demais, ficariam quentes e sua pele se rasgaria em pedaços quando fosse arrancada. Por isso, iam devagar, passando pela agulha do Leão-Marinho, pela Casa Webster até chegarem à Casa de Sal, que ficava fora da vista das focas da praia. Kotick os seguiu, afobado e curioso. Ele achou que tinha chegado ao fim do mundo, mas o alvoroço nos viveiros atrás dele ainda soava tão alto quando o barulho de um trem dentro de um túnel. Foi quando Kerick sentou-se no musgo, sacou seu pesado relógio de peltre e esperou que o rebanho descansasse por meia hora. Kotick conseguia ouvir até o orvalho da neblina pingando da aba do chapéu dele. Então uns dez homens apareceram, cada qual empunhando porretes metálicos de mais de um metro de comprimento. Kerick apontou alguns dos membros do rebanho que tinham sido mordidos por seus amigos ou que ainda estavam muito quentes. Os homens então chutaram essas focas para o lado com suas grandes botas feitas de pele de pescoço de morsa. Foi quando Kerick ordenou: “Podem bater!”. Os homens bateram com os seus porretes na cabeça das focas o mais rápido que podiam.

Dez minutos depois, Kotick não conseguia mais reconhecer seus

amigos, pois a pele deles tinha sido arrancada da ponta do nariz até as nadadeiras traseiras e jogadas numa pilha no chão. Aquilo foi assustador. Ele deu meia-volta e galopou — uma foca consegue galopar bem, mas por pouco tempo — de volta para a praia. Seu pequeno bigode estava arrepiado de medo. Na agulha do Leão-Marinho, onde os grandes leões-marinhos sentam-se à beira da arrebentação, ele pulou na água fria com as nadadeiras protegendo sua cabeça e ali ficou boiando, respirando com muita dificuldade.

— Quem é você? — perguntou um leão-marinho rabugento. Afinal, a regra deles é não se misturarem.

— *Scoochnie! Ochen scoochnie!* ^[16] — disse Kotick. — Estão matando todos os *holluschickie* das praias!

O leão-marinho voltou sua cabeça na direção da ilha:

— Que nada! — disse. — Seu amigos continuam fazendo a mesma algazarra de sempre. Você deve ter visto o velho Kerick abatendo um grupo. Ele faz isso há mais de trinta anos.

— É terrível — disse Kotick dando as costas para uma onda que se quebrou sobre ele, depois se equilibrou com um rodopio e se estabilizou com suas nadadeiras, evitando bater em uma pedra afiada.

— Muito hábil para um bebê! — disse o leão-marinho, que sabia apreciar um bom nadador. — Suponho que seja de meter medo, mas se vocês, focas, voltam para cá todo ano, é claro que os homens acabam sabendo e, a não ser que encontrem outra ilha onde nenhum homem venha pegar vocês, isso sempre acontecerá.

— Mas existe uma ilha assim? — começou Kotick.

— Tenho seguido poltos [os linguados ou halibutes] por vinte anos e não posso dizer que encontrei alguma assim. Mas veja só, me parece que você tem facilidade em conversar com os outros. Sugiro que vá à ilhota das Morsas e fale com Cadelo do Mar. Talvez ele saiba de algo.

Não vá afobado assim. São quase dez quilômetros a nado e, se eu fosse você, descansaria na terra e tiraria uma soneca antes de ir, pequenino.

Kotick achou aquele um bom conselho. Nadou contornando a praia, saiu e dormiu por uma meia hora, sentindo seus formigamentos, como é comum para as focas. Depois, foi direto para a ilhota das Morsas, um platô rochoso, pequeno e baixo, quase exatamente a nordeste de Novastoshnah, repleto de ninhos de gaivota em suas saliências desiguais. É lá que as morsas se reúnem.

Ele chegou à terra firme já perto de onde estava o velho Cadelo do Mar — uma morsa grande, feia, inchada, cheia de furúnculos, pescoço gordo e dentes longos, típica do Pacífico Norte, que dispensa a educação, exceto quando dorme. Cadelo do Mar estava com uma parte do rabo dentro da água, sentindo a espuma das ondas.

— Acorde! — latiu Kotick porque as gaivotas estavam muito barulhentas.

— Hah! Opa! Hunf! Que foi? — disse Cadelo do Mar, dando uma pancada com suas presas na morsa ao lado, a qual bateu na próxima e assim por diante, até que todas acordaram, assustadas, olhando para todos os lados, exceto para onde deveriam olhar.

— Oi! Sou eu — disse Kotick rolando em meio às ondas, parecendo-se com uma pequena lesma branca.

— Bem! Pelo meu couro! — disse Cadelo do Mar, e todos olharam para Kotick, como um bando de velhos senhores dorminhocos olhariam para um garotinho.

— Conhece algum lugar onde as focas possam morar e que os homens nunca consigam encontrar?

— Ora, vá procurar! Se vire — disse Cadelo do Mar fechando os olhos. — Sai fora. Tem gente ocupada aqui.

Kotick deu seu salto de golfinho e gritou o mais alto que pôde:

— Comedor de marisco! Comedor de marisco!

Ele sabia que Cadelo do Mar nunca havia pegado um peixe em toda a sua vida, que só fuçava em busca de mariscos e algas marinhas, embora fingisse ser alguém muito terrível. Naturalmente os *chickies*, os *gooverooskies* e os *eptakas* [as gaivotas burgomestre, as tridáctilas e os papagaios-do-mar], que vivem à espera de uma chance para ser completamente inconvenientes, aderiram ao coro e, conforme Limmershin contou, nos próximos cinco minutos foi impossível ouvir até mesmo se um tiro fosse disparado na ilhota das Morsas. Todos gritavam e berravam “Comedor de marisco! *Stareek* [velhote]!”, enquanto Cadelo do Mar rolava de um lado para outro grunhindo e balindo.

— Agora você me conta? — disse Kotick, já sem fôlego.

— Vá perguntar ao Peixe-boi — disse Cadelo do Mar. — Se ele ainda estiver vivo, vai saber a resposta.

— E como vou reconhecer o Peixe-boi quando o encontrar? — disse Kotick, já indo embora.

— Ele é o único bicho mais feio do que Cadelo do Mar — berrou uma gaivota burgomestre rodopiando bem debaixo do focinho de Cadelo do Mar. — Mais feio e mais mal-educado! *Stareek* !

Kotick nadou de volta a Novastoshnah, deixando para trás os gritos das gaivotas. Ali, não encontrou ninguém que o acompanhasse em sua singela tentativa de descobrir um lugar mais tranquilo para as focas. Disseram-lhe que os homens sempre levaram os *holluschickie* — que isso era parte de seu trabalho. Caso não gostasse de ver coisas medonhas, que não fosse ao matadouro. Nenhuma dessas focas jamais tinha visto os assassinatos e isso fazia toda a diferença entre ele e seus amigos. Além do mais, Kotick era uma foca branca.

— O que você precisa fazer — disse Caçador do Mar depois de ouvir as aventuras do filho — é crescer, tornar-se uma grande foca como o seu pai e ter um ninho na praia. Assim, vão te deixar em paz. Daqui uns cinco anos você será capaz de brigar sozinho.

Até a gentil Matkah, sua mãe, explicou:

— Você nunca vai conseguir parar a matança. Vá brincar no mar, Kotick.

E Kotick foi e dançou a dança do fogo com seu coraçãozinho apertado.

Naquele outono, ele deixou a praia assim que pôde e se foi, sozinho, porque tinha uma ideia fixa em sua cabeça-dura. Ele encontraria o Peixe-boi — se é que existia alguém assim no mar — e descobriria uma ilha tranquila com praias boas e firmes para as focas viverem. Um lugar onde os homens não poderiam caçá-las. Então, sozinho, ele explorou Pacífico sem parar, de norte a sul, nadando até quinhentos quilômetros por dia, sob o sol e a lua. Encontrou muitas aventuras que mereceriam ser contadas e escapou por pouco de ser pego por um tubarão-elefante, de um tubarão-tigre e de um tubarão-martelo. Conheceu todos os nada confiáveis bandoleiros que vagabundeiam pelos mares e também peixes enormes e bem-educados. Falou com as vieiras de pintas vermelhas que ficam ancoradas no mesmo lugar por séculos e ficou orgulhoso por conhecer tudo isso. Mas nunca encontrou o tal Peixe-boi e não descobriu uma ilha que fosse ideal.

Se a praia era boa e firme, com uma encosta em seu interior para as focas brincarem, sempre havia a fumaça de um baleeiro fervendo gordura no horizonte — Kotick sabia bem o que aquilo significava. Ou então, se focas já tinham visitado a ilha e sido mortas ali mesmo, Kotick entendia que onde os homens foram uma vez, poderiam retornar.

Certo dia, conheceu um velho albatroz de cauda curta que lhe disse que as ilhas Kerguelen eram um lugar de paz e tranquilidade. Quando chegou lá, quase foi moído em pedaços contra os penhascos negros e pontudos em uma furiosa tempestade de granizo com relâmpagos e trovões. Mesmo ali, lutando contra as vagas, ele viu que as focas já haviam feito ninhos. E foi a mesma coisa em todas as outras ilhas que visitou.

Limmershin me deu uma longa lista delas, porque disse que Kotick passou cinco temporadas explorando. Só descansava quatro meses por ano, em Novastoshnah, quando os *holluschickie* costumavam rir dele e de suas ilhas imaginárias. Ele foi para Galápagos, um lugar repugnante e seco no Equador, onde quase foi assado vivo, foi para as ilhas Georgia, as Orkneys, a ilha Esmeralda, a ilha do Pequeno Rouxinol, a ilha Gonçalo Álvares, a ilha Bouvet, as Crossets e até a uma ilhazinha ridícula de pequena ao sul do cabo da Boa Esperança. Em todo lugar, o Povo do Mar dizia sempre a mesma coisa: focas já haviam estado naquelas ilhas antes, muito tempo atrás, e todas haviam sido mortas pelos homens. Mesmo quando nadou milhares de quilômetros para longe do Pacífico e chegou em um lugar chamado cabo Corrientes (isso foi quando voltava da ilha Gonçalo Álvares), encontrou algumas centenas de focas sarnentas nas rochas, que lhe disseram que os homens também haviam passado por ali.

Aquilo quase despedaçou seu coração. Ele contornou o cabo Horn na direção de suas praias. Subindo para o norte, parou em uma ilha repleta de árvores verdes onde encontrou uma gaiivota muito, muito velha, à beira da morte. Kotick pescou para ela e lhe contou suas desventuras:

— Agora — disse Kotick — estou voltando para Novastoshnah. Se eu for levado para os matadouros com os *holluschickie* nem vou ligar.

A velha gaiivota disse:

— Tente mais uma vez. Sou o último do bando do Viveiro Perdido de Más Afuera, ^[17] dos dias em que os homens matavam centenas de milhares de nós. Contavam uma história pelas praias que dizia que, um dia, uma foca branca viria do norte e levaria seu povo para um lugar tranquilo. Estou velho e talvez não viva para ver esse dia, mas outros viverão. Não desista agora.

E Kotick crispou seus bigodes para cima (uma coisa linda de se ver) e disse:

— Sou a única foca branca que nasceu nas praias e a única, preta ou branca, que já se importou em procurar outras ilhas.

Aquilo o animou imensamente. Quando voltou à Novastoshnah naquele verão, Matkah, sua mãe, implorou para que se casasse e formasse uma família. Agora, ele não era mais um *holluschickie* e sim um caçador do mar crescido, com uma crina branca e crespa sobre os ombros, tão viçoso, grande e feroz quanto seu pai.

— Só mais uma temporada — pediu. — Lembre-se, mãe, é sempre a sétima onda que quebra mais longe na praia.

Curiosamente, também havia uma foca fêmea que achava melhor esperar para se casar no próximo ano. Kotick dançou a dança do fogo com ela até a praia de Lukannon, na noite anterior à partida de sua última expedição. Dessa vez, ele foi para o oeste, porque já tinha encontrado os rastros de um grande cardume de linguados e precisava de pelo menos quarenta e cinco quilos de peixe por dia para se manter em boas condições de viagem. Ele os perseguiu até ficar cansado, então boiou e dormiu entre as vagas formadas pelas dunas submersas que levavam à ilha do cobre. Conhecia aquela costa perfeitamente bem e por volta da meia-noite, quando sentiu o toque gentil das algas no raso, disse:

— Hum, a maré será forte esta noite.

Virando o corpo para olhar abaixo da linha-d'água, abriu os olhos vagarosamente e espreguiçou-se. Depois, saltou como um gato porque viu coisas gigantescas xeretando as águas rasas e procurando algo por entre a vasta folhagem de algas.

— Pelos vagalhões de Magalhães! — disse baixinho por entre os bigodes. — Pelas profundezas do mar, quem é essa gente?

Não se pareciam com as morsas, leões-marinhos, focas, ursos, baleias, tubarões, peixes, lulas ou vieiras que Kotick já tinha visto. Mediam entre seis e dez metros de comprimento e não possuíam nadadeiras traseiras, mas uma cauda que parecia uma pá, como se tivesse sido esculpida no couro molhado. Suas caras tinham o ar mais boboca que já vira. Eles ficavam em pé, se balançando com a ponta da cauda apoiada no fundo quando não estavam pastando, faziam saudações solenes uns para os outros e acenavam com suas nadadeiras como um homem obeso balança os braços.

— Ham-ham! — pigarreou Kotick para chamar a atenção. — Como vai a pesca, cavalheiros?

Aquelas coisas imensas responderam saudando e acenando suas nadadeiras como o Sapo-Lacaio. ^[18] Quando voltaram a se alimentar, Kotick viu que seus lábios superiores eram divididos em duas partes, se afastavam uns trinta centímetros e depois se juntavam novamente, com um feixe inteiro de algas preso nessa fenda. Eles metiam aquilo tudo na boca e mastigavam vagarosamente.

— Que jeito maluco de se alimentar — disse Kotick. Eles o saudaram novamente e Kotick começou a perder a paciência. — Muito bem — continuou —, vocês não precisam ficar se mostrando só porque têm uma falange a mais nas nadadeiras da frente. Já vi que saúdam cordialmente, mas eu adoraria saber o nome de vocês.

Os lábios partidos se moveram e se contraíram. Olhos verdes como vitrais o encararam, mas nada disseram.

— Bem! — disse Kotick. — Vocês são os únicos que encontrei mais feios do que Cadelo do Mar. A diferença é que são ainda mais mal-educados.

Em seguida, um lampejo o fez lembrar do que a gaivota burgomestre tinha gritado para ele quatro anos atrás, na ilhota das Morsas. Nesse momento, Kotick se jogou para trás sobre a água numa demonstração de alegria. Finalmente entendeu que encontrara o Peixe-boi.

Os peixes-boi continuaram pastando, arrancando e mastigando as plantas. Kotick fez a eles perguntas em todas as línguas que aprendera em suas viagens — e saiba que o Povo do Mar fala quase tantas línguas quanto os seres humanos. Os peixes-boi, no entanto, não respondiam. Peixes-boi não falam. Eles têm só seis ossos no pescoço, em vez de sete. Comenta-se no fundo do mar que isso os impede até de conversar entre si. Porém, como se sabe, eles possuem uma articulação a mais na nadadeira posterior, e ao acenar com ela para cima, para baixo e para os lados, conseguem responder perguntas com uma espécie de código telegráfico desajeitado.

Quando amanheceu, Kotick já pensava em se enforcar com sua própria crina. Sua paciência afundara até onde morrem os caranguejos. Então os peixes-boi começaram a viajar rumo ao norte, bem vagorosamente, parando de quando em quando para fazer rituais de saudações absurdas. Kotick os seguia, dizendo a si mesmo:

— Gente idiota como essa já teria sido morta há muito tempo se não tivessem encontrado uma ilha segura. E o que é bom o bastante para um peixe-boi é bom o bastante para nós. Mesmo assim, queria muito que nadassem mais rápido.

Era um trabalho exaustivo para Kotick. O rebanho nunca nadava mais do que setenta, oitenta quilômetros por dia. Eles sempre paravam para comer à noite e permaneciam perto da costa. Kotick

nadava em volta, sobre e debaixo deles, mas não conseguia apressá-los nem um quilômetro a mais. Avançavam cada vez mais para o norte, fazendo seu ritual de saudações a cada par de horas. Kotick estava prestes a arrancar seu próprio bigode de nervoso quando entendeu que eles seguiam uma corrente de águas mornas e, assim, passou a respeitá-los mais.

Certa noite, afundaram na água brilhante — afundaram como pedras —, e pela primeira vez desde que os havia conhecido, passaram a nadar mais rápido. Kotick os seguiu, e a velocidade o deixou admirado. Nunca imaginou que os peixes-boi pudessem ser tão bons nadadores. Eles se dirigiram para um penhasco na costa, que descia e continuava até águas profundas. Mergulharam em um buraco escuro na base, a vinte braças de profundidade. Era um longo nado submerso. Kotick desejava o ar fresco muito antes de sair do túnel escuro por onde os seguia.

— Pela minha juba! — disse, quando chegou à superfície, engasgando e cuspidando água. — Foi um longo mergulho, mas valeu a pena.

Os peixes-boi se separaram e estavam boiando, sem pressa, ao longo das bordas das melhores praias que Kotick vira em sua vida. Eram longas extensões de pedra polida por quilômetros, ideais para ninhos de focas, muitas áreas com areia firme, encostas mais para o interior, ondas para a dança, capim alto para se esfregarem, dunas de areia para escalar e descer rolando e, o melhor de tudo, algo que Kotick sabia só de sentir a água — discernimento de um verdadeiro caçador do mar —, jamais um homem havia posto os pés naquele lugar.

A primeira coisa que fez foi verificar se a pesca era farta. Para tanto, nadou por todas as praias e avaliou as graciosas ilhas de areia rasa por entre a linda neblina. Longe, ao norte, na saída para o mar, estendia-se uma linha de paredões naturais, bancos de areia e rochas

que nunca deixariam barco algum chegar a menos de dez quilômetros da praia. Entre as ilhas e a terra firme havia uma faixa de águas profundas terminando contra desfiladeiros verticais. Em algum lugar, mais abaixo, ficava a boca do túnel.

— Parece com Novastoshnah, só que dez vezes melhor — disse Kotick. — O Peixe-boi deve ser muito mais sábio do que imaginei. Nenhum homem conseguiria descer por esses penhascos; mesmo que algum deles chegasse à ilha, os bancos de areia rumo ao mar fariam qualquer barco em pedaços. Se existe algum lugar seguro no oceano, esse lugar é aqui.

E passou a pensar na foca que havia deixado para trás. Embora estivesse com pressa de voltar para Novastoshnah, explorou detalhadamente o novo território. Queria poder responder a todas as perguntas que com certeza lhe fariam.

Então mergulhou, certificou-se da boca do túnel e disparou por ela, rumo ao sul. Ninguém, além de um peixe-boi ou uma foca, imaginaria um lugar como esse. Quando olhou para o penhasco atrás de si, nem mesmo ele podia acreditar que havia passado por debaixo deles.

Foram seis dias de viagem nadando bem rápido para chegar em casa. Quando fez a curva na agulha do Leão-Marinho, a primeira que encontrou foi a foca que estava esperando por ele. Ela percebeu o brilho em seus olhos ao dizer que finalmente achara sua ilha.

Os *holluschickie*, seu pai e até mesmo as gaivotas gargalharam quando ele falou sobre sua descoberta. Uma jovem foca quase da sua idade disse:

— Parece tudo muito lindo, Kotick, mas você não pode chegar de sei-lá-onde e mandar a gente pra lá, assim, sem mais nem menos. Lembre-se de que lutamos para conquistar nosso espaço aqui, coisa que você nunca fez. Você sempre preferiu ficar passeando mar afora.

As outras focas riram. Kotick começou a balançar sua cabeça de um lado para o outro. Como acabara de se casar, o jovem queria contar vantagem.

— Não tenho ninho para defender — disse Kotick. — Só quero mostrar a vocês um lugar onde estarão a salvo. Pra que brigar?

— Ah, se está amarelando, o problema é seu — disse a jovem foca com um riso esquisito.

— Se eu te vencer, você vem comigo? — perguntou.

E uma luz verde apareceu em seus olhos, porque estava muito irritado por ser obrigado a lutar.

— Combinado — disse a jovem foca displicentemente. — Se você me vencer, eu vou.

Não houve tempo para mudar de ideia, porque a cabeça de Kotick se projetou e seus dentes se afundaram na gordura do pescoço da jovem foca. Em seguida, jogou-se para trás, sobre as ancas, e arremessou o inimigo no chão da praia, prendeu-o e bateu ainda mais nele. Então Kotick rugiu para as focas:

— Dei o meu melhor por vocês nessas últimas cinco temporadas. Encontrei uma ilha onde todos estarão seguros, mas será que preciso arrancar a cabeça do pescoço gordo de vocês para acreditarem em mim? Se é assim, farei o que desejam. Preparem-se!

Limmershin contou que nunca em sua vida — e olhe que ele já viu mais de dez mil grandes focas brigando todos os anos — presenciou algo como a carga de Kotick sobre os viveiros. Ele avançou contra a maior foca que encontrou, agarrou-a pela garganta e a jogou para o lado. Em seguida, partiu para a próxima. Kotick nunca havia jejuado por quatro meses, ao passo que as grandes focas jejuavam todos os anos. Já as longas jornadas nadando em alto-mar o mantiveram em perfeita forma e, o melhor de tudo, ele nunca havia brigado antes. Sua

crina branca encaracolada se eriçou de raiva, seus olhos faiscavam e seus enormes caninos reluziam. Era esplêndido olhar para ele. O velho Caçador do Mar, seu pai, o viu passando violentamente, arrastando as velhas focas cinzentas como se fossem meros linguados, metendo medo nos jovens solteiros à sua volta. Caçador do Mar deu um rugido e gritou:

— Ele pode ser um tolo, mas é o melhor lutador das praias! Não ataque seu pai, meu filho! Estou com você!

Kotick rugiu em resposta. O velho Caçador do Mar veio todo desengonçado, com seu bigode balançando, bufando como uma locomotiva. Matkah e a foca que se casaria com Kotick se encolheram e ficaram admirando os machos. Era uma bela peleja, porque os dois lutaram tanto quanto o número de focas que ousasse levantar a cabeça. E quando não havia mais nenhum adversário, desfilaram orgulhosos de um lado para o outro, por toda a extensão da praia, urrando.

À noite, bem quando a aurora boreal tremulava e brilhava sobre a neblina, Kotick escalou a rocha nua e olhou os viveiros destruídos, as focas feridas e sangrando lá embaixo.

— Agora — disse —, já ensinei a lição a vocês.

— Pela minha juba! — disse o velho Caçador do Mar esforçando-se para se levantar, pois estava gravemente ferido. — Nem a própria baleia assassina teria feito tanto estrago. Filho, estou orgulhoso de você e, obviamente, irei à sua ilha, se é que esse lugar existe.

— Ouçam bem, seus porcos gordos do mar. Quem vem comigo para o túnel do Peixe-boi? Respondam ou lhes darei outra aula — rugiu Kotick.

Houve um murmúrio, como se uma onda cobrisse e depois recuasse sobre a praia.

— Nós iremos — disseram milhares de vozes cansadas. — Seguiremos Kotick, a foca branca.

Então Kotick descansou a cabeça entre os ombros e fechou os olhos, orgulhoso. Ele não era mais uma foca branca, mas sim vermelha da cabeça aos pés. Mesmo assim, não dava a mínima para seus ferimentos.

Uma semana depois, ele e um exército de quase dez mil *holluschickie* e focas adultas partiram rumo ao norte, para o túnel dos peixes-boi, com Kotick na dianteira. As focas que ficaram em Novastoshnah os chamavam de idiotas. No entanto, na primavera seguinte, quando todos se encontraram nos bancos de pesca do Pacífico, as focas de Kotick contaram histórias tão impressionantes sobre as novas praias escondidas pelo túnel que mais e mais focas deixaram Novastoshnah. É claro que não foram todas de uma vez. Focas não são muito espertas e precisam de bastante tempo para mudar de ideia. Depois de um ano, mais e mais focas deixaram Novastoshnah, Lukannon e outros viveiros, para as tranquilas e protegidas praias onde Kotick senta-se durante todo o verão, ficando cada vez maior, mais gordo e forte, enquanto os *holluschickie* brincam por ali, naquele lugar no meio do mar totalmente desconhecido pelo homem.

LUKANNON

Esta é a linda canção de alto-mar que todas as focas de St. Paul cantam no verão quando retornam às praias daquele lugar. É uma espécie de hino nacional trágico.

Encontrei meus amigos hoje cedo (nossa, como estou cansado!)

Onde as ondas castigam as rochas no verão ensolarado;

Ouvi sua cantoria se misturar com o som do quebra-mar...

As praias de Lukannon... dois milhões de vozes a cantar.

A canção da boa temporada junto às lagoas salgadas,

A canção soprada por esquadrões nas areias molhadas,

A canção da dança da meia-noite que incendei as marés...

As praias de Lukannon... antes do homem ali fincar seus pés!

*Encontrei meus amigos hoje cedo (nunca mais os verei!);
Vieram e se foram, aos montes, cobrindo a praia como reis.
Sobre a espuma das ondas, tão longe quanto a voz pode alcançar
Saúdamos todos os que chegam e cantamos para virem se deitar.*

*As praias de Lukannon... o trigo do inverno cresceu...
Os líquens, o orvalho, a neblina, tudo umedeceu!
As pedras lisas e gastas onde as crianças vão brincar!
As praias de Lukannon... aqui nascemos, é o nosso lugar!*

*Encontrei meus amigos hoje cedo, todos machucados.
Homens nos matam nas águas e na terra, espancados;
Nos levam à Casa de Sal como ovelhas para o abate,
Mesmo assim, cantamos... antes que um caçador nos mate.*

*Mergulhe, vá para o sul; fuja, Gooverooska, fuja!
E conte aos monarcas do mar nossa história obtusa;
E assim como os ovos vazios que a tempestade traz,
As praias de Lukannon não serão nosso lar jamais!*

RIKKI-TIKKI-TAVI

Na toca dele, ali na entrada,

Olhos Vermelhos desafiou Pele Enrugada.

Olhos Vermelhos disse, sem pensar na sorte:

— Nag, venha dançar a dança da morte!”.

Olhos nos olhos, testa com testa,

(Mantenha a distância, Nag.)

Morrer é só o que lhe resta;

(A seu bel-prazer, Nag.)

Giro a giro, esquiva a esquiva...

(Corra até sumir, Nag.)

Rá! A morte de capuz não está mais viva!

(Ai de ti, Nag!)

Esta é a história da guerra que Rikki-tikki-tavi travou sozinho nos banheiros do grande bangalô no campo militar de Segowlee. Darzee, o pássaro alfaiate, o ajudou, e Chuchundra, o rato almiscarado, que nunca se arrisca pelo meio da sala — pois sempre se esgueira pelos cantos das paredes —, lhe deu conselhos. Mas quem lutou de verdade foi Rikki-tikki.

Tratava-se de um mangusto, bicho com jeito de gato graças ao pelo e à cauda, mas com cabeça e hábitos de doninha. Seus olhos e a ponta do nariz irrequieto eram rosados. Conseguia coçar qualquer ponto do corpo com uma das pernas dianteira ou traseira. Também era capaz de eriçar os pelos do rabo até ficar parecido com uma escova de limpar mamadeiras. Seu grito de guerra quando deslizava pelo mato alto era: “Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!”.

Um dia, uma violenta enchente de verão o espirrou para fora da toca onde vivia com seus pais. Foi levado, esperneando e gorgolejando, até ser engolido por um bueiro na beira da estrada. Ali, encontrou um tufo de grama boiando e se segurou nele até desmaiar. Quando voltou a si, estava deitado sob o sol quente, no meio da calçada de um jardim, todo sujo. À sua frente um menino dizia:

— Olha! Um mangusto morto. Vamos fazer um enterro.

— Não — disse sua mãe —, vamos levá-lo e secá-lo. Talvez ainda não esteja morto de verdade.

Ele foi levado para a casa. Um homem bem grande o pegou entre um dedo e um polegar. Disse que não estava morto, só um pouco afogado. Então o embrulharam em lã de algodão e o esquentaram próximo a um pequeno fogareiro. Ele abriu os olhos e espirrou:

— Agora — disse o homem (o pai da família inglesa que acabara de se mudar para o bangalô) —, não o assuste, vamos ver o que ele vai fazer.

Uma das coisas mais difíceis do mundo é assustar um mangusto. Isso porque ele é feito, do focinho à cauda, de muita curiosidade. O lema de todas as famílias de mangustos é “correr e descobrir”. Rikki-tikki era um verdadeiro mangusto. Ele olhou para o tecido de algodão e decidiu que não era bom para comer. Correu em volta da mesa, sentou-se, penteou seu pelo com as próprias unhas e saltou no ombro do menininho.

— Não se assuste, Teddy — disse seu pai. — É o jeito dele de fazer amigos.

— Ai! Ele está fazendo cócegas no meu queixo — disse Teddy.

Rikki-tikki olhou para baixo, entre o colarinho e o pescoço do menino, deu uma cheirada na sua orelha e desceu por ali até o chão, onde sentou-se esfregando o nariz.

— Que fofura — disse a mãe de Teddy —, e olhe que é um animal selvagem! Acho que está manso porque fomos gentis com ele.

— Os mangustos são assim mesmo — disse o marido. — Se Teddy não puxá-lo pelo rabo ou tentar prendê-lo em uma gaiola, ele vai ficar entrando e saindo da casa o dia todo. Vamos lhe dar algo para comer.

Ofereceram um pedacinho de carne crua. Rikki-tikki gostou muito e, depois de terminar, foi até a varanda, sentou-se ao sol e eriçou toda a sua pelagem para que secasse até a raiz. Assim sentiu-se melhor.

— Há mais coisas para aprender sobre esta casa — disse consigo mesmo — do que toda minha família poderia descobrir em uma vida inteira. Certamente vou ficar e observar tudo.

E passou o dia todo perambulando pela casa. Quase se afogou nas banheiras, meteu o focinho no nanquim sobre a escrivaninha e o queimou na ponta do cigarro do homem grande, após subir no seu colo para ver como é que se escrevia. Ao cair da noite, correu para o

quarto de Teddy para entender como os lampiões eram acesos. Quando Teddy foi se deitar, Rikki-tikki também foi para a cama. Mas ele era uma companhia inquieta, que se levantava toda hora para verificar cada barulho e suas causas. A mãe e o pai de Teddy foram ao quarto antes de dormir para olhar o menino. Rikki-tikki estava acordado sobre o travesseiro.

— Não gosto disso — disse a mãe de Teddy. — Ele pode morder a criança.

— Ele não faria isso — disse o pai. — Teddy está mais seguro com essa pequenina fera do que se um cão de caça estivesse aqui. Se uma serpente subir no berço, por exemplo...

Mas a mãe de Teddy não queria nem pensar em algo tão terrível assim.

Logo pela manhã, Rikki-tikki chegou para o café na varanda montado no ombro de Teddy. Deram-lhe banana e ovo cozido. Incansável, sentou-se no colo de cada um deles. O sonho de todo mangusto crescido é ser um animal doméstico para ter vários cômodos por onde possa ficar correndo. A mãe de Rikki-tikki (que costumava morar na casa de um general, em Sugauli) explicou para ele exatamente o que fazer caso algum dia encontrasse os homens brancos.

Rikki-tikki saiu para o jardim para ver o que havia por ali. Era um grande jardim, cultivado só pela metade, com arbustos de rosas Marechal Niel grandes como casas de veraneio, limoeiros, pés de laranja, touceiras de bambus e chouças de capim alto. Rikki-tikki lambeu os lábios:

— Mas que esplêndida área de caça — disse e seu rabo ficou como a escova de mamadeiras.

Patrulhou cada canto do jardim, cheirando aqui e ali até que ouviu vozes muito angustiadas em uma moita de espinheiro. Era o pássaro

Darzee, da espécie alfaiate (*Orthotomus sutorius*), e sua esposa. Eles haviam feito um lindo ninho, com duas grandes folhas juntas e costurado as bordas com fibras. Encheram a cavidade delas de algodão e fiapos fofinhos. O berço balançava de um lado para o outro, com ambos pousados na beira, chorando.

— Qual é o problema? — perguntou Rikki-tikki.

— Estamos arrasados — disse Darzee. — Um de nossos bebês caiu do ninho ontem e Nag o comeu.

— Hum! — disse Rikki-tikki. — Que coisa triste... mas sou novo por aqui. Quem é Nag?

Darzee e sua esposa se encolheram ainda mais no ninho, sem responder, depois que da grama espessa na base do arbusto veio um som frio e horrendo. Rikki-tikki saltou dois passos para trás. Então, centímetro a centímetro, uma cabeça foi aparecendo, se levantando e revelando Nag, uma grande naja negra de mais de um metro e meio. Quando levantou um terço de seu corpo acima do chão, equilibrou-se como um tufo de dente-de-leão balançando ao vento. Direcionou para Rikki-tikki seus malvados olhos de serpente que nunca mudam de expressão.

— Quem é Nag? — disse ele. — *Eu* sou Nag. O grande deus Brahma pôs esta marca no meu povo quando a primeira naja abriu seu capuz para fazer sombra enquanto ele dormia. Olhe e trema!

Nag abriu seu capuz mais do que nunca e Rikki-tikki viu a marca em forma de óculos em suas costas, muito parecida com uma tranca de ferrolho. Por um momento, ele ficou com medo, mas é impossível um mangusto ficar com medo por muito tempo. Embora nunca tivesse encontrado uma naja, sua mãe já havia trazido algumas dessas, mortas, para ele comer. Sempre lhe pareceu claro que a profissão dos mangustos adultos era caçar e comer serpentes. Nag também sabia disso e, no fundo de seu coração gelado, também estava com medo.

— Bem — disse Rikki-tikki com sua cauda começando a se eriçar de novo —, com ou sem marcas, você acha certo comer um filhote de passarinho que caiu do ninho?

Nag estava atento, observando cada movimento na grama atrás de Rikki-tikki. Ele sabia que mangustos no jardim significavam, cedo ou tarde, sua morte e a de sua família; por isso, queria pegar Rikki-tikki desprevenido. Então, baixou um pouco a cabeça e a pendeu para o lado.

— Vamos conversar — disse. — Se você come ovos, por que eu não posso comer pássaros?

— Atrás de você! Olhe para trás — cantou Darzee.

Rikki-tikki sabia que era perda de tempo ficar encarando e saltou no ar o mais alto que pôde. Abaixo dele, a cabeça de Nagaina, a maldosa esposa de Nag passou como um raio. Ela havia rastejado pela retaguarda enquanto Nag e Rikki-tikki conversavam. Sua intenção era dar um fim no mangusto. Ao errar o bote, ela deu um sibilo irritado. Rikki-tikki aterrissou quase no meio das costas dela e, se fosse um mangusto experiente, teria quebrado sua espinha com uma só mordida. Porém, temeu que ela desferisse outro bote. Na verdade, ele mordeu, mas não forte o bastante. Em seguida, saltou para longe do rabo que chicoteava, deixando Nagaina ferida e furiosa.

— Darzee, seu maldito! — disse Nag saltando o mais alto que conseguia para alcançar o ninho entre os galhos do espinheiro. No entanto, a ave estava fora do alcance das serpentes e o ninho só balançou um pouco.

Rikki-tikki sentiu seus olhos ficarem vermelhos e quentes (quando os olhos de um mangusto ficam vermelhos é porque está bravo). Sentou-se sobre sua cauda e as patas traseiras, como se fosse um canguru, olhou em volta, batendo os dentes de raiva. Nag e Nagaina já tinham desaparecido no meio do mato. Quando uma

cobra erra o bote, ela não dá pistas do que pretende fazer em seguida. Rikki-tikki nem pensou em segui-los. Não tinha certeza se conseguiria enfrentar duas cobras ao mesmo tempo. Assim, foi na direção do caminho de cascalho perto da casa e sentou-se para refletir. Aquilo era assunto sério para ele.

Se você for ler os velhos livros de história natural, descobrirá que eles dizem que quando o mangusto enfrenta uma cobra e acaba picado, ele sai correndo e come algumas ervas medicinais. Isso não é verdade. A vitória é só uma questão de rapidez no olhar e rapidez nas patas — é o bote da cobra contra o salto do mangusto. Como nenhum olhar consegue acompanhar o movimento da cabeça de uma cobra quando ela ataca, isso torna as vitórias dos mangustos mais maravilhosas do que qualquer erva mágica. Rikki-tikki sabia que ele era um jovem mangusto. Isso o deixava orgulhoso, pois tinha acabado de escapar de um bote traiçoeiro. Muito confiante, estava pronto para ganhar seu carinho quando Teddy veio correndo pela calçada.

No momento em que Teddy estava se curvando, algo se contorceu um pouquinho na areia. Uma vozinha disse:

— Cuidado. Sou a morte!

Era Karait, um filhote de serpente marrom que gosta de ficar à espreita na terra poeirenta, cuja picada é tão venenosa quanto a de uma naja. Mas ele era tão pequeno que ninguém ligava muito. Por isso, acabava causando ainda mais estrago.

Os olhos de Rikki-tikki ficaram vermelhos novamente. Ele se colocou em pé, dançando para Karait com o remelexo balançante herdado de sua família. A princípio, aquilo parecia engraçado, mas era um jeito de andar tão bem equilibrado que permitia ao jovem mangusto escapar por qualquer ângulo necessário. Quando se trata de serpentes, isso é uma baita vantagem. Rikki-tikki nem desconfiou, mas estava fazendo uma coisa muito mais perigosa do que lutar com

Nag. Karait, por ser pequeno, pode virar-se com tal rapidez que, a menos que Rikki o mordesse bem perto da nuca, ele daria outro bote em seu olho ou na boca. Rikki não sabia disso. Seus olhos estavam vermelhos e ele se balançava para a frente e para trás, procurando uma brecha para atacar. Karait atacou. Rikki saltou para o lado e tentou uma investida direta, mas a malvada cabecinha marrom chicoteou perto de seu ombro e ele saltou por cima dela, que passou raspando por seus calcanhares.

Teddy gritou na direção da casa:

— Ei, venham ver! Nosso mangusto está matando uma cobra.

Rikki-tikki ouviu um grito da mãe de Teddy. Seu pai correu para fora com uma vara, mas, até chegar, Karait já tinha sido dominada, pois Rikki-tikki havia saltado, montado em suas costas, colocado sua cabeça entre as duas patas dianteiras, mordido o mais próximo da nuca e rolando para o lado. A mordida paralisou Karait, e Rikki-tikki já ia comê-la, começando pelo rabo, como é o costume nas refeições da família, quando lembrou-se de que um prato cheio faz com que um mangusto fique lento. Se ele quisesse continuar forte e rápido, precisava se manter magro.

Saiu para tomar um banho de areia debaixo dos arbustos de mamona enquanto o pai de Teddy acabava de matar Karait.

— Pra que isso? — pensou Rikki-tikki. — Eu já tinha resolvido o problema.

A mãe de Teddy o pegou no colo com um abraço. Segundo ela, o mangusto salvou a vida do menino. Já seu pai falou que aquilo foi um milagre. Os olhos de Teddy estavam arregalados de susto. Rikki-tikki ficou surpreso com toda aquela comoção, que, é claro, não fazia sentido nenhum para ele. Para Rikki, a mãe do menino podia bem deixá-lo brincar na areia, que estava muito divertida.

Naquela noite, durante o jantar, andando para lá e para cá entre as

garrafas de vinho na mesa, Rikki poderia ter se empanturrado com as guloseimas. Lembrou-se, no entanto, de Nag e Nagaina e achou que era melhor ser afagado e mimado pela mãe de Teddy. Depois, sentou-se no ombro do menino. Seus olhos ficavam vermelhos de vez em quando e ele soltava seu longo grito de guerra:

— Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!

Teddy o levou dali para a cama e insistiu que Rikki-tikki dormisse abraçado com ele. O mangusto era muito educado e não mordida nem arranhava, mas logo que Teddy caiu no sono, ele decidiu dar sua caminhada noturna pela casa. No escuro, trombou com Chuchundra, o rato-almiscarado, rastejando, encostado à parede. Chuchundra é um pequenino bicho tristonho. Choraminga e pia a noite toda, juntando coragem para correr até o meio da sala. Nunca consegue.

— Não me mate — disse Chuchundra quase chorando. — Não me mate, Rikki-tikki!

— Você acha que um matador de serpentes feito eu mata ratos-almiscarados? — disse Rikki-tikki com desdém.

— Quem mata serpentes acaba morto por serpentes — disse Chuchundra mais angustiado que nunca. — E quem me garante que Nag não vai me confundir com você numa noite escura?

— Não existe a mínima possibilidade — disse Rikki-tikki. — Nag fica no jardim e eu sei que você não vai lá.

— Meu primo Chua, o rato, me contou que... — começou Chuchundra e parou.

— Contou o quê?

— Shh! Nag está em todo lugar, Rikki-tikki! Você devia ter conversado com Chua, no jardim.

— Mas não conversei... Diga logo, Chuchundra, senão te mordo!

Chuchundra sentou-se e chorou até as lágrimas rolarem por seus bigodes:

— Sou um miserável — soluçou. — Nunca tive coragem suficiente para correr até o meio da sala. Shh! Não posso te contar nada. Não está ouvindo, Rikki-tikki?

Ele ouviu. A casa estava quieta como uma pedra, mas o mangusto desconfiou de um farfalhar extremamente discreto, um som tão fraco quanto uma vespa andando no vidro da janela. Era o arranhar seco das escamas de uma serpente sobre o chão de tijolos.

— É Nag ou Nagaina — disse para si mesmo — rastejando para dentro da calha do banheiro. Você está certo, Chuchundra, eu devia ter falado com Chua.

Saiu à toda para o banheiro de Teddy, mas como não havia nada lá, seguiu para o banheiro da mãe. Na base da parede havia um tijolo empurrado para fora, por onde escoava a água do banho. Rikki-tikki passou pela beirada da alvenaria e ouviu o casal de najas cochichando lá fora, sob o luar:

— Quando as pessoas saírem da casa — disse Nagaina ao marido —, ele também terá de sair. Assim, o jardim será nosso outra vez. Entre em silêncio e lembre-se de que o homem grande que matou Karait é o primeiro a ser picado. Depois, saia e me diga para caçarmos Rikki-tikki juntos.

— Você tem certeza de que matar essas pessoas é uma boa ideia? — disse Nag.

— É ótima. Quando o bangalô estava vazio, por acaso havia algum mangusto no jardim? Sem ninguém lá, voltaremos a ser os reis do lugar. E lembre-se: assim que nossos filhotes nascerem dos ovos escondidos nas ramas de melão, talvez já amanhã, eles precisarão de espaço e tranquilidade.

— Não tinha pensado nisso — disse Nag. — Estou indo, mas não precisaremos caçá-lo depois. Mato o homem grande, sua esposa, a criança e saio silenciosamente. Daí, com o bangalô vazio, o mangusto irá embora.

Rikki-tikki sentiu um formigamento de raiva e ódio ao ouvir aquilo. Imediatamente, a cabeça de Nag entrou pela calha seguida por seu corpo frio de um metro e meio. Mesmo bravo como estava, ele ficou com medo diante do tamanho da grande naja. Nag se enrolou, elevou sua cabeça e olhou para dentro do banheiro escuro. O mangusto pôde ver seus olhos brilhando.

— Se eu o matar aqui, Nagaina saberá. Terei menos chances de vencer se lutar aqui no chão. O que devo fazer? — pensou Rikki-tikki-tavi.

Nag foi rastejando adiante. O mangusto o ouviu bebendo água na jarra maior, usada para encher a banheira.

— Que delícia! — disse a serpente. — Quando Karait foi morto, o homem grande tinha uma vara. Ele ainda deve ter essa vara, mas certamente não virá tomar banho com ela amanhã cedo. Portanto, vou esperar aqui até ele entrar. Nagaina, está me ouvindo? Vou esperar aqui no chão fresco até o amanhecer.

Não houve resposta de fora e, por isso, ele sabia que Nagaina havia ido embora. Nag se enrolou todo, como uma mola, em volta do bojo na base da jarra. Rikki-tikki manteve-se parado como morto. Depois de uma hora, começou a se mover, músculo por músculo, na direção da jarra. Nag estava dormindo. O mangusto observou suas costas enormes, perguntando-se qual seria o melhor lugar para o ataque.

— Se não quebrar a espinha no primeiro salto — disse Rikki —, ele ainda poderá lutar. E, se puder, será um problema!

Observou a grossura do pescoço abaixo do capuz, era grande

demais para ele. Uma mordida perto do rabo só deixaria Nag enlouquecido.

— Tem de ser na cabeça — disse, finalmente —, pouca coisa acima do capuz. E, quando eu morder, não poderei mais soltar.

Saltou. A serpente repousava um pouco distante da jarra, sob uma reentrância. Quando as presas do mangusto se fecharam abocanhando a cobra, Rikki apoiou suas costas contra o bojo de barro vermelho para evitar que Nag levantasse a cabeça. Essa vantagem de um segundo precisava ser aproveitada ao máximo. Depois, foi chacoalhado para todos os lados como se fosse um rato grudado em um cachorro — para cima e para baixo, em grandes círculos. Seus olhos estavam vermelhos e ele segurou firme enquanto o corpo achatado da cobra se contorcia no chão, balançando a concha de latão, o pires do sabonete e a escova para as costas. Foram várias pancadas na lateral da banheira de latão. Enquanto segurava, apertava suas mandíbulas o máximo que podia. Estava certo de que seria espancado até a morte, porém, pela honra de sua família, preferia ser encontrado com os dentes travados. Já estava zozinho, dolorido e sentindo-se em pedaços após tamanha luta quando algo explodiu como um trovão atrás dele. Um vento quente apagou seus sentidos e uma faísca vermelha chamoscou seu pelo. O homem grande tinha sido acordado pelo barulho. Veio até o banheiro e disparou dois tiros de espingarda em Nag, bem no capuz.

Rikki-tikki continuou mordendo com os olhos fechados. Agora, estava certo de que a cobra estava morta. O homem grande o segurou:

— É o mangusto novamente, Alice. Nosso amiguinho nos salvou mais uma vez.

Então a mãe de Teddy entrou, muito pálida, vendo o que havia sobrado de Nag, enquanto Rikki-tikki se arrastava para o quarto.

Ficou por lá o resto da noite, sacudindo-se com cuidado para ver se não tinha se despedaçado em quarenta partes.

Quando a manhã chegou, o mangusto estava todo dolorido, mas muito satisfeito com suas façanhas.

— Agora preciso acertar as contas com Nagaina. Acho que será pelo menos cinco vezes pior do que foi enfrentar Nag. Também não tenho como saber quando os filhotes dela vão sair dos ovos. Pelos deuses! Preciso ver Darzee — disse.

Sem nem esperar pelo café da manhã, Rikki-tikki correu para o espigueiro onde Darzee estava cantando uma canção de vitória o mais alto que podia. A notícia sobre a morte de Nag se espalhou pelo jardim depois que o faxineiro jogou o corpo da cobra na lixeira.

— Seu tufo de penas idiota! — disse Rikki-tikki furioso. — Acha que é hora de cantarolar?

— Nag morreu... morreu... morreu! — cantou Darzee. — O valente Rikki-tikki pegou sua cabeça e mordeu pra valer. O homem grande trouxe a vara de trovão e Nag ficou em pedaços! Nunca mais vai comer meus filhotes.

— Tudo isso é bem verdade, mas onde está Nagaina? — disse Rikki-tikki, olhando cuidadosamente em volta.

— Nagaina foi até a calha do banheiro e chamou por Nag — continuou Darzee —, porém, o que ela viu foi Nag saindo de lá pendurado numa vara... o faxineiro o pegou com a ponta da vara e o jogou no monte de lixo. Por isso, grande Rikki-tikki dos olhos vermelhos, deixe a gente cantar! — E Darzee encheu o peito e cantou.

— Se eu alcançasse o seu ninho, jogaria seus bebês para baixo! — disse Rikki-tikki. — Existe a hora certa para cada coisa. Você está bem seguro aí no seu ninho, mas aqui embaixo estamos em guerra. Pare de cantar um pouco, Darzee.

— Se esta é a vontade do grande e belo Rikki-tikki, eu paro — disse Darzee. — O que deseja, senhor matador do terrível Nag?

— Pela terceira vez: onde está Nagaina?

— Na pilha de lixo, perto dos estábulos, velando Nag. Rikki-tikki é um gigante e seus dentes são brilhantes.

— Que dentes brilhantes, o quê! Você sabe onde ela botou seus ovos?

— Nas ramas de melão, lá no fundo, perto do muro, onde bate sol quase o dia todo. Ela os escondeu lá semanas atrás.

— E nunca passou pela sua cabeça me contar isso? No fundo, pertinho do muro, certo?

— Rikki-tikki, você vai comer os ovos dela?

— Comer, não, exatamente. Darzee, se você tem um pingão de juízo, voe até o estábulo, finja que está com a asa quebrada e deixe Nagaina te perseguir até este arbusto. Preciso ir até os melões, mas, se eu for agora, ela vai me ver.

Darzee era um passarinho com cérebro de minhoca que não conseguia pensar em duas coisas ao mesmo tempo. Exatamente pelo fato de os filhos de Nagaina nascerem de ovos como os seus, ele não achava justo matá-los. Sua esposa, todavia, era uma ave sensível e sabia que ovos de naja logo significariam mais najas. Então ela voou do ninho e deixou Darzee tomando conta dos bebês, cantando sua canção sobre a morte de Nag. Darzee se parecia muito com um homem em certos aspectos.

Ela bateu as asas na frente de Nagaina, perto do monte de lixo, e gritou:

— Ai, minha asa está quebrada! O menino da casa jogou uma pedra e quebrou... — disse, batendo as asas mais desesperadamente do que nunca.

Nagaina levantou a cabeça e sibilou:

— Você avisou Rikki-tikki quando tentei matá-lo. Agora, o que posso dizer é que você escolheu um péssimo lugar para capengar.

E foi deslizando sobre a areia na direção da esposa de Darzee.

— O menino quebrou minha asa com uma pedra! — piou a esposa de Darzee.

— Que bom! Para seu consolo, quando estiver morta, saiba que ainda vou acertar as contas com o menino. Meu marido jaz sobre o monte de lixo agora, mas, antes do anoitecer, o menino da casa também estará deitado e bem quietinho. Para que tentar fugir? Não pode escapar. Tolinha, olhe para mim!

A esposa de Darzee sabia que não era uma boa ideia para um pássaro olhar nos olhos de uma serpente, pois o medo poderia congelá-la. Continuou batendo as asas, piando com tristeza e se mantendo no chão. Nagaina se apressou.

Rikki-tikki a ouviu vindo pela calçada dos estábulos. Correu para o fundo, no canteiro dos melões, perto do muro. Ali, quentinhos sobre a folhagem e bem escondidos repousavam vinte e cinco ovos, parecidos com os de codorna. Todos envoltos por uma membrana ao invés de casca.

— Cheguei bem a tempo — disse ele, porque dava para ver os bebês naja enrolados dentro da membrana. Ele sabia que, no minuto em que nascessem, cada uma delas seria capaz de matar um homem ou um mangusto.

Ele arrancou o topo dos ovos com os dentes, o mais rápido que podia, cuidando para esmagar as jovens najas, virando a folhagem de vez em quando para ver se tinha deixado alguma escapar. Ao final, só faltavam três ovos. O mangusto começou a rir sozinho quando ouviu a esposa de Darzee gritando:

— Rikki-tikki, eu atraí Nagaina para perto da casa e ela foi para a varanda. A intenção dela é matar!

Ele quebrou mais dois ovos e deu uma cambalhota para trás, descendo do canteiro dos melões com o terceiro ovo na boca. Correu para a varanda assim que colocou seus pés no chão. Teddy, sua mãe e seu pai estavam ali para o café da manhã, mas Rikki-tikki viu que não estavam comendo nada. Estavam imóveis e pálidos. Nagaina estava enrolada sobre o tapete perto da cadeira de Teddy, a uma distância tal que seu bote alcançaria facilmente a perna do menino. Ela se balançava para a frente e para trás, cantando sua canção de vitória.

— Filho do homem grande que matou Nag — ela sibilou —, fique parado. Ainda não estou pronta. Espere um pouquinho. Quero toda a família bem quietinha! Se você se mexerem, darei meu bote; se não se mexerem, também. Gente tola que matou meu Nag!

Os olhos de Teddy fitavam seu pai, que só era capaz de sussurrar:

— Fique parado, Teddy. Não se mexa. Fique quieto.

Então Rikki-tikki apareceu e gritou:

— Olhe para cá, Nagaina. Vire e lute!

— Tudo a seu tempo — disse ela sem mover os olhos. — Ainda chegará a hora de acertar as contas com você. Veja só seus amigos, Rikki-tikki. Estão parados e pálidos. Estão com medo. Não ousam se mexer. Se você der mais um passo, dou o bote.

— Vá ver seus ovos no canteiro de melões, perto do muro— disse Rikki-tikki. — Vá lá olhar, Nagaina!

A grande serpente virou-se para trás e viu o ovo na varanda:

— Me dê isso — ela disse.

Rikki-tikki colocou cada uma de suas patas ao lado do ovo. Seus olhos estavam vermelho-sangue.

— Quanto vale um ovo de cobra? De uma jovem naja? De uma jovem naja real? Quanto vale a última pequenina da ninhada? As formigas já estão comendo as outras lá no canteiro de melões.

Nagaina deu um giro completo, esquencendo-se de tudo. Toda sua atenção agora voltava-se para aquele único ovo. Rikki-tikki viu o pai de Teddy esticar sua grande mão, agarrar Teddy pelos ombros e o puxar por cima da mesa com as xícaras de chá, colocando-o fora do alcance de Nagaina.

— Te enganei! Te enganei! Enganei! *Rikk-tck-tck!* — repicou Rikki-tikki. — O menino está a salvo e fui eu, eu, eu quem pegou Nag pelo capuz ontem à noite no banheiro.

Então ele começou a pular para cima e para baixo, com as quatro patas e a cabeça próxima ao chão.

— Ele me jogou para todo lado, mas não conseguiu se livrar de mim. Ele já estava morto quando o homem grande o estraçalhou em dois. Mas fui eu! *Rikki-tikki-tck-tck!* Venha, Nagaina. Venha brigar comigo. Você não será viúva por muito tempo.

Nagaina percebeu que tinha perdido a chance de matar Teddy, e o ovo continuava entre as patas de Rikki-tikki.

— Me dê esse ovo, Rikki-tikki. Me dê o último dos meus ovos e irei embora para nunca mais voltar — disse ela baixando o capuz.

— Sim, você vai mesmo embora para nunca mais voltar, pois vai para o monte de lixo junto com Nag. Lute, viúva! O homem grande foi pegar a arma! Lute!

Rikki-tikki ficou circundando Nagaina, mantendo-se fora do alcance do bote. Seus olhos eram dois carvões em brasa. Nagaina aprumou-se e disparou contra ele, que saltou para cima e para trás. A cobra atacou inúmeras vezes. Em cada ataque sua cabeça batia contra o tapete da varanda. Imediatamente, ela se enrolava de novo, como

uma mola de relógio. Então o mangusto dançou em círculos para ficar atrás dela enquanto Nagaina girava para ficar frente a frente. O rastejar de sua cauda sobre o tapete soava como folhas secas sopradas ao vento.

Ele tinha se esquecido do ovo, que ainda estava na varanda. Nagaina chegou cada vez mais perto dele até que, finalmente, enquanto Rikki-tikki recuperava o fôlego, ela pegou o ovo com a boca, virou-se para os degraus e voou como uma flecha para a calçada. Ele disparou atrás dela. Quando uma naja corre para salvar sua vida, parece um chicote estalando nas costas de um cavalo.

Rikki-tikki sabia que precisava alcançá-la ou o problema não estaria resolvido. A serpente avançava em direção ao capim alto perto do espinheiro. Enquanto ela fugia, o mangusto ouvia Darzee cantar sua tola musiquinha da vitória. A esposa do pássaro, por sua vez, era bem mais esperta. Ao ver a cena, voou de seu ninho enquanto Nagaina se aproximava e bateu as asas sobre a cabeça da naja. Se Darzee a tivesse ajudado, teriam conseguido desviá-la, mas Nagaina só baixou o capuz e continuou. Mesmo assim, esse momento de distração fez com que Rikki-tikki a alcançasse e, quando ela mergulhou na toca de rato onde morava com Nag, os pequenos dentes brancos do mangusto morderam sua cauda. Ela o arrastou para dentro — pouquíssimos membros dessa espécie, por mais espertos e experientes que sejam, se arriscam a seguir uma naja em sua toca. Estava escuro lá dentro. Rikki-tikki não tinha como saber quando a toca se alargaria, dando espaço para o contra-ataque de Nagaina. Ele a segurou bravamente e usou os pés como freios nas paredes de terra quente e úmida.

Logo a grama na boca da toca parou de mexer e Darzee disse:

— É o fim de Rikki-tikki! Devemos cantar em seu lamento. O valente Rikki-tikki morreu! Porque Nagaina certamente o matará debaixo da terra.

Então entoou uma canção muito triste, inventada no calor daquele momento. Na parte mais emocionante da melodia, a grama agitou-se novamente e Rikki-tikki, todo sujo de terra, se arrastou para fora da toca, uma perna de cada vez, lambendo os bigodes. Darzee parou com um gritinho. O mangusto sacudiu um pouco da terra dos pelos e espirrou.

— Acabou — disse ele. — A viúva nunca mais sairá daí.

As formigas vermelhas que vivem por entre os caules das gramas o ouviram e começaram a marchar em fila para ver se ele falava mesmo a verdade.

Rikki-tikki se enrolou todo e dormiu ali mesmo, na grama. Dormiu até o final da tarde. Seu dia tinha sido muito cansativo.

— Agora — disse ao acordar —, vou voltar para casa. Conte ao caldeireiro, Darzee, e ele vai espalhar pelo jardim que Nagaina está morta.

O caldeireiro é um pássaro que faz exatamente o mesmo barulho de um martelo batendo num pote de cobre. A razão pela qual ele faz isso é por ser o jornalista dos jardins da Índia. Ele conta as notícias para quem quiser ouvir. Enquanto Rikki-tikki seguia pela calçada, ouviu um aviso de “atenção” parecido com um pequeno gongo de cozinha e depois um rápido “*Dim-dom-toc!* Nag está morto. *Dom!* Nagaina está morta! *Dim-dim-toc!*”. Aquilo fez com que todos os pássaros do jardim cantassem e os sapos coaxassem, pois Nag e Nagaina costumavam comer sapos e pássaros.

Quando Rikki chegou à casa, Teddy, sua mãe, que ainda estava pálida por ter desmaiado), e seu pai saíram e quase choraram ao vê-lo. Naquela noite, ele comeu tudo o que lhe deram até não poder mais e foi para a cama no ombro de Teddy. A mãe do menino viu os dois dormindo juntos quando foi dar uma olhada no meio da noite.

— Ele salvou nossa vida e a de Teddy — disse ela ao marido. —

Pense nisso, ele salvou a todos.

Rikki-tikki acordou de um salto, porque mangustos têm o sono leve.

— Ah, é você — disse. — Por que está preocupado? Todas as najas estão mortas. E, se escapou alguma, aqui estou eu.

Rikki-tikki fazia muito bem em se orgulhar, mas nunca em demasia. Sabia das suas obrigações e cuidou daquele jardim como um mangusto deve cuidar, com dentes e saltos, pulos e mordidas. Nenhuma outra naja se atreveu a dar as caras naquele quintal.

O CANTO DE DARZEE

(Em homenagem a Rikki-tikki-tavi)

Cantor e alfaiate eu sou.

Multiplico as alegrias que vivi.

Tenho orgulho do cantor que sou.

E orgulho da trama do ninho que construí.

De cima abaixo teço minha música como costuro meu ninho.

Canto para meus filhotes de novo,

Mamãe, levante a cabeça!

O malvado que comeu nossos ovos,

Jaz morto no jardim, não se compadeça!

O terror que vivia entre as rosas, agora vive no lixo, foi-se depressa.

Quem foi nosso libertador?

Digam seu nome e sobrenome.

Rikki, o valente lutador,

Tikki, cujo fogo seus olhos consome,

Rikki-tikki-tavi, presas de marfim, caçador com olhos de fogo.

Este é o seu nome.

Agradeçam a ele, pássaros,

Reverenciem-no com as penas da cauda!

Ele merece canções e lábaros,

Pois salvou nossa alma.

*Ouçam meu canto em sua homenagem. Rikki, olhos vermelhos
que a todos acalma!*

*(Nesse ponto, Rikki-tikki interrompeu Darzee, e o resto
da canção se perdeu.)*

TOOMAI DOS ELEFANTES

Vou recordar quem eu era, chega de cordas e correntes.

Vou recordar minha velha força e as coisas da selva de novo.

*Vou parar de alugar minhas costas aos homens por um feixe
de cana somente.*

Vou para junto dos meus, para onde vive meu povo.

Vou embora para sempre, em direção à luz da alvorada.

Deixar o vento me beijar, sentir a carícia das águas límpidas.

Vou me esquecer da argola, desvencilhar-me da estaca desgraçada.

Vou reencontrar amores perdidos e amizades queridas!

Kala Nag, nome que significa Serpente Negra, serviu durante 47 anos ao governo da Índia de todas as maneiras possíveis que um elefante poderia fazê-lo. Capturado aos vinte anos, já contava, portanto, quase sete décadas ao todo — idade bastante avançada para um elefante. Em suas memórias estava a lembrança de ter puxado um canhão atolado na lama profunda usando uma grande almofada de couro na testa. Coisa de antes da Guerra do Afeganistão de 1842, ^[19] quando ainda nem tinha atingido sua força total.

Sua mãe, Radha Pyari [Radha, a querida], capturada na mesma missão que Kala Nag, dizia desde antes de as pequenas presas de leite de seu filhote caírem que elefantes medrosos sempre acabavam feridos. Kala Nag soube que aquele era um bom conselho na primeira vez em que viu uma bomba explodir. Ao recuar amedrontado e chorando, caiu sobre uma pilha de rifles e baionetas que o espetaram nos lugares mais sensíveis. Por isso, antes dos vinte e cinco anos, ele desistiu de ter medo. Tornou-se então o mais amado e procurado elefante a serviço do governo da Índia. Assim, depois de já ter carregado mais de quinhentos quilos de tendas em uma marcha para a Índia Superior, foi içado para dentro de um navio a vapor por uma grua. Viajou dias pelo rio. Chegando ao seu destino, o fizeram levar um morteiro nas costas em um território estranho e montanhoso muito longe da Índia. Viu o imperador Teodoro II morto em Magdala. Em seguida, retornou ao vapor como candidato — assim diziam os soldados — à medalha da Guerra da Abissínia. ^[20] Dez anos mais tarde, presenciou seus amigos elefantes morrendo de frio, epilepsia, fome e insolação em um lugar chamado Ali Masjid. ^[21] Também foi mandado milhares de quilômetros para o sul para carregar e empilhar grandes vigas de madeira de lei nos campos de extração de Moulmein. ^[22] Ali, quase foi morto por um jovem elefante rebelde que tentava escapar para não trabalhar.

Por fim, foi retirado do trabalho de carregador de lenha e

colocado para atuar com outro grupo, já treinado, na captura elefantes selvagens nas colinas de Garo, na Índia. Os elefantes são motivo de bastante preocupação para o governo indiano. Há um departamento inteiro que nada mais faz além de caçá-los, capturá-los, prendê-los e mandá-los para todos os lugares do país onde sua força seja necessária.

Kala Nag media cerca de três metros e meio de altura até os ombros. Suas presas foram serradas quando tinha metade desse tamanho, depois lixadas e protegidas com tiras de cobre nas pontas para que não rachassem. Mesmo assim, ele conseguia fazer muito mais coisas com seus tocos do que qualquer outro elefante sem treino faria com presas afiadas de verdade. Após várias semanas de cuidadoso trabalho arrebanhando elefantes dispersos pelas colinas, os quarenta ou cinquenta monstros selvagens eram levados para um último depósito com um grande portão levadiço feito de toras de madeira amarradas, que rangia quando se fechava atrás deles. Kala Nag, ao ouvir a palavra de comando, entrava naquele pandemônio intenso e ensurdecido (geralmente à noite, quando as tochas tremulantes atrapalhavam a noção de distância), escolhia o maior e mais violento macho da manada, batia e o empurrava até que ficasse manso para que homens montados em outros elefantes pudessem laçar e amarrar os menores.

Quando o assunto era luta, não havia nada que Kala Nag, o velho e sábio Serpente Negra, não soubesse. Enfrentou diversos ataques de tigres. Costumava enrolar sua tromba para protegê-la e então golpeava a fera voadora no flanco, em pleno ar, derrubando-a com um rápido golpe de foice com a cabeça, que ele mesmo inventou. Na sequência, dobrava seus joelhos enormes sobre o tigre até que a vida o abandonasse com um grunhido e um suspiro. O resultado era uma coisa peluda largada no chão, que podia ser arrastada pela cauda.

— Sim — disse Grande Toomai, seu guia, filho de Negro Toomai,

que o havia acompanhado à Abissínia, e neto de Toomai dos Elefantes, que estava presente quando o capturaram —, não há nada que Serpente Negra tema além de mim. Lá se vão três de nossas gerações, alimentando e cuidando dele. Tenho certeza de que ele viverá para ver a quarta.

— Também tem medo de mim — disse Pequeno Toomai do alto de seu metro e vinte de altura, coberto apenas por um trapo.

Ele tinha dez anos e era o filho mais velho de Grande Toomai. Isso, conforme o costume, o faria tomar o lugar de seu pai sobre as costas de Kala Nag quando crescesse. Seria ele quem, no futuro, manusearia o pesado *ankus* de ferro, o atizador de elefantes, que já estava gasto pelo uso de seu pai, seu avô e seu bisavô.

O menino sabia do que estava falando, pois havia nascido sob a sombra de Kala Nag e brincado com a ponta de sua tromba antes mesmo de aprender a andar. Assim que deu os primeiros passos, aprendeu também a guiá-lo para o rio. O elefante nunca sequer pensou em desobedecer a seus comandos esganiçados ou sonhou matá-lo no dia em que Grande Toomai levantou o pequeno bebê marrom até suas presas e o ordenou que saudasse seu futuro mestre.

— Sim — disse Pequeno Toomai —, ele tem medo de mim. — Deu passos largos na direção de Kala Nag, chamando-o de velho porco gordo, fazendo-o levantar as patas, uma de cada vez. — *Uá!* Você é mesmo um grande elefante! — E sacudiu sua cabeleira, imitando o pai. — O governo pode pagar pelos elefantes, mas eles pertencem a nós, os *mahouts*.^[23] Quando você ficar velho, Kala Nag, virá um rajá rico e o comprará do governo em razão do seu tamanho e da sua educação. Você não terá que carregar mais nada além de argolas de ouro nas orelhas, um *howdah*^[24] dourado nas costas e uma manta vermelha com fios de ouro nos flancos para abrir os desfiles do rei. Estarei montado em você, grande Kala Nag, com um *ankus*^[25] de

prata. Homens correrão à nossa frente com cajados dourados gritando: “Abram alas para o elefante do rei!”. Será muito bom, Kala Nag, mas não tanto quanto esta caçada na selva.

— Hunf! — disse Grande Toomai. — Você é um menino tão selvagem quanto um bezerro de búfalo. Ficar subindo e descendo por essas colinas não é o melhor serviço que o governo oferece. Estou ficando velho e não gosto de elefantes selvagens. Gosto de fileiras rígidas de elefantes, uma baia para cada um, grandes cepos para amarrá-los em segurança, estradas planas e largas para se exercitarem, em vez desse vai e vem dos acampamentos. Os alojamentos de Cawnpore é que eram bons. Tinha mercado perto e a gente só trabalhava três horas por dia.

Pequeno Toomai lembrou-se das baias de elefantes de Cawnpore, mas não disse nada. Ele preferia muito mais a vida nas barracas e odiava aquelas estradas planas e largas; também detestava colher grama para servir de reserva de forração e passar longas horas sem ter nada o que fazer além de observar Kala Nag, impaciente, amarrado aos mourões.

O que Pequeno Toomai mais gostava era de passear por picadas no mato onde somente um elefante era capaz de trilhar; enxergar elefantes selvagens caminhando a quilômetros de distância; reparar o medo apressado do porco selvagem e do pavão sob as patas de Kala Nag; ficar sob as chuvas mornas que ofuscam a visão, quando todas as colinas e vales estão esfumaçados; experimentar a bela névoa da manhã e se surpreender com o local onde o acampamento foi montado na noite anterior; sentir o passo firme e cuidadoso dos elefantes selvagens; ouvir a tremenda disparada, estampidos e banzé durante a noite, quando os elefantes se amontoam contra a paliçada como um deslizamento de pedregulhos porque acharam que seriam capazes de escapar, empurrando e forçando os pesados postes para

depois acabarem controlados por gritos, tochas e saraivadas de tiros de festim.

Até mesmo um menino pequeno podia ser útil nesse trabalho e Toomai valia por, pelo menos, três meninos. Ele agitava sua tocha e gritava a plenos pulmões. Mas a melhor hora era mesmo quando a caminhada começava e a *keddah* ^[26] parecia o retrato do fim do mundo. Os homens usavam sinais entre si, pois não era possível ouvir uns aos outros. Pequeno Toomai escalava até o topo de uma das guaritas da paliçada trêmula. Com seus cabelos castanhos desbotados pelo sol, soltos, voando sobre seus ombros, parecia um gárgula à luz das tochas. Assim que havia uma calmaria, era possível ouvir seus gritos agudos de comando a Kala Nag, acima dos berros e grunhidos dos elefantes amarrados, dos estalos e das cordas se rompendo.

— *Mael, mael, Kala Nag!* [Vamos, vamos, Serpente Negra!] *Dant do!* [Mostre a eles a sua presa!] *Somalo! Somalo!* [Devagar, devagar!] *Maro! Mar!* [Bata, bata nele!] *Arre! Arre! Hai! Yai! Kya-a-ah!* [Cuidado com o poste!] — gritava e a grande luta entre Kala Nag e o elefante selvagem oscilava para a frente e para trás dentro da *keddah*. Os velhos caçadores de elefante limpavam o suor dos olhos e ainda conseguiam acenar para o Pequeno Toomai, que se equilibrava, feliz, no topo dos postes.

Aquele trabalho não exigia apenas equilíbrio. Uma noite, Pequeno Toomai escorregou do poste e se embrenhou debaixo dos elefantes para arremessar a ponta solta de uma corda que havia caído para um guia que tentava segurar a perna de um novilho rebelde (novilhos sempre dão mais trabalho do que animais já adultos). Kala Nag o viu, pegou-o com a sua tromba e o entregou a Grande Toomai, que lhe deu uns tapas e o colocou de volta no poste.

Na manhã seguinte, levou uma bronca do pai:

— Não bastam as baias de tijolos e cuidar das tendas? Você precisa

se arriscar sozinho com os elefantes, seu pequeno inútil? Agora esses caçadores idiotas, que ganham menos que eu, vão contar o que aconteceu a Petersen Sahib.

Pequeno Toomai ficou apavorado. Ele não sabia muito sobre homens brancos, mas achava que Petersen Sahib era o homem branco mais importante do mundo. Tratava-se do chefe de todas as operações das *keddahs*, responsável por capturar todos os elefantes para o governo da Índia. Ele sabia mais sobre os costumes dos elefantes do que qualquer pessoa viva.

— Mas o que... o que aconteceu? — disse Pequeno Toomai.

— O que aconteceu? O pior que poderia acontecer. Petersen Sahib é louco. Se não fosse, por que sairia caçando esses demônios selvagens? Ele pode até alistar você como caçador de elefantes, para dormir no meio dessas selvas cheias de febres e, por fim, acabar pisoteado e morto na *keddah*. Duvido que essa loucura termine bem. Na próxima semana, a temporada de caça acabará, e nós, das planícies, seremos mandados de volta aos nossos postos. Marcharemos por estradas planas e nos esqueceremos dessa caçada. Estou furioso porque você se meteu em um negócio que é só desse povo sujo da selva, os assameses. ^[27] Kala Nag só obedece a mim e mais ninguém, por isso sou obrigado a entrar na *keddah*, mas, como ele é apenas um elefante de briga, não me ajuda a prender os outros. Assim, fico sentado como deve fazer um *mahout*, pois não sou um simples caçador. Um *mahout*, ouça bem, é um homem que ganha seu salário mesmo quando se aposenta. É o destino da família Toomai dos Elefantes morrer debaixo de patas no chão sujo de uma *keddah*? Não, senhor! Desobediente! Filho imprestável! Dê banho em Kala Nag, cuide de suas orelhas, veja se não está com espinhos nas patas. Se você não fizer isso, Petersen Sahib certamente vai transformá-lo em um caçador selvagem, um perseguidor de pegadas de elefantes, um urso da floresta. Bah! Que vergonha! Suma!

Pequeno Toomai se foi sem dizer nada, mas contou a Kala Nag todas as suas mágoas enquanto examinava seus pés:

— Tudo bem — disse Pequeno Toomai levantando a borda da grande orelha direita de Kala Nag. — Falaram meu nome para Petersen Sahib e, talvez... talvez, talvez... quem sabe? Nossa! Veja que espinho enorme acabei de tirar!

Os próximos dias serviram para juntar os elefantes. Os selvagens recém-capturados andaram para cima e para baixo entre outros já domados para que não oferecessem muito trabalho na marcha montanha abaixo, para as planícies, e também para contar as lonas, cordas e outras coisas que se estragam ou se perdem pela floresta.

Petersen Sahib entrou montado em sua esperta elefante fêmea Pudmini; já havia feito pagamentos em outros campos nas montanhas, pois a temporada estava chegando ao fim, e colocou um funcionário nativo numa mesa debaixo da árvore para entregar os salários aos condutores. Cada homem pegava seu dinheiro e voltava até seu elefante, juntando-se à fila que esperava o início da marcha. Os rastreadores, caçadores, batedores e empregados da *keddah*, que ficavam na selva anos a fio, sentavam-se sobre os elefantes da força permanente de Petersen Sahib ou se encostavam nas árvores segurando suas armas, riam dos guias que estavam partindo, gargalhando quando um elefante recém-capturado saía correndo da fila sem rumo.

Grande Toomai foi até o funcionário com Pequeno Toomai atrás dele. Machua Appa, o rastreador-chefe, disse baixo para um de seus amigos:

— Ali vai um promissor aprendiz de caçador. Uma pena mandar esse jovem galinho de briga para ser domesticado nas planícies.

Petersen Sahib tinha orelhas por todo o corpo, pois é um homem que precisa ouvir até a mais silenciosa das criaturas — o elefante

selvagem. Ele se virou de onde estava, deitado sobre o dorso de Pudmini, e disse:

— Como é? Não conheço homem nenhum entre os guias das planícies que tenha experiência para amarrar sequer um elefante morto.

— Não é um homem. É só um menino. Ele entrou na *keddah* na última arrebanhada e lançou a corda para Barmao, quando estávamos apartando da mãe o novilho com mancha nas costas.

Machua Appa apontou para Pequeno Toomai, Petersen Sahib olhou para ele e o menino se curvou até o chão.

— Ele jogou a corda? Ele é menor do que um mourão. Pequenino, qual é o seu nome? — disse Petersen Sahib.

Pequeno Toomai ficou assustado demais para falar. Kala Nag estava logo atrás dele, e Toomai fez um sinal com a mão. O elefante o pegou com a tromba e o levantou até a altura da testa de Pudmini, em frente ao grande Petersen Sahib. Pequeno Toomai cobriu seu rosto com as mãos. Ele era apenas uma criança e, exceto quando se tratava de elefantes, era tímido como qualquer outra criança.

— Uh-hum! — disse Petersen Sahib rindo sob seu bigode. — E por que você ensinou esse truque ao seu elefante? É para roubar milho verde do telhado das casas quando as espigas estão secando?

— Milho verde, não, Protetor dos Pobres... melões — disse Pequeno Toomai, e todos os homens sentados caíram numa ruidosa gargalhada.

A maioria deles tinha ensinado esse truque aos seus elefantes quando eram meninos. Pequeno Toomai estava pendurado a mais de dois metros de altura, mas preferia estar dois metros abaixo da terra.

— Ele é Toomai, meu filho, Sahib — disse Grande Toomai com uma carranca. — É um menino muito danado e vai acabar na cadeia,

Sahib.

— Disso eu duvido — disse Petersen Sahib. — Um menino que encara uma *keddah* cheia nessa idade nunca acaba na cadeia. Olhe, pequenino, tome aqui quatro *annas* ^[28] para comprar guloseimas, porque você tem uma boa cabeça debaixo dessa sua cabeleira. Com o tempo você se tornará um caçador também. — E a carranca de Grande Toomai ficou ainda mais feia. — Mas lembre-se de que a *keddah* não é lugar para uma criança brincar — completou Petersen Sahib.

— Então nunca mais posso entrar lá, Sahib? — perguntou Pequeno Toomai engasgando.

— Pode — Petersen Sahib sorriu novamente. — Mas só depois de ter visto a dança dos elefantes. Aí, sim, será a hora certa. Venha me procurar quando já tiver visto a dança dos elefantes e o deixarei entrar em todas as *keddahs*.

Houve outra rodada de gargalhadas. Aquela era uma velha piada dos caçadores de elefantes — significava que tal situação jamais aconteceria. Há grandes clareiras escondidas nas florestas, chamadas de “salões de festas”, mas mesmo estas não são encontradas por acidente. Porém nenhum homem jamais viu os elefantes dançando. Quando um guia se vangloria de suas habilidades e bravura, os outros guias perguntam, em tom de deboche, quando e onde foi que ele viu a dança dos elefantes.

O elefante baixou Pequeno Toomai, que se curvou novamente e foi com seu pai. Ele deu as quatro *annas* de prata para sua mãe, que cuidava de seu irmãozinho bebê. Todos subiram nas costas de Kala Nag e a fila de elefantes, barrindo e berrando, foi descendo a trilha da colina rumo às planícies. Era uma marcha bem festiva em função dos novos elefantes que davam trabalho a cada travessia de riachos e precisavam ser persuadidos ou apanhavam toda hora.

Grande Toomai incitou Kala Nag maldosamente, pois estava furioso, enquanto Pequeno Toomai continuou feliz demais para falar. Petersen Sahib o havia notado e lhe dado dinheiro. Estava se sentindo como um soldado contratado se sente quando é chamado das fileiras e elogiado pelo comandante-chefe.

— O que Petersen Sahib quis dizer com a dança dos elefantes? — perguntou carinhosamente para sua mãe.

Seu pai ouviu e grunhiu:

— Que você nunca deverá ser um desses búfalos da montanha que seguem rastros. Foi isso o que ele quis dizer. Ei, você aí na frente, o que está impedindo o caminho?

Um condutor assamês, dois ou três elefantes adiante, virou-se com raiva, gritando:

— Traga Kala Nag aqui e dê um jeito para que este meu novilho se comporte. Por que Petersen Sahib me escolheu para descer com esses asnos para os campos de arroz? Traga a sua fera para cá, Toomai, e que ele o espete com suas presas. Por todos os deuses das colinas, esses elefantes novatos estão possuídos! Ou isso ou estão sentindo o cheiro de seus amigos na selva.

Kala Nag bateu nas costelas do elefante indomado com tanta força que o deixou sem ar. Grande Toomai disse:

— Nós varremos todos os elefantes selvagens das colinas na última caçada. Deve ser culpa da sua má condução. Preciso colocar ordem na fila toda?

— Ouçam só! — disse outro guia. — Varremos as colinas! Ho! Ho! Vocês das planícies são mesmo muito sábios. Qualquer um, exceto um cabeça de barro que nunca esteve na selva, percebe que eles sabem que as capturas da temporada terminaram. É por isso que esta noite

todos os elefantes selvagens irão... Mas, oras, por qual motivo estou gastando a minha sabedoria com um cágado?

— Eles irão o quê? — gritou Pequeno Toomai.

— Olá, pequenino. Então está aí? Explico pra você porque sua cabeça ainda é fresca. Eles vão dançar e seu pai, que varreu todos os elefantes das colinas, precisa ficar atento, pois terá de usar o dobro de correntes esta noite.

— Que conversa é essa? — disse Grande Toomai. — Por quarenta anos, pai e filho cuidaram dos elefantes e nunca ouvimos nada dessa baboseira de dança.

— Sim, mas vocês que vivem em cabanas nas planícies só conhecem as quatro paredes da cabana. Experimente deixar seus elefantes soltos hoje à noite e veja no que dá. Quanto à dança, eu já vi um lugar que... Rapaz! Quantas curvas tem o rio Dihang? Lá vem outro riacho, e vamos ter que fazer os novinhos nadar. Alto, vocês aí atrás!

Assim, falando, discutindo e espirrando água para os lados, fizeram sua primeira marcha para uma espécie de acampamento de adaptação para novos elefantes. Porém, perderam a paciência entre si muito antes de chegarem lá.

Ali, acorrentaram as patas traseiras dos elefantes a grandes toras enterradas no chão. Cordas extras foram ajustadas para os animais novatos. Empilharam a forragem na frente deles e os guias das colinas voltaram para Petersen Sahib banhados pela luz da tarde, pedindo aos condutores das planícies para redobrar a atenção naquela noite. Foram embora rindo, enquanto os condutores das planícies se perguntavam o porquê.

Pequeno Toomai cuidou da ceia de Kala Nag ao cair da noite, vagou pelo acampamento completamente feliz em busca de um tom-tom — um tambor tocado com a palma da mão. Quando o coração de

uma criança indiana está completo, ela não sai correndo e fazendo bagunça mais do que o normal. Ela se senta e fica brincando sozinha. Pequeno Toomai tinha recebido a atenção de Petersen Sahib! Se não tivesse encontrado o que procurava, talvez ficasse doente, mas o vendedor de doces do acampamento emprestou a ele um pequeno tom-tom. Ele sentou-se de pernas cruzadas diante de Kala Nag, enquanto as estrelas começavam a despontar. Com o tom-tom no colo bateu, bateu e bateu. Quanto mais pensava na imensa honra recebida, mais batia. Estava totalmente sozinho entre a forragem dos elefantes. Não havia ritmo ou letra, mas as batidas o deixavam feliz.

Os elefantes novatos esticavam as cordas, berravam e barriam de tempos em tempos. Ele ouvia sua mãe na barraca do acampamento colocando seu irmãozinho para dormir com uma canção muito antiga sobre o grande deus Shiva, que uma vez contou a todos os animais o que deviam comer. É uma canção de ninar muito tranquilizante. Seus primeiros versos dizem:

Shiva, que espalhou a colheita e fez o vento soprar,

Sentado na soleira, um dia, muito tempo atrás,

Comida, trabalho e destino, deu a cada um sua porção,

Do rei em seu trono ao mendigo no portão,

Todas as coisas fez Shiva, o Provedor.

Mahadeo! ^[29] Mahadeo! Ele fez tudo...

Cacto para o camelo, forragem para o gado,

E a mãe-terra para descansarmos a cabeça, meu filho amado!

Pequeno Toomai entrava com seu alegre batuque no final de cada verso. Fez isso até sentir sono e se esticar sobre a forragem ao lado de

Kala Nag. Enfim, os elefantes começaram a se deitar, um após o outro, como é seu costume, até restar somente Kala Nag em pé, do lado direito da fila. Ele abanou vagorosamente suas orelhas de um lado para o outro, projetando-as para a frente para ouvir o vento da noite que soprava mansinho pelas colinas. O ar estava cheio de todos os sons da noite, que, quando juntos, criam um grande e único silêncio — o estalar de uma vara de bambu contra outra, o ruído de algo vivo sob a vegetação rasteira, o pio e o grasnar de um pássaro ainda ensonado (pássaros acordam à noite muito mais frequentemente do que se imagina) e uma queda-d'água bem ao longe. Pequeno Toomai dormiu por algum tempo. Quando acordou, a luz da lua brilhava e Kala Nag ainda estava em pé com as orelhas inclinadas. Pequeno Toomai virou-se, fazendo farfalhar a forragem, observando a curva daquelas grandes costas cobrindo metade das estrelas no céu. Enquanto olhava, ouviu ao longe o que parecia um barulhinho de nada picotando aquela quietude. Era o lamento de um elefante selvagem.

Toda a fila de elefantes ficou em pé de um salto como se tivessem levado um tiro. Seus grunhidos acordaram os *mahouts*. Todos vieram e afundaram ainda mais as estacas com grandes marretas, apertaram os nós das cordas até que tudo voltou a ficar quieto. Um elefante quase desenterrou sua estaca. Por isso, Grande Toomai tirou a corrente da perna de Kala Nag e a passou em todas as patas do outro elefante. Em seguida, fez um laço de trança de capim ao redor da perna de Kala Nag e disse a ele para lembrar-se de que estava firmemente amarrado. Era um costume de família repetir exatamente a mesma coisa no intuito de treinar o animal. Kala Nag não respondeu à ordem gorgolejando, como sempre fazia. Só ficou ali, parado, olhando a luz da lua ao longe, com sua cabeça elevada e as orelhas abertas como leques, apontando para a grande vastidão das colinas de Garo.

— Cuide dele caso fique arredio durante a noite — disse Grande Toomai para seu filho. Depois, se recolheu em sua barraca.

O menino estava pronto para ir dormir também quando ouviu as ramas da corda se rompendo com um estalo. Kala Nag se livrou de suas estacas tão devagar e silencioso quanto uma nuvem se afasta da boca de um vale. Pequeno Toomai tiritou atrás dele pela estrada enluarada, descalço, chamando-o baixinho:

— Kala Nag! Kala Nag! Me leve com você, grande Kala Nag!

O elefante virou-se sem fazer nenhum som, deu três grandes passos para trás na direção do menino, baixou a tromba e o jogou para cima de sua nuca. E antes que Pequeno Toomai tivesse firmado seus joelhos, já haviam adentrado a floresta.

Houve uma explosão furiosa de barridos nas filas, então o silêncio tomou conta de tudo e Kala Nag começou a marchar. Às vezes, uma touceira de mato alto lambia os lados como ondas batendo no casco de um navio; outras, um cacho de pimenta-brava raspava suas costas ou um bambu rangia quando seu ombro o tocava. Entre um som e outro, o elefante se movia em absoluto silêncio, navegando por entre a densa floresta de Garo como se fosse fumaça. Ele subia a colina, mas embora Pequeno Toomai observasse as estrelas por entre as frestas dos galhos, era impossível saber em qual direção.

Quando Kala Nag chegou ao topo da subida, parou um instante. Pequeno Toomai pôde então ver o pálio das árvores todo salpicado e felpudo sob o luar se estendendo por quilômetros e quilômetros. A neblina branca azulada cobria o côncavo do rio. Toomai se inclinou para ver mais longe e sentiu que a floresta estava desperta abaixo dele — desperta, viva e cheia. Um grande morcego comedor de frutas passou roçando os pelos em sua orelha, enquanto os espinhos do porco-espinho raspavam no matagal. Por entre a escuridão dos caules

das árvores, ouviu o urso fuçando a terra úmida e morna com força, farejando enquanto cavava.

A grama começou a ficar úmida onde Kala Nag pisava, as patas faziam um som de sucção na lama quando subiam de novo e a névoa da noite no fundo do vale quase congelou Pequeno Toomai. A água espirrava sob as patas. Depois, houve um grande mergulho na correnteza do rio. Kala Nag marchava pelo leito tateando o solo lamacento. Acima do barulho das águas, o som de um redemoinho em volta das pernas do elefante. Pequeno Toomai ouvia os borrifos e outros barridos tanto rio acima quanto abaixo. Grunhidos, espirros enormes, e a névoa sobre ele parecia cheia de movimento e sombras ondulantes.

— Ai! — disse ele em voz alta, batendo os dentes. — O Povo Elefante saiu de casa hoje. Deve ser a dança, então!

Kala Nag sacudiu-se fora d'água, assoou sua tromba e começou nova escalada. Desta vez não estava só e nem precisou abrir seu próprio caminho. Já havia uma trilha de dois metros de largura adiante, na qual o mato da selva tentava se recuperar e voltar a ficar em pé, pois muitos elefantes deviam ter passado por ali nos últimos minutos. Pequeno Toomai olhou para trás e viu que um grande selvagem, com longos marfins e olhinhos de porco brilhando como brasas, se levantava do rio enevoadado. Então as árvores se fecharam novamente e continuaram seu caminho para cima, trombeteando e trombando ao barulho de galhos quebrados por todos os lados.

Enfim, Kala Nag parou entre dois troncos no topo da colina. Faziam parte de um círculo de árvores que cresceu em volta de um espaço irregular, de cerca de três ou quatro acres. Pequeno Toomai pôde ver que o chão daquela clareira havia sido tão pisoteado que parecia ser de tijolos. Algumas árvores haviam crescido no centro da clareira, mas tiveram suas cascas raspadas, deixando à mostra a madeira branca, brilhante e polida contra o luar. Longos cipós e sinos

das flores das trepadeiras — grandes coisas brancas leitosas como convólulos — pareciam adormecidos, pendendo dos galhos mais altos. Dentro dos limites da clareira, não havia sequer uma folha verde — nada além da terra batida.

O luar dava uma tonalidade cinza metálico a tudo, exceto às sombras negras como nanquim dos elefantes parados ali. Pequeno Toomai olhou, prendeu a respiração com os olhos muito arregalados e, enquanto observava, mais e mais elefantes chegavam por entre as árvores com seu caminhar ondulante. Pequeno Toomai só sabia contar até dez. Contou várias vezes com seus dedos até perder a conta de quantos dez e sua cabeça começou a girar. Fora da clareira, ele podia ouvir o pisotear na mata, abrindo caminho para que outros subissem a colina; assim que adentravam o círculo de troncos de árvores, passavam a se mover como fantasmas.

Muitos machos selvagens com seus marfins brancos cheios de folhas, castanhas e gravetos caídos presos nas rugas de suas nuca e dobras de suas orelhas; fêmeas gordas e vagarosas com seus pequenos novilhos, rosados e negros, de menos de um metro de altura, correndo por baixo da barriga delas; jovens elefantes cujas presas começavam a nascer, muito orgulhosos delas; elefantas mais velhas, magras, de semblantes caídos e peles enrugadas como as cascas ressecadas das árvores; velhos elefantes machos selvagens com cicatrizes que iam da orelha até o quadril, vergões e cortes de lutas passadas e barro seco dos banhos de lama solitários caindo dos ombros; e havia um com a presa quebrada e uma cicatriz em forma de arco, certamente fruto das garras de um ataque feroz de tigre em sua coxa.

Todos estavam parados, frente a frente, ou andando por todos os lados sobre o chão, em duplas, ou se balançando e bamboleando sozinhos — dezenas e dezenas de elefantes.

Toomai sabia que enquanto ficasse quieto sobre a nuca de Kala

Nag nada aconteceria a ele porque, mesmo na pressa e no atropelo ao guiar um elefante selvagem em uma *keddah*, eles não levantam suas trombas para arrancar um homem do dorso de um elefante domado. Outra coisa: esses elefantes não estavam pensando nos homens naquela noite. Em certo momento, projetaram suas orelhas para a frente ao ouvir o retinir de uma corrente na floresta, mas era Pudmini, a elefanta de estimação de Petersen Sahib, com seu grilhão rompido ainda pendendo em volta da perna, grunhindo e fungando ao subir a colina. Pareceu ter arrancado suas estacas para fugir do acampamento de Petersen Sahib. Pequeno Toomai também viu outro elefante, um que ele não conhecia, com profundas escoriações causadas por cordas nas costas e no peito. Ele também devia ter fugido de algum acampamento ali pelas colinas.

Finalmente, não havia mais o som de nenhum elefante se movendo pela floresta. Kala Nag deixou seu posto entre as árvores e foi para o meio da multidão, estalando a boca e gorgolejando. Todo o grupo passou a se movimentar e conversar em sua própria língua.

Ainda deitado de bruços, Pequeno Toomai olhou para baixo e viu dezenas e dezenas de grandes dorsos, orelhas abanando, trombas sacudindo e pequenos olhos se revirando. Ouviu o som de presas se chocando por acidente e o roçar seco de trombas se enrolando, a fricção dos corpos e ombros imensos na multidão e o abanar insistente das caudas. Então, quando uma nuvem cobriu a lua, ele sentou-se na escuridão completa. Era possível ver elefantes ao redor de Kala Nag. Ele sabia que jamais conseguiria fazê-lo abandonar essa reunião. Por isso, travou os dentes num calafrio. Pelo menos em uma *keddah* havia tochas e comandos, mas aqui ele estava sozinho, no escuro. Em determinado momento, uma tromba se levantou e tocou o seu joelho.

Foi quando um elefante barriu e todos o acompanharam por terríveis cinco ou dez segundos. O orvalho das árvores despencou

como chuva sobre os dorsos camuflados pelas sombras. Nesse momento, um som crescente e repetitivo começou. Não era muito alto no começo. Pequeno Toomai não sabia o que significava. O rumor aumentou cada vez mais até que Kala Nag levantou uma das patas dianteiras, depois a outra e bateu as duas de uma vez no chão — um-dois, um-dois, firme como uma bigorna. Os elefantes passaram a pisar todos juntos, soando como um tambor de guerra tocado na boca de uma caverna. O orvalho caiu das árvores até não haver mais gotas. O pisoteio continuou e o chão balançou e tremeu. Pequeno Toomai protegeu suas orelhas com as mãos para abafar o som. O abalo percorreu todo o seu corpo — eram centenas de patas pesadas batendo na terra nua. Uma vez, outra. Sentiu Kala Nag e o grupo se adiantando alguns passos. As batidas mudavam com o som de coisas verdes e suculentas sendo esmagadas e destruídas. Um minuto depois o barulho de patas batendo em terra dura voltava. Uma árvore estava rachando e gemendo ali perto. Ele esticou o braço e alcançou a casca, mas Kala Nag se moveu para a frente, sempre pisando forte. Já não sabia mais dizer em que lugar da clareira estavam. Os elefantes não faziam nenhum som, exceto dois ou três pequenos novilhos que guinchavam juntos. Foi quando ouviu um ruído surdo, um silêncio e as batidas continuaram. Aquilo durou umas duas horas e, apesar de já estar todo dolorido, Pequeno Toomai sabia pelo aroma do ar noturno que a alvorada estava chegando.

A manhã veio com uma camada amarelo-claro por trás das colinas verdejantes. O ressoar parou ao primeiro raio, como se a luz tivesse dado uma ordem. Antes que o eco abandonasse a cabeça de Pequeno Toomai, ou que ele pudesse mudar de posição, não havia mais nenhum elefante à vista, exceto Kala Nag, Pudmini e o elefante com os vergões. Findaram os sons de folhagens ou sussurros nas encostas da colina. Nenhuma pista do paradeiro dos outros elefantes.

Pequeno Toomai olhou várias vezes. A clareira, como ele se

lembrava, tinha se expandido durante a noite. Ainda restavam árvores no meio dela, mas a vegetação rasteira e o mato da selva ao redor foram completamente pisoteados. Pequeno Toomai observou mais uma vez e agora conseguia entender melhor o pisoteio. Os elefantes abriram mais espaço com suas patas — tinham pisoteado o mato denso e as canas-de-açúcar até esmagá-los. Os restos viraram retalho, os retalhos viraram fibras e as fibras viraram terra dura.

— Uau! — disse Pequeno Toomai com olhos pesados. — Kala Nag, meu senhor, vamos acompanhar Pudmini até o acampamento de Petersen Sahib. Estou morto de cansaço.

O terceiro elefante os observou indo embora, resfolegou e virou na direção contrária, tomando seu caminho. Talvez pertencesse a algum rei nativo de uma pequena tribo a oitenta, cem quilômetros dali.

Duas horas depois, quando Petersen Sahib tomava seu café da manhã, seus elefantes, que tinham sido duplamente acorrentados naquela noite, começaram a barrir. Pudmini e Kala Nag, com lama até os ombros e pés inchados, desfilaram acampamento adentro. O rosto de Pequeno Toomai estava acinzentado e cansado, seu cabelo cheio de folhas e ensopado de orvalho, mas tentou saudar Petersen Sahib gritando, enfraquecido:

— A dança... a dança dos elefantes! Eu estava lá e... eu morri!

Kala Nag sentou-se e ele deslizou pelo pescoço do elefante, desmaiado.

No entanto, crianças nativas têm vigor digno de nota. Em duas horas Pequeno Toomai já estava bem contente, deitado na rede com a jaqueta de caça de Petersen Sahib dobrada sob sua cabeça, preparado para tomar um copo de leite morno com um pouco de conhaque e uma pitada de quinino. Os velhos caçadores da selva, cabeludos e amedrontados, estavam sentados a um metro dele, olhando-o como

se fosse um fantasma. Ele então contou sua história resumidamente, como é costume das crianças. Sua fala acabou assim:

— Se eu menti em alguma palavra, mande seus homens e verão que o Povo Elefante pisoteou ainda mais o território do seu salão de baile. Quem for até lá vai encontrar dez e mais dez e muitas vezes dez rastros de elefante de todo tipo. Eles abriram mais espaço com os pés. Eu mesmo vi. Kala Nag me levou e eu vi. Vejam como Kala Nag está com as patas cansadas.

Pequeno Toomai deitou-se e dormiu aquela tarde inteira até o pôr do sol. Enquanto ele dormia, Petersen Sahib e Machua Appa seguiram os rastros dos dois elefantes por vinte e cinco quilômetros colina acima. Petersen Sahib caçava elefantes havia dezoito anos. Somente uma vez encontrou um local de dança assim. Machua Appa nem precisou olhar duas vezes para a clareira ou raspar o dedo na terra amassada para entender o que acontecera ali.

— A criança diz a verdade — constatou. — Isto aqui foi feito na noite passada. Já contei setenta rastros cruzando o rio. Veja, Sahib, a corrente de Pudmini raspou a casca daquela árvore! Sim, ela também esteve aqui.

Eles se entreolharam de cima a baixo e ficaram sem fala, pois os costumes dos elefantes estão além da compreensão de qualquer homem, branco ou negro.

— Por quarenta e cinco anos — disse Machua Appa —, segui meu senhor, o elefante, mas nunca ouvi dizer que o filho de um homem tenha visto o que essa criança viu. Por todos os deuses das montanhas, isto é... não sei nem o que dizer... — e balançou a cabeça.

Quando voltaram ao acampamento, já era hora da janta. Petersen Sahib comeu sozinho em sua tenda, mas deu ordens para que assassem dois carneiros e algumas galinhas, além de ração em dobro de farinha, arroz e sal. Ele sabia que o evento merecia um banquete.

Grande Toomai veio apressado de seu acampamento nas planícies em busca de seu filho e seu elefante. Quando o encontrou, olhou para os dois como se tivesse medo. Foi oferecido um banquete com grandes fogueiras em frente às filas dos elefantes presos. Pequeno Toomai foi tratado como herói. Os grandes caçadores morenos, os rastreadores, os condutores, os amarradores e os homens que sabiam todos os segredos para domar o mais selvagem dos elefantes passaram o menino de mão em mão e marcaram a sua testa com o sangue do coração de um galo-do-mato recém-morto para mostrar que ele era digno da floresta, alguém iniciado e livre para correr por todas as selvas.

No final, quando as fogueiras se apagaram e a luz vermelha da lenha fez parecer que os elefantes também estavam mergulhados em sangue, Machua Appa, chefe de todos os guias de todas as *keddahs* — Machua Appa, alter-ego de Petersen Sahib, aquele que não via uma estrada comum há quarenta anos; Machua Appa, que de tão importante não possuía outro nome senão Machua Appa —, levantou de um salto, com Pequeno Toomai suspenso sobre sua cabeça, e gritou:

— Ouçam todos, meus irmãos. Ouçam também meus senhores nas filas, porque eu, Machua Appa, estou falando! Este pequenino não deve mais ser chamado de Pequeno Toomai, mas sim de Toomai dos Elefantes, assim como seu tataravô foi chamado antes dele. O que nenhum homem viu antes, ele presenciou ao longo de uma noite inteira. Rogo para que a proteção do Povo Elefante e dos deuses das selvas o acompanhem. Ele se tornará um grande rastreador. Ele se tornará melhor do que eu, Machua Appa! Será capaz de percorrer todo tipo de caminho com os olhos límpidos! Não será ferido na *keddah* quando correr por baixo das barrigas para laçar os selvagens com presas. Caso escorregue diante dos pés de um elefante macho em disparada, o elefante saberá quem ele é e não o esmagará. *Aihai!* Meus

senhores acorrentados — e o girou para a fila de estacas —, aqui está o pequenino que viu sua dança em seu esconderijo, coisa que nenhum homem jamais viu! Prestem sua homenagem, meus senhores! *Salaam karo*, minhas crianças. Saúdem Toomai dos Elefantes! *Gunga Pershad, ahaa! Hira Guj, Birchi Guj, Kuttar Guj, ahaa!* Pudmini, você o viu na dança. Você também, Kala Nag, minha pérola entre os elefantes! *Ahaa ! Juntos! A Toomai dos Elefantes! Barrao !*

Em um último brado selvagem toda a fila curvou as trombas para cima até as pontas tocarem suas cabeças. Dispararam então uma saudação incrível — como uma estrondosa orquestra de trombetas digna do vice-rei da Índia. Era a gloriosa saudação da keddah.

Tudo isso aconteceu em homenagem ao Pequeno Toomai, que presenciou algo jamais visto pelo homem: a dança noturna dos elefantes, sozinho, no coração das colinas de Garo!

SHIVA E O GAFANHOTO

A canção que a mãe de Toomai cantou para o bebê.

Shiva, que espalhou a colheita e fez o vento soprar,

Sentado na soleira, um dia, muito tempo atrás,

Comida, trabalho e destino, deu a cada um sua porção,

Do rei em seu trono ao mendigo no portão,

Todas as coisas fez Shiva, o Provedor.

Mahadeo! Mahadeo! Ele fez tudo.

Cacto para o camelo, forragem para o gado,

E a mãe-terra para descansarmos a cabeça, meu filho amado!

Deu trigo aos ricos e painço aos pobres,

Restos de comida aos santos, os verdadeiros nobres;

Deu caça ao tigre e, ao milhafre, carne apodrecida,

Sobras e ossos aos lobos perdidos e sem guarida.

*Nada encontrou que fosse elevado ou baixo demais.
Parbati, a seu lado, acompanhou o ir e vir dos animais;
Mas enganou seu marido, fazendo-o de tolo.
Roubou o pequeno gafanhoto e o escondeu em seu colo.
E assim enganou Shiva, o Provedor.
Mahadeo! Mahadeo! Olhe e veja.
Altos são os camelos e pesado é o gado,
Mas este era o Menor de Todos, meu filho amado!*

*Ela sorriu e disse quando a partilha terminou,
“Senhor, dentre milhões, algum não se alimentou?”.
Rindo, Shiva respondeu: “Todos tiveram sua parcela,
Até ele, o pequenino escondido perto da sua costela”.
De seu peito, a ladra Parbati o tirou,
Viu que o Menor de Todos uma folha novinha ganhou!
Viu e temeu, maravilhada, orando a Shiva,
Que certamente havia alimentado cada criatura viva.
Todas as coisas fez Shiva, o Provedor.
Mahadeo! Mahadeo! Ele fez tudo.
Cacto para o camelo, forragem para o gado,
E coração de mãe para encostar sua cabeça, meu filho amado!*

OS SERVOS DE SUA MAJESTADE

Você pode usar fração ou uma simples regra de três para dirimir,

Uma vez que Tweedle-dum não faz igual a Tweedle-dee.

Você pode torcer, você pode virar e você pode brincar até cair,

Uma vez que Winkie Pop não faz igual a Pilly Winky!

Chovia pesado havia um mês sobre um acampamento de trinta mil homens, milhares de camelos, elefantes, cavalos, bois e burros. Todos reunidos em um lugar chamado Rawal Pindi para que o vice-rei da Índia os passasse em revista. Tudo isso em razão da visita do emir do Afeganistão — rei selvagem de um país selvagem. O emir trouxe consigo um corpo de guarda de oitocentos homens e cavalos que nunca tinham visto um acampamento ou uma locomotiva na vida — homens e cavalos selvagens, vindos de algum lugar dos confins da Ásia Central. Era certo que todas as noites uma turba desses cavalos se soltaria, fazendo uma algazarra por todos os cantos do acampamento, galopando na lama às escuras. Os camelos também acabariam se libertando assustados, tropeçando nas amarras das tendas. Posto isso, imagine que agradável era tentar dormir para os soldados. Minha tenda ficava bem longe das fileiras dos camelos. Achei que estava seguro. Porém, uma noite, alguém meteu a cabeça para dentro e gritou:

— Saia rápido! Eles estão vindo! Minha tenda já era!

Eu sabia quem eram “eles”, por isso calcei minhas botas, vesti meu impermeável e corri para o lado do lado de fora. Raposinha, minha fox terrier, saiu pelo outro lado. Ouviu-se um berro, um grunhido, um gargarejo e a tenda afundou. O mastro se rompeu e começou a dançar como um fantasma ensandecido. O invasor era um camelo. Apesar de estar todo molhado e furioso como eu estava, não consegui segurar uma sonora gargalhada. Em seguida, saí dali disparado porque não fazia ideia de quantos camelos podiam estar soltos. Num piscar de olhos, estava distante do acampamento, arrastando meus pés pela lama.

Em dado momento, tropecei na carroçaria de um canhão e assim percebi que estava próximo às fileiras de artilharia, onde ficavam os armamentos. Debaixo da garoa e no escuro, querendo evitar acabar enlameado, coloquei meu impermeável sobre o bocal de um canhão,

fazendo uma espécie de barraca com duas ou três varas que encontrei. Deitei-me sobre a traseira de outro canhão, imaginando onde Raposinha estaria e, inclusive, onde eu mesmo estava.

Quando me preparava para dormir, ouvi o tilintar de arreios e um ronco. Nesse momento, um burro passou por mim sacudindo as orelhas. Era da bateria das tarraxas, dado que ouvi o chacoalhar das tiras, argolas, correntes e penduricalhos em sua sela. As tarraxas são pequenos canhões de duas peças rosqueadas juntas quando chega a hora de usá-los. São puxados para as montanhas, onde quer que os burros possam encontrar uma trilha, e são muito úteis em batalhas de terreno acidentado.

Atrás do burro vinha um camelo, espirrando e escorregando na lama com suas patas enormes e macias. Seu pescoço ia para a frente e para trás como uma galinha perdida. Por sorte eu tinha aprendido com nativos o suficiente da língua dos animais — não a dos animais selvagens, mas a dos animais de acampamento, é claro — para entender o que ele dizia.

Devia ter sido o mesmo que desmoronou minha tenda, porque perguntou ao burro:

— O que eu faço? Pra onde vou? Briguei com uma coisa branca que balançava e ela me bateu com um pau na cabeça. (O que devia ser o mastro quebrado da minha tenda.) Vamos continuar correndo?

— Ah, então foi você — disse o burro. — Você e seus amigos ficam perturbando o acampamento! É certo que vão castigá-lo pela manhã. Mas posso adiantar uma lembrancinha pra você.

Ouvi os penduricalhos tilintando quando o burro se afastou e acertou o camelo com dois coices nas costelas, que ressoaram feito um tambor.

— Da próxima vez — disse —, antes de passar correndo pela bateria de burros à noite berrando: “Ladrões! Fogo!”, sente-se e fique

com esse seu pescoço quieto.

O camelo curvou-se ao estilo dos camelos, igual uma régua de pedreiro, e sentou choramingando. Ouviu-se o som regular de cascos na escuridão. Um grande cavalo de tropa apareceu galopando como se estivesse em um desfile. Pulou por sobre uma traseira de canhão e aterrissou próximo ao burro.

— Que desgraça! — disse, assoando suas narinas. — Esses camelos bagunçaram as fileiras novamente... é a terceira vez esta semana. Como é que um cavalo pode se manter em boas condições se não pode dormir? Quem é você?

— Sou o burro da parte da culatra do canhão número dois da Primeira Bateria das Tarraxas — disse — Este aqui é um dos seus amigos. Ele também me acordou. E você?

— Número quinze, tropa E, Nona dos Lanceiros, cavalo de Dick Cunliffe.

— Peço mil desculpas — disse o burro. — Está difícil enxergar nesse breu. Esses camelos são muito repugnantes, não é? Por isso saí das minhas fileiras em busca de um pouco de paz e tranquilidade.

— Meus senhores — disse o camelo humildemente —, nós temos pesadelos à noite e ficamos com muito medo. Sou um mero camelo de carga da Trigésima Nona Infantaria Nativa. Não sou valente como vocês, meus senhores.

— Então por que você não fica carregando a carga da Trigésima Nona Infantaria Nativa em vez de correr pelo acampamento? — perguntou o burro.

— São pesadelos muito ruins — disse o camelo. — Peço desculpas. Ouçam! O que é isso? Devemos sair correndo de novo?

— Fique sentado — disse o burro —, ou vai quebrar suas pernas de canço tropeçando nesses canhões. — Levantou uma orelha para

ouvir melhor. — Bois! — disse. — Bois da artilharia. Rapaz, você e seus amigos acordaram mesmo todo o acampamento. Não é pouca bagunça que faz um boi de canhão se levantar.

Ouvi uma corrente sendo arrastada. Nesse momento, uma canga com dois grandes bois brancos — daqueles que puxam os pesados canhões de cerco quando os elefantes se recusam a se aproximar dos disparos — juntou-se aos demais. Em seguida, quase tropeçando nas correntes, surgiu um outro burro de bateria chamando desesperadamente por “Billy”.

— É um dos nossos recrutas — disse o burro velho para o cavalo de cavalaria. — Ele está me chamando. Olha, meu jovem, pare de se esgoelar. O escuro nunca machucou ninguém.

Os bois de canhão deitaram-se por ali, ruminando, e o jovem burro se ajeitou perto de Billy.

— Coisas medonhas e horrorosas, Billy! Invadiram nossas fileiras enquanto estávamos dormindo. Você acha que eles vão nos matar? — perguntou.

— Me dá vontade de te dar um belo coice — disse Billy. — Só de pensar que um burro do seu tamanho e treinamento pode desgraçar nossa bateria diante desse cavalheiro...

— Gentileza, gentileza — disse o cavalo. — Lembrem-se de que eles sempre são assim. A primeira vez que vi um homem foi na Austrália, quando eu tinha três anos. De tão assustado, corri sem parar por meio dia. Caso tivesse visto um camelo, talvez estivesse correndo até hoje.

Quase todos os cavalos das tropas inglesas vêm da Austrália para a Índia e são domados pelos próprios soldados.

— É bem verdade — disse Billy. — Pare de tremer, meu jovem. A primeira vez que me colocaram os arreios e todas aquelas correntes

nas minhas costas, empinei as patas da frente e dei coices até que as coisas caíram de mim. Eu ainda não tinha aprendido toda a técnica “coicística” na época, mas o soldado disse que nunca tinha visto nada igual.

— Não eram os arreios que chocalhavam. Nada disso — disse o jovem burro. — Você sabe que não ligo mais para isso, Billy. Eram coisas como árvores que se abateram por todos os lados das fileiras. Coisas que babavam. No meio da correria, meu cabresto se rompeu e eu não consegui encontrar meu condutor nem você, Billy, por isso saí em disparada...

— Hum — disse Billy. — Assim que ouvi os camelos soltos, decidi vir para cá por livre e espontânea vontade. Quando um burro de bateria, de canhão de tarraxa, chama bois de carga de cavalheiros, é porque deve estar mesmo muito abalado. Quem são nossos amigos ali no chão?

Os bois de carga engoliram sua rinação e responderam juntos:

— Sétima parelha do primeiro canhão da Bateria de Grandes Canhões. Estávamos dormindo quando os camelos apareceram. No momento em que fomos pisoteados, nos levantamos e saímos andando. É melhor ficar quieto, deitado na lama, do que ser perturbado em uma boa cama. Dissemos ao seu amigo aqui que não havia motivo para ter medo, mas ele estava tão alterado que não nos ouviu. Bah!

E continuaram mastigando.

— É isso que dá ser medroso — disse Billy. — Bois de carga acabam rindo de você. Espero que tenha aprendido, juvenzinho.

O burro novato estalou os dentes e o ouvi dizendo algo sobre não ter medo de nenhum boi velho e gordo. Mas os bois só brindaram, batendo seus chifres, e continuaram mascando.

— Não fique com raiva por ter medo. Essa é a pior forma da covardia — disse o cavalo. — Acho que qualquer um merece perdão quando se assusta no meio da noite ao ver algo que não compreende. Uma vez, um recruta ficou contando histórias de víboras de quando estava na Austrália. Acabamos tão apavorados que nos assustamos com a ponta do nosso próprio arreio e arrebentamos nossas cordas, quatrocentos e cinquenta de nós.

— Essas coisas são aceitáveis em um acampamento — disse Billy. — Eu mesmo não descarto essas disparadas, só pela pura diversão, quando fico preso por um ou dois dias inteiros. Mas conte: o que você faz quando está em batalha?

— Ah, isso é um assunto totalmente diferente — disse o cavalo. — Dick Cunliffe monta em mim, cola seus joelhos nos meus lados e tudo o que eu tenho a fazer é olhar onde estou botando as patas. Procuro manter as patas de trás firmes e ser flexível.

— O que é ser flexível? — perguntou o jovem burro.

— Pelos eucaliptos das vastidões — resfolegou o cavalo —, quer dizer que nunca te ensinaram a obedecer aos comandos das rédeas? É impossível fazer qualquer coisa sem saber isso, a não ser que consiga dar a volta rápido quando puxam seu pescoço pelo freio. É caso de vida ou morte para o seu dono e, é claro, vida ou morte para você também; girar sobre as suas patas traseiras no momento em que sente a rédea no pescoço. Se não houver espaço para se virar, empine um pouco e dê a volta. Isso é ser guiado pelas rédeas.

— Não somos treinados assim — disse o burro Billy secamente. — Somos ensinados a seguir os movimentos de quem vai à frente: andar quando ele manda, parar quando ele manda. Acho que dá tudo no mesmo. Aliás, além de todo esse papo de empinar, o que não deve ser muito bom para as juntas, qual a vantagem em ser guiado?

— Isso depende — disse o cavalo. — Geralmente tenho de passar

no meio de uma balbúrdia de homens cabeludos com facas, daquelas compridas e brilhantes, muito piores do que as dos ferreiros.

Também devo tomar cuidado para que a bota de Dick só encoste na bota do homem ao lado, sem esmagá-lo. Consigo ver a lança de Dick com meu olho direito e assim sei que está tudo bem. Eu não gostaria de ser o homem ou o cavalo na nossa frente quando estamos em batalha.

— E as facas são afiadas? — perguntou o jovem burro.

— Certa vez ganhei um corte no peito, mas não foi culpa de Dick...

— Quem se importa de quem foi a culpa se você foi ferido? — disse o jovem burro.

— Pois deveria — disse o cavalo. — Se você não confia no seu dono, então é melhor fugir logo de uma vez. É isso o que alguns dos nossos cavalos fazem e eu não os culpo. Como eu dizia, não foi culpa de Dick. Um homem estava deitado no chão e eu me estiquei todo para não pisar nele. Foi ele quem me acertou por baixo. Da próxima vez que for passar por cima de um homem deitado, vou pisar nele... sem dó.

— Hum! — disse Billy. — Atitude meio infantil. Melhor ficar longe das facas. A coisa certa a fazer é escalar uma montanha com a sela bem afivelada, equilibrar-se nas quatro patas, manter-se atento e continuar escalando, segurando e ajambrando até estar a dezenas de metros acima dos outros, numa beira onde só há espaço suficiente para os seus próprios cascos. Depois, você fica em pé, bem parado, nunca peça para um homem segurar a sua cabeça, meu jovem. Mantenha-se sempre calmo enquanto os canhões são montados e principalmente depois que projéteis começarem a ser disparados lá embaixo, na copa das árvores, como flores de papoula.

— Você não tropeça? — perguntou o cavalo.

— Quando uma mula tropeça, nasce uma orelha na galinha — respondeu Billy. — De vez em quando uma sela de carga meio solta pode atrapalhar um burro, mas isso é raro. Queria poder te mostrar como fazemos. É lindo. Ora, levei três anos para entender o que os homens me pediam. A técnica da coisa é evitar ficar à vista contra o horizonte porque, se ficar, podem te acertar um tiro. Lembre-se disso, meu jovem. Sempre fique o mais escondido que puder, mesmo se precisar desviar quilômetros do seu caminho. Eu lidero a bateria quando fazemos esse tipo de escalada.

— Ser alvejado sem poder ir contra quem está atirando em você! — disse o cavalo pensando no caso. — Eu não aguentaria isso. Eu daria a carga... com Dick.

— Ah, não. Nem vale a pena. Você sabe que assim que as armas forem posicionadas, quem dará a carga serão os canhões. É pura técnica. Mas facas... bah!

O camelo de carga meneava a cabeça há um bom tempo, ansioso por palpitar sobre terrenos rochosos. Então o ouvi dizer nervosamente, limpando a garganta:

— Eu... eu... tenho pouca experiência em batalhas, mas nenhuma em escaladas ou fugas.

— Sim. Agora que tocou no assunto — disse Billy —, não me parece que você sirva para escaladas ou corridas... não muito. Mas conte como foi sua batalha, seu velho Rolo de Feno.

— Foi como tinha de ser — disse o camelo. — Nós nos sentamos...

— Ai, minha cilha e meu cepilho! — disse baixo o cavalo de tropa. — Sentaram!

— Sentamos... éramos uns cem — continuou o camelo —, numa grande praça, e os homens empilharam as cargas e as selas em volta

de nós e passaram a atirar por sobre as nossas corcovas, sim, por todos os lados.

— Que tipo de homens? Qualquer homem? — perguntou o cavalo.
— Eles nos ensinam na escola de montaria a ficar deitados e deixar nossos donos atirarem apoiados na gente, mas Dick Cunliffe é o único que eu deixaria fazer isso. Me dá coceira na virilha e, além disso, não se vê nada com a cabeça deitada no chão.

— E importa quem está atirando por cima de você? — disse o camelo. — Com tantos homens e camelos em volta, acaba tudo numa fumaceira danada... Eu não fico com medo. Só me sento e fico esperando terminar.

— E mesmo assim — disse Billy — você tem pesadelos e perturba o acampamento à noite. Que beleza! Antes de eu me deitar, que dirá me sentar, e deixar um homem atirar apoiado em mim, meus cascos e a cabeça dele teriam uma boa conversa. Onde já se ouviu um absurdo desses?

Houve um longo silêncio, então um dos bois de canhão levantou sua enorme cabeça e disse:

— É. Realmente é uma tolice. Só há uma maneira de lutar.

— Ah, me conte — disse Billy. — Por favor, conte para nós. Imagino que vocês lutem se equilibrando sobre o rabo.

— Só um jeito — disseram os dois juntos. (Talvez fossem gêmeos.)
— Só assim. Colocam vinte de nós para puxar o grande canhão tão logo Dois Rabos (“Dois Rabos” é a gíria do acampamento para elefantes) trombeteia.

— E por que Dois Rabos trombeteia? — perguntou o jovem burro.

— Para avisar que não dará mais nenhum passo em direção à fumaça do outro lado. Dois Rabos é um grande covarde. Juntos, nós arrastamos o grande canhão... *Eia! Ôa! Eia! Ôa!* Não escalamos como

gatos, nem corremos como novilhos. Atravessamos a planície, uns vinte de nós, emparelhados, até levantarem nossas cangas. Depois disso, ficamos pastando enquanto os grandes canhões estrondeiam ao longo da planície. Seus projéteis atingem alguma cidade de muros de barro, que desaba erguendo poeira como quando uma manada está voltando para casa.

— Ah! E vocês pastam justo nessa hora? — disse o jovem burro.

— Sim, como em qualquer outra hora. Comer é sempre bom. Ficamos lá até recolocarem nossas cangas para puxarmos o canhão de volta para onde Dois Rabos ficou esperando a gente. Às vezes, as cidades têm canhões que troam de volta e matam alguns de nós... assim sobra mais pasto para quem sobreviveu. É o destino. Dois Rabos, enquanto isso, continua sendo um grande covarde. Esse é o jeito certo de lutar. Somos irmãos de Hapur. Nosso pai era um touro sagrado de Shiva. É isso.

— Bem, posso dizer que aprendi alguma coisa esta noite — disse o cavalo de tropa. — Vocês, cavalheiros da bateria das tarraxas, sentem vontade de comer quando alvejados por grandes canhões e com Dois Rabos na retaguarda?

— Tanto quanto sentimos vontade de sentar no chão e deixar homens atirar sobre nós ou correr para cima de gente com espadas. Nunca ouvi uma coisa dessas. Me dê um desfiladeiro, uma carga bem arrochada, um guia confiável que me deixe escolher o melhor caminho e pode contar comigo. Já essas outras coisas, não! — disse Billy batendo seu casco no chão.

— Claro — disse o cavalo —, cada um é feito de uma forma. Posso ver claramente que a família do lado de seu pai não conseguia entender muita coisa.

— Nunca se dirija à família do lado do meu pai — disse Billy furioso, porque os burros odeiam ser lembrados que seus pais são

jumentos. — Meu pai era um cavalheiro do sul, capaz de derrubar, morder e coicear qualquer cavalo que encontrasse até fazê-lo em pedaços. Lembre-se disso, seu grande baio assilvestrado — assilvestrado significa “cavalo selvagem sem linhagem”.

A raiva que uma charrete sentiria se fosse chamada de patinete é pouco perto de dizer que um mustangue australiano é assilvestrado. Mesmo no escuro, vi o branco dos seus olhos faiscar de ódio.

— Olha aqui, seu filho de um jegue de Málaga — disse ele cerrando os dentes —, fique sabendo que sou parente por parte de mãe de Carbine, vencedor da Copa Melbourne. De onde venho não temos o costume de levar desaforo para casa, principalmente de um burro boca-mole cabeça de ostra da bateria de lançamento de amendoins de festim. Defenda-se!

— Vá se empinando! — guinchou Billy.

Ambos foram se afastando sem desviar os olhos um do outro. Eu esperava uma luta ferrenha, quando uma voz aquosa e retumbante se pronunciou da escuridão, à direita.

— Crianças, qual o motivo dessa briga? Acalmem-se.

Ambos voltaram às quatro patas, bufando de desgosto. Nem o cavalo nem o burro suportam ouvir a voz de um elefante.

— É o Dois Rabos! — disse o cavalo de tropa. — Não suporto esse cara. Um rabo na frente e outro atrás é covardia!

— Concordo plenamente — disse Billy, aproximando-se do cavalo para formar um grupo. — Somos parecidos em vários aspectos.

— Acho que herdamos isso das nossas mães — disse o cavalo. — Não vale a pena discutir. Olá Dois Rabos, você está preso?

— Sim — disse Dois Rabos com uma gargalhada saindo pela tromba. — Fui acorrentado na estaca para passar a noite. Ouvi a

conversa de vocês até agora, amigos. Mas não tenham medo. Não vou até aí.

Os bois e o camelo cochicharam:

— Medo de Dois Rabos... que absurdo!

Os bois continuaram:

— Sentimos muito que tenha ouvido, mas é verdade. Dois Rabos, por que você tem medo de tiros de canhão?

— Bom — disse Dois Rabos, roçando uma pata traseira na outra, exatamente como um garotinho recitando um poema. — Não sei se vão entender.

— Não vamos, mas os canhões são puxados por nós — disseram os bois.

— Eu sei. E sei que vocês são bem mais corajosos do que imaginam. Mas comigo é diferente. O capitão da minha bateria me chamou de Anacronismo Paquidermatoso outro dia.

— Suponho que seja um outro tipo de luta? — disse Billy recuperando o humor.

— É claro que vocês não sabem o que isso significa, mas eu sei, e esta é a minha sina. Consigo ver na minha imaginação o que vai acontecer depois que a bomba explodir, mas vocês, bois, não.

— Eu consigo — disse o cavalo de tropa. — Pelo menos um pouco. Mas não fico pensando nisso.

— Consigo ver mais do que vocês e não posso parar de pensar nisso. Sei que dou trabalho por ser muito grande. Sei que ninguém consegue cuidar de mim quando me machuco. A única coisa que fazem é suspender o salário do meu condutor até eu sarar. Para piorar, eu não confio nele.

— Ah! — disse o cavalo. — Isso explica tudo. Eu confio em Dick.

— Mesmo com um destacamento inteiro de Dicks nas costas não vou me sentir melhor. Sei o suficiente para não me sentir seguro, mas não o suficiente para enfrentar o medo e ir em frente.

— Não entendemos — disseram os bois.

— Sei que não. Não estou falando com vocês. Vocês nem sabem o que é sangue.

— Nós sabemos — disseram os bois. — É a coisa vermelha e fedida que molha o chão.

O cavalo deu um coice, um salto e um relincho:

— Nem falem — disse. — Sinto o cheiro só de pensar. Me dá vontade de sair correndo... mesmo quando Dick não está montado.

— Mas não tem sangue aqui — disseram o camelo e os bois. — Por que você é tão bobo?

— Que coisa nojenta — disse Billy. — Não quero correr e também não quero falar disso.

— Agora chegamos ao ponto! — disse Dois Rabos abanando a cauda para explicar.

— É isso mesmo. Sim, estamos nesse ponto a noite toda — disseram os bois.

Dois Rabos bateu o pé até sua argola de ferro tilintar.

— Ah, não é disso que estou falando. Falo que não enxergam dentro da cabeça de vocês.

— Não. Nós vemos com nossos olhos — disseram os bois. — Vemos as coisas que estão na nossa frente.

— Se eu tivesse um só desejo, vocês não precisariam mais empurrar os grandes canhões. Nunca mais. Por exemplo, se eu fosse o capitão, que consegue ver as coisas dentro da sua cabeça antes de os tiros começarem e se treme todo, mas sabe bem que não pode fugir...

bem, se eu fosse como ele, eu mesmo empurraria os canhões. Se eu fosse tão sábio como ele, jamais teria vindo pra cá. Eu seria um rei na floresta como antigamente, dormindo metade do dia e tomando banho quando me desse vontade. Faz mais de um mês que não tomo um bom banho.

— Isso tudo é muito bonito — disse Billy —, mas dar um nome comprido para uma coisa não melhora nada.

— Shh! — sussurrou o cavalo de tropa. — Acho que entendi o que Dois Rabos quis dizer.

— Em um minuto vocês me entenderão melhor — disse Dois Rabos irritado. — Agora, me expliquem qual o motivo de vocês não gostarem disso!

E começou a barrir furiosamente, o mais alto que podia.

— Pare com isso! — disseram Billy e o cavalo juntos, batendo os cascos e tremendo.

O bramido de um elefante é sempre incômodo, especialmente na calada da noite.

— Não paro — disse Dois Rabos. — Podem me explicar, por favor? Hhrrmph! Rrrt! Rrrmph! Rrrhha!

E quando ele parou, ouvi um choramingo no escuro e percebi que Raposinha finalmente tinha me encontrado. Ela sabia tão bem quanto eu que se há uma coisa no mundo que elefantes temem mais do que qualquer outra é o latido de um cachorro. Por isso ela parou para intimidar Dois Rabos, que estava preso, e latiu rodeando suas grandes patas. Dois Rabos se descontrolou e reclamou:

— Sai, cachorrinho! — disse. — Se cheirar meus calcanhares eu te chuto. Cachorrinho bonzinho... muito bonzinho, olha! Vá para casa, sua coisinha barulhenta! Ai, alguém pode tirá-la daqui? Vai acabar me mordendo.

— Me parece — disse Billy ao cavalo — que nosso amigo Dois Rabos tem medo de muita coisa. Se me dessem uma refeição completa para cada coice que já dei em cachorros nos desfiles, eu estaria tão gordo quanto Dois Rabos.

Dei um assobio e Raposinha veio correndo, toda enlameada. Lambeu meu nariz e me contou a longa história de como ficou me procurando pelo acampamento a noite toda. Nunca a deixei perceber que eu entendia a língua dos bichos, senão ela acabaria tomando certas liberdades. Ajeitei-a dentro do meu sobretudo. Dois Rabos se inquietou, pisoteou e grunhiu sozinho.

— Extraordinário! Que extraordinário! — disse. — Está no meu sangue. Mas para onde é que foi a ferinha insolente?

Pude ouvi-lo tateando com sua tromba.

— Parece que todos temos algum ponto fraco — continuou, assoando o nariz. — Vocês, cavalheiros, ficaram assustados quando dei meu berro.

— Não exatamente — disse o cavalo de tropa. — Senti como se besouros estivessem andando nas minhas costas no lugar da minha sela. Não faça de novo.

— Eu tenho medo do cachorrinho. Já o camelo aqui está apavorado com seus pesadelos.

— Temos sorte de não lutarmos todos da mesma maneira — disse o cavalo.

— O que eu quero saber... — disse o jovem burro que já estava quieto fazia um bom tempo — é por qual motivo nós lutamos.

— Porque nos mandam — disse o cavalo com um relincho de desdém.

— Ordens — disse o burro Billy estalando seus dentes.

— *Hukm hai!* (É uma ordem!) — disse o camelo com um gargarejo.

Dois Rabos e os bois repetiram:

— *Hukm hai!*

— Sim, mas *quem* dá as ordens? — disse o burro recruta.

— O homem à sua frente... ou o que está montado em você... ou o que puxa o arreio... ou aquele que torce o seu rabo — disseram Billy, o cavalo, o camelo e os bois, um após o outro.

— Mas *quem* dá ordens a eles?

— Agora você está querendo saber demais, meu jovem — disse Billy. — Vai acabar levando um coice. Tudo o que você tem a fazer é obedecer ao homem que te puxa e não fazer perguntas.

— Ele está certo — disse Dois Rabos. — Não consigo obedecer sempre porque fico naquela dúvida. Billy tem razão. Obedeça às ordens do homem mais próximo ou você acaba parando toda a bateria e pode acabar apanhando.

Os bois de canhão se levantaram.

— Está quase amanhecendo — disseram. — Vamos voltar para as nossas fileiras. É verdade que só conseguimos enxergar o que nossos olhos veem. Não somos muito inteligentes, mas, mesmo assim, somos os únicos que não tiveram medo esta noite. Boa noite, gente corajosa.

Ninguém respondeu e o cavalo de tropa pediu para mudar de assunto:

— Cadê o cachorrinho? Sempre tem algum homem perto de um cão.

— Estou aqui — latiu Raposinha —, debaixo da traseira do canhão. Estou com meu dono, seu camelo desengonçado. Você desarmou nossa barraca. Meu dono está muito bravo.

— Xi! — disseram os bois. — Ele deve ser branco!

— É claro que é — disse Raposinha. — Você acha que um tocador de bois negro seria meu dono?

— Huah! Ach! Ugh! — disseram os bois. — Vamos cair fora daqui, rápido.

Ambos se foram pela lama. De algum modo conseguiram enroscar sua canga no mastro do vagão de munição.

— Agora vocês se superaram — disse Billy calmamente. — Não esperneiem. Vão ficar pendurados aí até o sol nascer. Por que saíram correndo assim?

Os bois continuaram fazendo o ronco longo, comum ao gado indiano, e empurraram, se embolaram, se contorceram, repisaram, escorregaram e quase caíram na lama, grunhindo de nervosos.

— Mais um pouco e vão quebrar o pescoço — disse o cavalo de tropa. — Por que tanto medo de homens brancos? Eu convivo com eles.

— Eles... comem... a gente! Empurra logo! — disse o boi mais próximo.

A canga se quebrou com um estalo e ambos se livraram.

Nunca ouvi dizer que o gado indiano tinha tanto medo dos ingleses. Nós comemos carne, coisa que nenhum boiadeiro faria... esse pavor todo deixou muito claro que gado nenhum gosta disso.

— Que me chicoteiem com meu próprio arreio! Quem teria imaginado dois gigantes como esses perdendo a cabeça assim? — disse Billy.

— Deixe os dois. Quero dar uma olhada nesse homem. A maioria dos brancos, até onde sei, sempre tem coisas nos bolsos — disse o cavalo de tropa.

— Até mais, então. Não posso dizer que caio de amores por eles.

Além do mais, brancos que não têm onde dormir acabam virando bandidos. Tenho uma boa quantidade de propriedade governamental no meu lombo. Venha, meu jovem, vamos voltar para as nossas fileiras. Boa noite, Austrália! Nos vemos amanhã no desfile. Boa noite, velho Rolo de Feno! Tente controlar seus medos, está bem? Boa noite, Dois Rabos! Se passar por nós amanhã, nada de tocar sua tromba. Vai bagunçar nossa formação.

Billy, o burro, saiu naquele trote espalhafatoso de soldado experiente, ao mesmo tempo que a cabeça do cavalo veio fuçar no meu sobretudo e eu lhe dei uns biscoitos. Quanto a Raposinha — que é uma cachorrinha bem pretensiosa —, ficou contando vantagem a ele sobre sermos, eu e ela, donos de dezenas de cavalos.

— Amanhã irei ao desfile em meu veículo canino — disse ela. — Onde você vai estar?

— À esquerda do segundo esquadrão. Sou eu quem dá o ritmo à tropa, senhorita — disse ele educadamente. — Agora, preciso encontrar Dick. Meu rabo está todo enlameado e ele terá duas horas de trabalho duro para me arrumar antes do desfile.

O grande desfile com todos os trinta mil homens aconteceu naquela tarde. Raposinha e eu ficamos em um bom lugar, próximo ao vice-rei e ao emir do Afeganistão, que usava uma grande cartola de lã de cordeiro com uma enorme estrela de diamante no centro. O sol brilhou durante a primeira parte da revista. Os regimentos marcharam em ondas e mais ondas de pernas em passos sincronizados. Filas de canhões alinhados que até davam tontura de olhar. Depois veio a cavalaria, trotando seu belo passo de “Bonnie Dundee”.^[30] Raposinha esticou suas orelhas de onde estava sentada em seu carrinho. O segundo esquadrão de lanceiros despontou e com ele o cavalo de tropa com seu rabo penteado e sedoso, o queixo quase tocando o peito, uma orelha espichada para a frente e outra para trás,

marcando o passo de todo o esquadrão e com as pernas movendo como se estivessem dançando uma valsa. Depois vieram os grandes canhões. Vi Dois Rabos e outros dois elefantes em fila vestindo armaduras, puxando um enorme canhão de cerca de quarenta tiros, enquanto vinte parelhas de bois vinham logo atrás. A sétima parelha estava de canga nova e os dois parceiros pisavam duro de tão cansados. Por último vieram os canhões de tarraxa, o burro Billy se portava como se fosse o comandante de todos os soldados. Seus arreios estavam tão lustrosos e brilhantes que até ofuscavam a vista. Dei um aceno tímido para o burro Billy, mas ele sequer olhou para os lados.

A chuva começou a cair e, por um momento, a névoa nos impediu de ver o que as tropas faziam. Tinham formado um meio círculo ao longo da planície e se dispersavam formando uma fila, que foi crescendo, crescendo, crescendo até ficar com quase um quilômetro de uma ponta à outra... uma sólida muralha de homens, animais e canhões. Depois, vieram todos marchando direto na direção do vice-rei e do emir. O chão tremia conforme eles se aproximavam — como treme o convés de um barco a vapor quando os motores estão à toda.

A menos que você estivesse lá, é impossível imaginar o efeito aterrador que essa marcha decidida teve sobre os espectadores, mesmo sabendo se tratar de um simples desfile. Olhei para o emir. Até esse momento, ele não tinha demonstrado sequer um sinal de admiração ou assombro. Mas agora seus olhos se abriam cada vez mais e apertava forte as rédeas do cavalo, olhando rapidamente para trás. Por um minuto pareceu que ele estava prestes a sacar sua espada e abrir seu caminho entre os homens e mulheres ingleses em suas carruagens para fugir pela retaguarda. Quando o avanço terminou, o chão parou de tremer e a fileira toda saudou. Trinta bandas começaram a tocar juntas. Assim terminou a revista das tropas.

Então, todos os regimentos partiram em direção às barracas, sob forte chuva. Nesse momento, a banda de infantaria disparou:

Os animais vieram aos pares,

Hurra!

Os animais vieram aos pares,

Do elefante ao burro de bateria,

E todos entraram na arca

Para não ficar na chuva!

Ouvi um velho chefe cabeludo e grisalho da Ásia Central que acompanhava o emir fazer as seguintes perguntas a um oficial nativo.

— Diga-me — disse ele —, como é organizar esta maravilha?

E o oficial respondeu:

— Deram essa ordem e nós obedecemos.

— E os animais são tão sábios quanto os homens? — perguntou o chefe.

— Eles obedecem, assim como os homens. Burro, cavalo, elefante ou boi, todos obedecem aos seus condutores, os quais obedecem ao sargento, que, por seu turno, obedece ao tenente. Já o tenente obedece ao capitão, o capitão ao major, o major ao coronel, o coronel ao brigadeiro, que comanda três regimentos. O brigadeiro, por sua vez, obedece ao general, que obedece ao vice-rei, que é servo do Império. É assim.

— Quem dera fosse igual no Afeganistão! — disse o chefe. — Porque lá nós só obedecemos mesmo às nossas próprias vontades.

— Foi por isso — disse o oficial nativo enrolando seu bigode — que o emir ao qual você não obedece precisou vir até aqui para receber ordens do nosso vice-rei.

MÚSICA DE DESFILE PARA ANIMAIS DE CASERNA

Elefantes de Artilharia

Emprestamos a Alexandre a força de Hércules

Sabedoria na cabeça, agilidade nos pés;

Obedecemos quando em guarda:

Abram alas para as tropas pesadas,

Dos grandes canhões de muitas toneladas.

Bois de Canhão

Os heróis de cabresto temem as balas,

Temem a pólvora e ficam sem fala;

Então, entramos em ação, puxando a armada.

Abram alas para vinte parelhas

Dos grandes canhões de muitas toneladas.

Cavalos de Cavalaria

Medalhas nos ombros e voz afinada.

Lanceiros, hussardos, dragões e mais nada,

Mais importante do que currais ou água,

É o trote da cavalaria com “Bonnie Dundee” !

Comida, água, cuidados e escova,

Bons cavaleiros e uma esplanada,

Ordene o ataque de nossa coluna

A guerra dos cavalos com “Bonnie Dundee”!

Burros de Tarraxa

Quando escalamos as montanhas

O caminho desmorona atrás de nós;

Equilíbrio ao subir rapazes, sempre chegamos lá!

É um prazer a altura da montanha, cascos melhores não há!

A trilha escolhida é a sorte aos oficiais;

Azar do tropeiro que não sabe selar:

Equilíbrio ao subir, rapazes, sempre chegamos lá,

É um prazer a altura da montanha, cascos melhores não há!

Camelos do Comissariado

Camelamos por uma canção só nossa.

Por favor, ajude a compor este trote.

Cada pescoço é uma tuba peluda.

(Rá-tá-tá-tá! Uma tuba peluda!)

E este é o nosso mote:

Não pode! Não deve! Não vai!

Vá avisando a fileira!

A carga de alguém caiu da sela,

Antes fosse a minha!

A sela de alguém caiu na trilha...

Vamos parar e depois vamos brigar!

Urrr! Yarrh! Grr! Arrh!

Alguém volte lá para pegar!

Todos os Bichos Juntos

Somos os filhos da caserna,

Obedecendo às ordens sem baderna,

Filhos da canga e chicote,

Da carga, cabresto, sela e trote.

Nossa marcha vai pela estrada,

Como uma corda que foi esticada,

Sem nunca parar, sempre em frente,

A caminho da guerra, literalmente!

Mas o soldado ao nosso lado,

Sujo, quieto e cansado,

Não sabe nos dizer

Para que tanto marchar e sofrer.

Somos os filhos da caserna,

Obedecendo às ordens sem baderna,

Filhos da canga e chicote,

Da carga, cabresto, sela e trote.